

BLUMENAU

em Cadernos



BLUMENAU

em Cadernos

Ministério da Educação
Carlos Zilio, no Paraná
Anuarie Fouquet Schmitz
Cristina Pereira (Pereira)

Logo depois da partida deste grupo, o entusiasmo para combater não havia diminuído em Curitiba. Somente no mês de novembro houve 11 pedidas. Deves, grande parte partiu sem autorização do governo. Deves que as autoridades pediram o andamento dos processos, o que não impediu a saída dos presidentes. Quase todos alegavam como motivo para cumprir "processos" em suas condições de vida.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

Décio Nery de Lima
Prefeito Municipal

Inácio Mafra
Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Bráulio Maria Schloegel
Presidente

Maria Teresinha Heimann
Diretora Administrativo-Financeira

Sueli M. V. Petry
Diretora Histórico-Museológica

Dirceu Bombonatti
Diretor do Centro de Publicação, Documentação e Referência em Leitura

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry
Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Cristina Ferreira (*Presidente*)
Annemarie Fouquet Schünke
Cezar Zillig, Ivo Marcos Theis,
Méiri Frotscher, Urda Alice Klueger

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



BLUMENAU
em Cadernos

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 – Caixa Postal, 425 - 89015-010 – Blumenau (SC)

Fone (0**47) 326-6990 - E-mail: funculbl@terra.com.br

Capa: A mulher e o trabalho

Silvio Roberto de Braga

Revisão: Valdir A. Petry / José Rodrigues

Digitação: Fábio Araújo Supriano



EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO

Rua XV de Novembro, 161 – Centro – Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC

Fone (0**47) 326-7511 - E-mail: ecmfcbl@terra.com.br

<http://www.fundacaoculturaldeblumenau.com.br>

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau – SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -

II.

Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907

© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento

“Impresso no Brasil / Printed in Brazil”

SUMÁRIO

Apresentação 7

Documentos Originais – Artigo

A emigração de cidadãos de Kirrlach no século XIX

Ludwig Hillebrand 9

Artigos

Presença açoriana na literatura da Ilha de Santa Catarina

Lélia Pereira da Silva Nunes 43

A revolução verde no Brasil

Miguel Mundstock Xavier de Carvalho 53

Memórias

Nosso sonho de voar

Brigitte Fouquet Rosenbroch 68

História & Historiografia

O batalhão patriótico

José Bento Rosa da Silva 69

Mulher alemã: mulher trabalhadeira.

A cultura do trabalho / 1850-1900

Cristina Scheibe Wolff 74

Esporte & Lazer

Comunicados do Distrito de Ginástica do Vale do Itajaí 97

Correspondência - Tradução

Hermann Blumenau (1819- 1899) e
Hermann Trommsdorff (1811-1884)
Irene R. Lauterbach / Curt Heise 106

Crônicas do Cotidiano

O Maligno
Alfredo Scottini 112

Autores Catarinenses

40 anos
Enéas Athanázio 115

Apresentação

Os textos, artigos, memórias, traduções e demais colunas que compõem este número de “Blumenau em Cadernos” integram temas de relevância na atualidade, abrangem as mais diversas esferas sociais, além de terem o mérito de enriquecer a história regional e catarinense.

Ludwig Hillebrand finaliza, na coluna bilíngüe **Documentos originais**, o texto que versa sobre a “A emigração de cidadãos de Kirrlach no século XIX”. A tradução é um trabalho do Sr. Curt Hoeltgebaum.

A articulista, pesquisadora da cultura popular catarinense e professora de Cultura Organizacional do Curso de Pós-Graduação em Gestão Pública da UNISUL, Lélia Pereira da Silva, publica, na coluna **Artigos**, o texto “Presença açoriana na literatura da Ilha de Santa Catarina”. Segundo a autora, “*a proposta de escrever um artigo sobre escritores da Ilha de Santa Catarina, cuja produção literária esteja fortemente marcada pela presença açoriana, é resultado da necessidade sentida de aproximar os açorianos do arquipélago e das comunidades da diáspora de outras vozes, nascidas na margem de cá do Atlântico Sul...*”.

“A Revolução Verde no Brasil”. Com esta chamada o mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Miguel Mundstock Xavier de Carvalho, publica na coluna **Artigos** uma discussão muito oportuna e atual em torno do meio ambiente e a história da agricultura no último século, bem como levanta a problemática do termo “Revolução Verde” e o seu significado.

Na seção **Memórias**, a colaboradora Brigitte Fouquet Rosenbroch, revendo suas lembranças de infância, escreve “Nosso sonho de voar”.

O pesquisador e doutorando em História do Brasil, Prof. José Bento Rosa da Silva, apresenta, em **História&Historiografia**, o texto intitulado “O Batalhão Patriótico”: Estivadores de Itajaí na Revolução Constitucionalista de 1932”, no qual aborda o envolvimento daqueles trabalhadores portuários no conturbado período dos anos trinta.

Cristina Scheibe Wolff, é pesquisadora em gênero e professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. No ano de 1991, defendeu a dissertação de mestrado na USP, onde focalizou o tema “Mulheres da Colônia Blumenau: cotidiano e trabalho, 1850-1900”. Nesta edição, na coluna **História&Historiografia**, a autora publica uma

versão quase integral do primeiro capítulo da dissertação que denominou: “Mulher alemã, mulher trabalhadeira: a cultura do trabalho - 1850-1900”. A profundidade da pesquisa traz para leitores e leitoras um interessante retrato da contribuição do trabalho da mulher nos primeiros cinquenta anos da Colônia, compreendendo não só o doméstico, mas também outros tipos de atividades, abrangendo uma “articulação das esferas da produção e da reprodução sociais e das relações entre as classes e os sexos”.

A ginástica em Blumenau é uma prática desenvolvida desde os tempos coloniais, quando nasceu, em 1873, a primeira sociedade deste gênero. O grande acontecimento centrava-se nos encontros e torneios anualmente realizados com ginastas vindos das mais distantes regiões do Vale do Itajaí. Os participantes recebiam dos organizadores do evento instruções e orientações, conforme revelam os “Comunicados do Distrito de Ginástica do Vale do Itajaí”, do ano de 1916, os quais estão publicados na coluna **Esporte & Lazer**.

Na coluna **Correspondência & Tradução**, publica-se a primeira parte do resultado do trabalho da pesquisadora alemã Irene R. Lauterbach, no qual comenta a troca de cartas entre Hermann Blumenau e o farmacêutico, fabricante de produtos químicos, Hermann Trommsdorff. As traduções estão sendo realizadas pelo Sr. Curt Heise, colaborador da revista.

O professor Alfredo Scottini, em **Crônicas do Cotidiano**, trabalha com o imaginário de moradores da estradinha de San Pierolin, na região italiana de Rodeio, município próximo a Blumenau. O texto narrado com muito bom humor e perspicácia foi denominado “O Maligno”.

Finalizando esta edição de Blumenau em Cadernos, o escritor e advogado Enéas Athanázio comenta, em **Autores Catarinenses**, os 40 anos do golpe militar de 1964, remetendo-se à obra de Carlos Heitor Cony e Anna Lee: “O beijo da Morte”. Em outro momento disserta sobre os 70 anos de falecimento de Humberto de Campos.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretora de “Blumenau em Cadernos”

A emigração de cidadãos de Kirrlach no século XIX

(continuação)

Ludwig Hillebrand¹

Documentos
Originais - Artigos

Do ano de 1865 até 1878 não constam pedidos de emigração para o Brasil. Porém no ano de 1879 surgiu uma nova onda migratória, com 22 pedidos, somando 59 pessoas (34 pessoas partiram simultaneamente e embarcaram provavelmente no mesmo navio rumo ao Brasil).

Isto alertou as autoridades. O que havia acontecido?

Na primavera de 1879, a esposa de Heinrich Kramer, Catharina nasc. Müller (veja 1865, n° 3) e Andréas Meyer (veja 1860, n° 1), vieram visitar seus parentes em Kirrlach. As condições financeiras e relatos destes visitantes animaram muitos a formular seus pedidos de emigração.

De um relatório posterior do conselho comunitário, às autoridades locais, podemos concluir o seguinte:



¹ Tradução: Curt Hoeltgebaum – (continuação do texto publicado na edição de julho/agosto – 2004).

Die Auswanderung Kirrlacher Bürger im 19. Jahrhundert

In den Jahren von 1865 bis 1878 sind keine Auswanderungsanträge nach Brasilien bekannt. Das Jahr 1879 sollte nun aber einen richtigen Auswanderer-Boom bringen/mit 22 Auswanderungsanträgen und insgesamt 59 Personen. (34 Personen verließen zur gleichen Zeit Kirrlach und fuhren vermutlich mit demselben Schiff nach Brasilien.)

Das machte die Behörden hellhörig! Was war geschehen?

Im Frühjahr 1879 kamen Heinrich Kremers Ehefrau Catharina geb. Müller (siehe 1865 Nr.3) und Andreas Mayer (siehe 1860 Nr. 1) nach Kirrlach auf Besuch, wodurch viele Verwandte und Bekannte durch deren Verhalten und Berichte, wohl ermutigt wurden einen Auswanderungsantrag zu stellen.

Aus einem späteren Bericht des Gemeinderats an das Bezirksamt können wir folgendes entnehmen.

...Die Kirrlacher welche vor etwa 16 Jahren von hier nach Brasilien auswanderten heißen

- a. Heinrich Kremer mit Familie und
- b. Andreas Mayer

die Ehefrau des ersteren war im Frühjahr auf Besuch bei ihrem Sohn Philipp Kremer der in der Fabrik in Waghäusel Aufseher ist, und Andreas Mayer war bei Freunden und Bekannten hier, hat sich aber größtenteils in Philippsburg bei seinem Schwager N. Miet aufgehalten.

Mayer hat bedeutende Einkäufe gemacht..... An Geld fehlte es Maier nicht,deßgleichen

Heinrich Kremers Ehefrau nicht.....

Durch diese große Anzahl der Auswanderungsanträge, Kirrlacher Bürger, veranlaßte das Bezirksamt über die Gendamerie Station Wiesenthal, in Kirrlach, Erkundigungen über die Hintergründe einzuholen.Hier der Bericht des Gendarmen Bröberich an das Bezirksamt.

Großh. Gendamerie Corps

Wiesenthal 6 Juli 1879

3 Distrikt (Karlsruhe)

15 Bezirk (Bruchsal)

Station Wiesenthal

I. N. 94

An den 15 Gendamerie Bezirk (Bruchsal)

Auswanderung nach Brasilien.

Dem Bezirke melde ich zufolge mündlichen Auftrags

As pessoas de Kirrlach que saíram daqui para o Brasil são:

- a. Heinrich Kremer e família
- b. Andréas Meyer

A esposa do primeiro esteve aqui na primavera visitando seu filho Philipp Kremer, o qual trabalha como supervisor na fábrica “Waghäusel”, e Andréas Meyer de visita aos amigos e conhecidos daqui, permanecendo, no entanto, a maior parte do tempo em Philippsburg com seu cunhado N. Miet.

Meyer fez muitas compras... Dinheiro não faltou ao Meyer, e nem à esposa de Heinrich Kremer...

Devido ao grande número de pedidos de emigração por parte de cidadãos de Kirrlach, a Comarca pediu à Delegacia de Polícia em Wisenthal, em Kirrlach, buscar informações sobre o motivo.

Da: Delegacia de Polícia de Wiesenthal, 06 de julho de 1879.

Para: Polícia de Bruchsal

Emigração para o Brasil

Conforme instrução verbal, comunico atenciosamente a esta Comarca, que estive hoje em Kirrlach com o prefeito Oechsler e outras pessoas, buscando informações precisas referentes à emigração. Fui informado de que a recente visita do Brasil em Kirrlach, da esposa de Heinrich Kremer, Catharina nas. Müller, não incentivou pessoas a emigrar. Pelo contrário, ela teria dito abertamente aos interessados não pensarem que estariam melhor lá hoje do que na Alemanha. Poderia ser até o contrário:

1. Lá teriam que trabalhar mais e mais pesado do que aqui.
2. Lá não teriam rendimento regular, apenas uma subsistência precária.
3. Nenhum alemão gostou de lá no primeiro ano.
4. Acrescentou ainda, ter de dizer abertamente: “lá não somos

Großh. Bezirksamt vom gestrigen gehorsamst, daß ich heute in Kirrlach über die im Betreff genannte Auswanderung genaue

Erkundigungen eingezogen habe, wobei mir Bürgermeister Oechsler sowie auch noch andere Personen mittheilten, daß die kürzlich auf Besuch aus Brasilien nach Kirrlach gekommene Heinrich Krämer Ehefrau Katharina geborene Müller sich durchaus nicht mit Anwerben anderer Personen dorthin befasse und zwar aus nachstehenden Gründen, dieselbe habe den Auswanderungslustigen Personen ganz offen gesagt, daß sie ja nicht glauben sollen zu jetziger Zeit dort besser als in Deutschland zu sein, sondern sollen ihr glauben, daß es nur das Gegentheil ist.

1. müssen sie dort viel mehr und strenger arbeiten als wie hier
2. haben dieselben dort kein so geregelten, sondern einen ganz rauhen Lebensunterhalt.
3. daß es keinem Deutschen im'ersten Jahr dort gefalle und
4. habe sie noch beigesetzt, sie müsse ganz offen sagen, daß sie dort nicht reich sind, sondern nur ihr Auskommen haben und soll sich ja keiner auf Unterstützung von ihr verträsten, sondern dort ist jeder für sich, wollen jedoch ungeachtet dieses mehrere Personen ihr Glück in Amerika suchen, so will sie niemand abwehren, nur soll man ihr späther keinen Vorwurf machen.

Die beiden Familien welche sich entschlossen am 9 Juli in Kirrlach mit der Frau Krämer abzureisen geht eine in den Stadt Blumenau und die Andere in den Staat St. Katharina zu Verwandten dort, und die Ledigen wollen sich auch dorthin theilen und ebenfalls zu Anverwandten dort gehen. Sämtliche Personen welche an der Zahl 18 sein sollen haben in Mannheim bei dem Agent Wirsing dort accortirt.

Broberich Gendarm

Heute wissen wir, daß die Zahl von 18 Personen sich fast verdoppelte, denn vermutlich 34 Personen sind gemeinsam ausgewandert. Aus drei Briefen die von der Ankunft in Brasilien berich-

ten, sind uns auch ein Teil der Personennamen, dieser großen Gruppe bekannt. Einen Brief möchte ich hier ungekürzt wiedergeben.

Badenfurt den 8. September 1879

Lieber Bruder

Ich will dir die frohe Nachricht bringen (in diesen Zeilen) daß die Mutter wieder glücklich und gesund bei uns angekommen ist. Sonntag am 31 August kam der Simon Oechsler an und brachte die Order, daß die Mutter und die Franziska als am besagten Tage in Blumenau ankommen

ricos. Temos apenas o suficiente para sobreviver e ninguém deve contar com ajuda de outros, cada um para si. No entanto, se alguém, inadvertidamente, quiser buscar a sorte na América, não pode ser contrariado, mas também não poderá censurar ninguém depois.”

As duas famílias que decidiram partir com a Sra. Kremer, no dia 9 de julho, vão junto de parentes em Santa Catarina e Blumenau e os solteiros também querem se estabelecer junto de aparentados. Todas as pessoas, um total de 18, contrataram com o Agente Wirsching em Mannheim.

Policial Broberich

Hoje sabemos que o número de 18 pessoas praticamente dobrou, pois presumimos que 34 pessoas emigraram. De três cartas que relatam a chegada no Brasil, identificamos parte das pessoas deste grupo. Quero reproduzir aqui uma das cartas na íntegra.

Badenfurt, 08 de setembro de 1879.

Querido Irmão

Quero trazer-lhe notícias alegres, nestas linhas, dizendo que a mãe retornou aqui feliz e saudável. Domingo, 31 de agosto, Simon Oechsler trouxe a notícia de que a mãe e a Franciska chegariam em Blumenau no dia marcado; elas vêm embarcadas e o Simon adiantou-se vindo a pé. Quando o Simon chegou, reconheci-o de longe (após as saudações); deu a notícia de que um de nós, eu ou o Lui, deveria buscá-las. Troquei de roupa e depois de renovar nossa amizade com algumas garrafas de cerveja, saímos para Blumenau, onde a mãe, a esposa de Simon e Philipp Fenrich tinham acabado de chegar. A alegria foi grande, a mãe chorou de alegria. Fomos até um restaurante onde comemos, bebemos e em seguida rumamos em direção ao lar. Quando chegamos, a

würden sie sind zu Wasser und der Simon zu Fuß vorweg. Als der Simon kam, ich erkannte ihn schon von weitem und theilte mir mit (nachdem die Begrüßung vorüber war) daß einer von uns, ich oder der Lui sie abholen müßten. Ich zog mich natürlich gleich an und nachdem ich und der Simon durch ein paar Flaschen unsere alte Kameradschaft wieder erneuert hatten, fuhren wir nach Blumenau, wo die Mutter soeben mit Simon seiner Frau und Philipp Fenrich soeben ankam. Da war die Freude groß, die Mutter weinte vor Freude, wir gingen ins Wirthshaus aßen und tranken und fuhren nachher vergnügt der Heimat zu. Als wir ankamen war mein Haus schon voll. Alle Kirrlacher freuten sich mit uns jeder wollte was Neues wissen von Bekannten und Verwandten. Der Abend wurde beschlossen mit Gesang und Gläserklang und so ging es bis heute, jeden Abend ging es zu einem Andern und wurde Ankunfts fest gefeiert. Die Mutter war immer gesund auf der Reise desgleichen der Simon u. Frau und Kinder u. Philipp Fenrich. Simon u. Frau wohnen bei mir, Mittwoch wollen sie nach unsere Schwester Johanna hier da bekommen sie gleich etwas Land zum pflanzen. Wir geben uns Mühe ihnen den Anfang so leicht als möglich zu machen. Ihre Angehörigen brauchen sich in keiner Weise zu ängstigen, es wird für sie gesorgt werden. Philipp Fenrich ist heute in Regierungsarbeit getreten. Lieber Bruder ich danke dir für die Bücher die sind mir lieber als alles anders.

Neues kann ich dir nicht schreiben es ist noch alles beim Alten. Wir sind Alle gesund, der Vater hat sich sehr gefreut als die Mutter kam, er hat von Tag zu Tag gewartet. Die Mutter wurde gleich geholt als für etliche Tage, heut 6 Stund weit sie wollte noch ihre Unterschrift in mein Brief setzen aber sie ist noch nicht hier. Ich soll Euch Alle tausendmal grüßen von ihr und sie verbleibe immer Eure dankbare Mutter. Lieber Bruder grüße alle die Verwandtschaft von uns. Ich grüße Euch alle herzlich Deine Frau u. Kinder im Namen unser sämtlichen Geschwister und wir werden stets mit dankbarer Liebe Euer gedenken.

Dein treuer Bruder

Albert Kremer

Viele Grüße von meiner Frau Elise Kremer

=====

Aber selbst nach der Abreise dieser Gruppe, sollte es in Kirrlach noch keine „Auswanderungsberuhigung“ geben. Denn alleine vom Monat November sind 11 Auswanderungsanträge bekannt. Wovon ein großer Teil ohne erhaltene Staatserlaubnis auswanderte. Es scheint, daß die Behörden die Bearbeitung der Anträge verzögerte, wodurch sich die

casa estava cheia. Todos compartilharam sua alegria conosco e queriam saber das novidades e notícias de parentes e conhecidos. A noite terminou com canto e o tilintar de copos e assim continuou até hoje. Cada noite numa casa diferente, festejando a chegada. A mãe passou bem durante a viagem, assim como o Simon, sua esposa e filhos e Philipp Fenrich. O Simon e esposa moram comigo, na quarta-feira eles querem mudar para a casa da nossa irmã Johanna, onde receberão um pouco de terra para plantar. Estamos nos empenhando para tornar-lhes o começo o mais fácil possível. Seus parentes não precisam preocupar-se, nós os amparamos. Philipp Fenrich ingressou num serviço do governo. Querido Irmão, agradeço pelos livros que valem muito, mais do que qualquer outra coisa.

Não tenho novidades para relatar, tudo continua no mesmo. Estamos todos com saúde. O pai, que estava contando os dias, ficou muito feliz quando a mãe retornou. A mãe foi levada logo em seguida para ficar mais dias, a seis horas daqui. Ela queria colocar sua assinatura nesta carta, mas ainda não retornou. A vocês, mil saudações dela, com eterna gratidão de mãe. Nossas saudações também a todos os parentes de lá. Eu te saúdo, tua esposa e filhos em nome dos irmãos, lembrando eterna gratidão.

Teu fiel irmão
Albert Kremer

Abraços da minha esposa Elise Kremer

Mesmo depois da partida deste grupo, o entusiasmo para emigrar não havia diminuído em Kirrlach. Somente no mês de novembro houve 11 pedidos. Destes, grande parte partiu sem autorização do governo. Parece que as autoridades protelavam o andamento dos processos, o que não impediu a saída dos pretendentes. Quase todos alegavam como motivo para emigrar “retrocesso em suas condições de vida”.

Auswanderungswilligen jedoch nicht aufhalten liessen. Fast alle gaben „rückgängige Vermögensverhältnisse“ als Auswanderungsgrund an.

Am 12.11.79 ging wiederum ein Auftrag an die Gendarmerie, „Erhebungen darüber zu machen welche Beweggründe zur Auswanderung muthmaßlich Anlaß gegeben haben“.

Am 15 November schrieb der Gendarm Broberich folgenden Bericht an seine übergeordnete Dienststelle in Bruchsal.

Großh. Gendamerie Corps

III Distrikt/Karlsruhe/

15 Bezirk/Bruchsal

Station Wiesenthal

LN. 183

An den 15 Gendamerie Bezirk /Bruchsal/ 17578

Wiesenthal den 15 November 1879

Die Auswanderung des Anton Oechsler, Heinrich Brühmüller, Baptist Brühmüller, Hieronimus Würges, Andreas Würth und Michael Vogelbacher nebst Familien von Kirrlach nach Brasilien.

Vom Bezirke melde ich zufolge Weisung Gr. Bezirksamte vom 12. d.M. N 17363 gehorsamst, daß nach eingegangener Erkundigung die im Betreff genannten nach Brasilien auszuwandernde Familie lauter solche Familien sind, die im Vermögensverhältniß soweit zurückgekommen sind, daß ihnen ihr Besitzthum in Kirrlach in jüngster Zeit doch im Zwangsweg versteigert werden würde, was die Leute sehr beheligte und deßwegen besonders auch da in jüngster Zeit andere Nachrichten von Brasilien in Kirrlach eingelaufen sind, sich entschlossen haben dorthin zu ziehen.

Sämtliche Familien beabsichtigen sich in Badenfurt, Bezirk Blumenau, Staat St. Katharina in Brasilien wo jede Familie Verwandte schon längere Zeit haben soll, die für sie dort zu sorgen versprochen haben, sich niederzulassen und ihren Aufenthalt zu nehmen. Eine Werbung, Aufmunterung oder Vorspiegelung bezüglich eines Agenten soll durchaus nicht vorliegen.

Die Auswanderungslustigen geben mir heute selbst an, schlechter kann es ihnen dort nicht gehen, sie hätten kein Geld, kein Holz, bald kein Brod mehr, die Geschäften gehen nicht und wie dann Familien ernähren? Was der Grund ihrer Auswanderung sein solle.

Broberich Gendarm

Am 17.11.79 wurde der Bericht dem Bezirksamt vorgelegt und am 19 faßte dieses folgenden Beschluß.

Em 12 de novembro de 1879 foi encaminhada nova instrução à Delegacia de Polícia: “Apurar quais os fatos que motivam a emigração”.

No dia 15 de novembro o policial Broberich escreve o seguinte relatório aos seus superiores em Bruchsal:

A emigração de Anton Oechsker, Heinrich Brühmüller, Baptist Brühmüller, Hyeronimus Würges, Andreas Wirth e Michael Vogelbacher junto as famílias de Kirrlach para o Brasil.

Comunico a esta Comarca, após buscar informações referentes referidas famílias emigradas para o Brasil, que todas estas regrediram socialmente e em curto prazo estariam ameaçadas de ter seus bens leiloados, o que é lamentável e, por conta de notícias recentes vindas do Brasil, decidiram emigrar para lá.

Todas as famílias pretendem estabelecer-se em Badenfurt, Colônia Blumenau, no Estado de Santa Catarina, no Brasil, onde cada família já possui parentes há algum tempo. Recrutamento ou aliciamento da parte de algum agente está fora de cogitação. Os interessados me declararam pessoalmente: lá não pode ser pior. Aqui não temos dinheiro, em breve nem pão, então, como vamos alimentar a família? Este seria o motivo da emigração.

Policial Broberich

No dia 17 de novembro de 1879 o relatório foi entregue ao oficial da Comarca, que baixou a seguinte resolução: O Conselho Comunitário de Kirrlach fica incumbido de informar o nome das pessoas que aqui estiveram na primavera passada de visita, onde se hospedaram, e o que se sabe sobre suas condições sócio-econômicas. Se possível recolher cartas recentes vindas do Brasil contendo informações sobre a situação dos emigrantes alemães, a fim de produzir relatórios e apresentá-los.

Alertamos também, com base em relatórios fidedignos sobre a

17578 Beschluß v. 18.11.79

I. Der Gemeinderath in Kirrlach wird veranlaßt, umgehend anher zu berichten, wie die

Kirrlacher heißen, die im vergangenen Frühjahr dortselbst auf Besuch gewesen sind, bei wem

sie sich aufgehalten haben und was über ihre Vermögensverhältnisse bekannt ew. u. die

Veranlassung zum Besuch in der Heimat bekannt geworden ist. Auch sind wenn möglich die in jüngster Zeit aus Brasilien angekommenen Briefe, welche über die dortigen Verhältnisse so günstige Mittheilungen enthalten sollen zu erheben u. zur Berichts nähme anher vorzulegen. Zugleich machen wir darauf aufmerksam, daß auf Grund zuverlässiger Berichte über die Schicksale deutscher Auswanderer nach Brasilien fast in allen deutschen Staaten u. besonders auch seitens unserer Regierung von der Auswanderung nach Brasilien u. besonders in die Provinz Sta.-Catharina, deren klimatische und bodenverhältnisse der Colonisation besondere Schwierigkeiten entgegenstellen, dringend abgerathen wird u. es daher auch eine Verpflichtung des Gemeinderaths ist der Auswanderungslust nach Kräften entgegenzutreten.

II. Bericht: Gr. Ministerium des Innern glauben wir die Anzeige erstatten zu sollen, daß aus der Gemeinde Kirrlach in den letzten Tagen nicht weniger als 9 Gesuche um Entlassung aus dem

badischen Staatsverbannde behufs Auswanderung nach Brasilien, und zwar 6 von Familien mit

zusammen 31 Köpfen und 3 von ledigen männlichen Personen, bei uns eingekommen sind.

Sämtliche Auswanderungslustige beabsichtigen, sich in der Provinz Sta. Catharina District

Blumenau, Ort (?) Badefurt, wo bereits mehrere Kirrlacher Familien ansäßig sein sollen,

niederzulassen. Nach den eingegangenen Erkundigungen scheint der Beweggrund zur

Auswanderung bei den meisten Familien in dem Rückgang ihrer Vermögens Verhältnisse und

in den derzeitigen ungünstigen Erwerbs Verhältnissen zu liegen und der Anlaß dazu durch

mündliche Mittheilungen von Ausgewanderten, die im Frühjahr

situação de emigrantes alemães no Brasil, seja divulgado em todos os Estados alemães que as condições climáticas e das terras dificultam a colonização. Será obrigação do Conselho Comunitário desaconselhar com veemência e energia a intenção de emigrar.

Relatório 2

Ao Ministério do Interior informamos que nos últimos dias, em Kirrlach, nada menos de nove pedidos de saída para o Brasil foram encaminhados, sendo: seis famílias somando 31 pessoas e mais três homens solteiros. Todos decidiram ir para a Província de Santa Catarina, Colônia Blumenau, localidade de Badenfurt, onde estariam assentadas várias famílias de Kirrlach. Pelas alegações formuladas em seus pedidos, a maioria alegou como motivo a decadência sócio-econômica, relatos



Vista da Colônia Blumenau - Stadtplatz (Centro da Colônia - 1889)

in Kirrlach auf Besuch waren,
und in jüngster Zeit eingelaufenen günstigen brieflichen
Nachrichten gegeben worden zu sein.

Werbungen durch Agenten od. dgl. waren bis jetzt nicht zu
konstatieren.

Wir werden dem Auswanderungsvorhaben durch geeignete
Belehrungen thunlichst
entgegenzutreten suchen, glauben uns aber nicht viel Erfolg
versprechen zu dürfen.

III. M.Vorl.

Grbezamt.

fact. 26/11

Nun wurden alle Auswanderungswilligen Personen „belehrt“ indem
man sie auf die „klimatischen und schlechten Bodenverhältnisse“
aufmerksam machte, um sie von ihrem Vorhaben abzubringen, dieses scheint
aber nur in Einzelfälle Erfolg gehabt zu haben, z.B. Vogelbacher, Michael
ist nicht ausgewandert. Diese Belehrungen und das zögerliche bearbeiten
der Anträge, war vermutlich auch ein Grund, weshalb ein Teil der
Auswanderer, ohne den Erhalt der Auswanderungspapiere auswanderten.

Aus dem Schriftverkehr zwischen dem Bürgermeisteramt in
Kirrlach und dem Bezirksamt in Bruchsal.bzw. dem Großherzoglichen
Ministeriums des Innern in Karlsruhe, geht hervor, daß sich die Gemeinde
beim Bezirksamt beschwerte und einen Prozeß gegen das
Auswanderungunternehmen M.Wirsching in Mannheim anstrebte, da dieser
einen Teil der Auswanderer ohne Staatserlaubnis beförderte. Folgend ein
Bericht des Bezirksamts an das Ministerium des Innern.

18496

Beschluß

Bericht: Gr. Ministerium beehren wir uns in Erledigung des Auftrags
ergebenst zu berichten, daß sämtliche Ueberfahrtsverträge durch
M.Wirsching in Mannheim, mit dem sich die Auswanderungslustigen ins
benehmen gesetzt haben u. der zur Erledigung der Sache vor einigen Wochen
persönlich in Kirrlach gewesen ist, abgeschlossen worden sind. Zugleich
erlauben wir uns beizufügen, daß nach Mittheilung des Bürgermeisteramts

de emigrados em visitas recentes e correspondências com notícias promissoras. Até agora não foram constatados aliciamentos ou similares por parte de agentes. Nós procuraremos desencorajar devidamente os pretendentes, porém, não podemos prometer sucesso.

Agora todos os pretendentes à emigração eram informados sobre as más condições do clima e da terra para desistirem, o que só teve efeito sobre alguns. Por exemplo: Michael Vogelbacher não emigrou. As informações negativas e a lentidão do processo talvez tenham sido o motivo pelo qual parte dos emigrantes partisse sem a devida documentação. Da correspondência entre a Prefeitura de Kirrlach e o Governo Regional em Bruchsal, consta que a comunidade queixou-se do agente de emigração M. Wirsching em Mannheim, contra o qual moveu um processo por ter despachado alguns emigrantes sem a autorização do Governo. O motivo principal da denúncia certamente foram dívidas (impostos) deixadas por alguns emigrantes, que a comunidade teve que cobrir.

Relatório

Dando cumprimento às instruções, informamos que M. Wirsching, de Mannheim, esteve pessoalmente em Kirrlach para fechar contratos de transporte com aqueles que lhe haviam contatado anteriormente. Também nos permitimos acrescentar, conforme comunicado do Prefeito de Kirrlach, que uma parte dos pretendentes (quatro famílias com 20 pessoas e um solteiro) partiram no dia 25 sem a devida autorização e passaportes, embarcando dia 29 na Antuérpia, enquanto os demais, acrescidos agora de mais uma família de três pessoas, fixaram sua partida para o final do mês. Mas o maior motivo de denúncia contra M. Wirsching era a partida precipitada daqueles sem a devida documentação, que haviam deixado dívidas e impostos que a comunidade teria que cobrir. Em 14 de dezembro de 1879 veio a decisão do Governo Regional penalizando M. Wirsching com o pagamento de 150 Marcos e a exe-

Kirrlach ein Theil der Auswanderungslustigen (4 Familien mit 20 Köpfen u. 1 ledige Person), ohne die Ertheilung der Auswanderungserlaubnis und die Behändigung der Entlassungsurkunden u. Reisepässe abzuwarten, bereits am 25 von Mannheim abgereist u. am 29. in Antwerpen eingeschifft worden ist, während die übrigen zu denen noch eine weitere aus 3 Personen bestehende Familie hinzugekommen ist, ihre Abreise auf Ende dieses Monats festgesetzt haben.

Grbezamt

Der Hauptgrund der Anzeige der Gemeinde gegen M. Wirsching war aber wohl der, daß durch die vorzeitige Beförderung „ohne Behändigung der Papiere“, sich ein Teil der Auswanderer der Begleichung ihrer Schulden nebst Steuern und Gebühren entzogen haben, die dann die Gemeinde begleichen musste.

Am 14.12.79 kam der Beschluß des Bezirksamts, mit der Strafverfügung gegen M. Wirsching wobei ihm eine Strafe von 150 Mark und ihm der „Vollzug der bis jetzt noch nicht zur Ausführung gebrachten Überfahrtsverträge durch Großh. Ministerium des Innern bei vermeiden der Cocessionsentziehung untersagt worden ist „.

Hier der Bericht der Gendameriestation Wiesental vom 20.12.1879

Großh: Gendarmerie Corps / III Distrikt (Karlsruhe) / 15 Bezirk (Bruchsal / Station Wiesental

I.N. 208

An den 15 Gendarmerie Bezirk (Bruchsal)

22.12.79 15 Bezirk (Bruchsal)

N. 1471

Großh. Bezirksamt gehorsamst vorzulegen

Bruchsal 21.12.79

Weidemaier Wmst.

Wiesental, 20 Dezember 1879

19676 - Die Auswanderung nach Brasilien.

cução dos contratos ainda não concluídos para evitar a perda da concessão de agente.

Aqui o Relatório da Delegacia de Polícia de Wiesental de 20.12.1879

Emigração para o Brasil

Comunico atenciosamente que estive ontem em Kirrlach e não encontrei nenhum pretendente a emigrar em casa. Hoje sim, mesmo desaconselhados informaram que persistem em suas intenções. Todos os pretendentes haviam sido chamados pelo agente M. Wirsching em Mannheim e informados do impedimento de despachá-los. O agente recolheu os contratos, restituindo o adiantamento efetuado mediante quitação. Disseram-me ainda que há outros agentes, não necessariamente um tão próximo; também poderiam ir por conta própria até Antuérpia, onde ninguém os incomodaria; tinham pago pelos seus passaportes e em mãos; só achavam estranho não poder buscar a sorte lá.

Eles ainda não sabiam qual a data da partida, e se não puderem partir serão um fardo para a comunidade.

Policia! Broberich

Quem e quantos retiraram seu pedido em seguida, ou contrataram com outro agente, não sabemos.

A seguir os emigrantes de 1879

1. Heinrich Brühmüller com esposa Maria Elisabeth nasc. Vogel e filhos: Karoline, Maria Eva e Anton. Heinrich já tinha parentes na Província de Santa Catarina e disse que se dirigiria para lá.

(veja 2, 3, 4)

Dem Bezirke melde ich zufolge Weisung Gr. Bezirksamt von, 14 d. M. No 19098 gehorsamst, daß ich mich im Sinn bennanter Weisung gestern als bald nach Kirrlach wo die Auswanderungslustigen nicht, heute jedoch zu Hause waren begeben woselbst mir dieselben angaben, daß es ihnen wohl bekannt, nicht nach Brasilien auswandern zu sollen aber ungeachtet dieses thun sie es doch. Sämtliche Auswanderungslustigen seien auch deßhalb gestern zu ihrem Agent Michael Wirsching nach Mannheim berufen worden wo derselbe ihnen eröffnete, sie nicht mehr nach Brasilien ausliefern zu dürfen; derselbe habe ihnen deßhalb auch die in Händen gehabte Accortschein wieder abgenommen, und ihnen ihr vorschüsslich bezahltes Fahrgeld wieder zurück bezahlt, dessen Empfang sie auf zurück gegebenem Schein quittieren mußten.

Dieselben erklärten mir weiter daß es noch mehr Agenten hat die ausliefern es muß nicht gerade einer aus der Nähe sein, sie können auch allein nach Antwerpen reisen wohin sie ganz gewiß niemand hindern könne, sie hätten ihre Reisepässe bezahlt und auch in Händen es seie ihnen ganz auffallend warum sie ihr Glück das ihnen offen steht dort nicht suchen sollen.

Den Tag an welchem sie jetzt abreisen wäre ihnen jetzt unbekannt und sollten sie nicht

fortkommen bleiben sie der Gemeinde zur Last.

Broberich Gendarm

Wer und wieviele daraufhien ihren Auswanderungsantrag wieder zurück gezogen haben, oder mit einem anderen Auswanderungsunternehmen neue Beförderungsverträge abgeschlossen haben ist nicht bekannt.

Folgend nun die Auswanderer des Jahres 1879.

Nr.1 Brühmüller, Heinrich mit Ehefrau Maria Elisabeth geb. Vogel und den Kindern: 1 Karoline, 2 Maria-Eva, 3 Anton.

G.L.A. 344/2418

Heinrich hatte schon Verwandte in der Provinz Santa Catharina und gibt an zu diesen

zu wollen. Siehe 1861 Nr. 2,3,4.

Nr.2 Brühmüller, Johann Baptist mit Ehefrau Magdalena geb.

2. Johann Baptist com esposa Magdalena nasc. Müller (de Göklingen bei Landau) e filhos: Ludwig, Katharina, Sebastian, Anton e Maria Eva. Os primeiros quatro filhos são do primeiro casamento de Magdalena Müller nasc. Müller com Thomas Müller. Outros dois filhos, do segundo casamento, Friedrich (9) e Theresia (10), também emigraram para o Brasil.

3. Kornel Fenrich com esposa Elisabeth nasc. Steinle e filhos: Maria Bárbara, Klara e Simon. No pedido de emigração alegou que seus bens estariam prestes a ser leiloados, ficando assim sem posses.

4. Philipp Fenrich, solteiro.

5. Lorenz Hauch, solteiro. Lorenz alegou: “uma Senhora Kremer esteve aqui há algumas semanas e contou como obter um bom salário no Brasil.” Seus irmãos Cyprian (6) e Josef (1 - 1880) também emigraram.

6. Cyprian Hauck, solteiro.

Transcrição do pedido de emigração “Bruchsal, 3 de dezembro de 1879. Cyprian Hauck, compareceu hoje e ao ser interrogado esclareceu que seu irmão Lorenz Hauck, emigrado na primavera, estava na Colônia Blumenau, onde ganhava bem trabalhando como diarista. Pais ele não tinha mais. Até agora trabalhara no “Waghäusel” mas só recebia um Marco por dia, com o qual não poderia viver. Não estava de aviso prévio na fábrica.” Cyprian Hauck foi para junto de seu irmão Lorenz (5), que emigrou para o Brasil em 5 de junho de 1879. No ano de 1880 seu irmão Josef (1) também veio para o Brasil.

7. Eugen Heiler com esposa Maria Eva nasc. Heiler e filha Genofeva. Heugen Heiler alegou que iria morar com sua tia, que se encontrava bem financeiramente.

(veja Genofeva Schuhmacher nasc. Heiler 4 - 1863)

8. Josef Hofner, solteiro. Josef esclareceu quando interrogado: “que tinha uma tia em Blumenau, Província de Santa Catarina, que estava bem financeiramente, para onde queria emigrar em companhia de Steinle e Lorenz Hauck”. A tia era Brigitte Baader nasc. Hoffner (veja 1 - 1861).

Müller (aus Göcklingen bei Landau)

und den Kindern: 1 Ludwig, 2 Katharina, 3 Sebastian, 4 Anton, 5 Maria Eva.

G.L.A. 344/2418

Magdalena Müller geb. Müller, war in 1. Ehe mit Thomas Müller verheiratet, aus

dieser Ehe sind die Kinder 1 - 4. Zwei weitere Kinder aus dieser Ehe, nämlich

Friedrich Nr. 9, und Theresia Nr. 10, sind ebenfalls mit nach Brasilien.

Nr.3 Fenrich, Kornel mit Ehefrau Elisabeth geb. Steinle und den Kindern: 1 Maria Barbara,

2 Klara, 3 Simon.

G.L.A. 344/2418

Bittsteller gibt an, »daß in nicht weiter Ferne seine ganze Habe würde versteigert

worden sein, und sodan vermögenslos sich hier befände“.

Nr. 4 Fenrich, Philipp ledig.

G.L.A. 344/2418

Nr.5 Hauch, Lorenz ledig.

G.L.A. 344/2418

Lorenz gibt an, „eine Frau mit Namen Kremer die von Kirrlach gebürtig sei, sei vor

einigen Wochen heraus gekommen und habe erzählt wie man in Brasilien guten

Verdienst habe“.

Seine Brüder Cyprian Nr. 6, und Josef 1880 Nr. 1 sind ebenfalls mit ausgewandert.

Nr. 6 Hauck, Cyprian ledig.

G.L.A. 344/2418

Auszug aus dem Auswanderungsantrag.

Bruchsal den 5. Dezember 1879

Der heute erschienene Cyprian Hauck erklärt auf befragen, sein Bruder Lorenz

Hauck der im Frühjahr ausgewandert sei, habe seinen Aufenthalt in der Kolonie

Blumenau, wo er als Tagelöhner ein ordentliches Auskommen

(Viajou na companhia de Heinrich Kramers e esposa Catharina). Seu irmão seguiu-o mais tarde (veja 1 - 1891).

9,10 Friedrich Müller e sua irmã Theresia, ambos solteiros. Friedrich e Theresia emigraram na companhia da irmã do pai, Catharina Kremer. Sua mãe Magdalena Müller, casada Brühmüller, e seus irmãos também emigraram para o Brasil. Friedrich escreveu uma carta relatando a viagem.

“João do Rio Claro, 22 de outubro de 1879.

Queridos pais e irmãos!

Agora que realizei meu desejo almejado há tanto tempo. Quando ainda estava na Alemanha, a mãe sabe, sempre dizia que não permaneceria na Alemanha. Quero escrever como foi nossa viagem e como vamos aqui. Eu teria escrito antes, porém, primeiro queria ver como é aqui para poder escrever a verdade.

A viagem:

Aos 11 de julho nos despedimos de vocês todos e viajamos para Manheim, onde pernoitamos no “Weisen Lamm” (Cordeiro Branco) até o dia 12 de manhã, às 5 horas, quando embarcamos no Vapor Mariana e descemos o Rehno. Vimos muitas cidades e aldeias bonitas. Em Worm/Meinz fomos passear. A Torre onde o rato molestou o Homem fica no meio do Rehno. Da “Lorelei” ainda se avista a cadeira onde esteve sentada e cantou, não sei o que significa.

À noite, às 8 horas, chegamos em Köln (Kolonía), onde permanecemos até dia 13. Às 6 horas da manhã embarcamos no trem e seguimos para Antuérpia, onde chegamos às 5 horas da tarde. Lá se fala francês. Ficamos na hospedaria de um alemão até o dia 15 de manhã. Às 9 horas embarcamos no Vapor Príncipe “Friedrich Wilhelm”. Às 12 horas partimos para o Brasil. Estava tudo muito bem até o terceiro dia, quando o Ulrich passou mal. Éramos 70 pessoas numa sala onde havia

habe. Eltern besitze

er keine mehr. Bis jetzt habe er in Waghäusel gearbeitet, aber nur 1 Mark täglich

verdient, wovon er nicht leben könne. Aufgekündigt sei ihm in der Fabrik nicht“.

Cyprian Hauck ist zu seinem Bruder Lorenz Nr. 5 der im Juni 1879 nach Brasilien

auswanderte. Im Jahr 1880 kam auch noch sein Bruder Josef Nr 1 nach Brasilien.

Nr.7 Heiler, Eugen mit Ehefrau Maria Eva geb. Heiler und ihrem Kind: Genofeva.

G.L.A. 344/2418

Eugen Heiler gibt an, „er möchte sich bei seiner Tante, die in guten Verhältnissen

steht niederlassen“. siehe Genofeva Schuhmacher geb. Heiler 1863 Nr. 4

Nr. 8 Hofner, Josef ledig.

G.L.A. 344/2418

Josef erklärte auf befragen, „er habe eine Tante in Blumenau in der Provinz Santa

Catharina der es gut gehe und zu ihr möchte er auswandern. Zusammen mit Steinle

und Lorenz Hauck.

Bei der Tante handelt es sich um Brigitte Baader geb. Hofner siehe 1861 Nr. 1.

(Gemeinsame Reise mit Heinrich Kremers Ehefrau Catharina) Sein Bruder Ludwig

folgte ihm 1891 - Nr. 1.

Nr. 9,10 Müller, Friedrich und seine Schwester Theresia, beide ledig.

G.L.A. 344/2418

Friedrich und seine Schwester Theresia sind mit der Schwester ihres Vaters,

Catharina Kremer ausgewandert. Ihre Mutter Magdalena Müller verh. Brühmüller

und ihre Geschwister sind ebenfalls mit nach Brasilien. Siehe Nr. 2.

Friedrich hat einen schönen Brief über die Reise geschrieben, den ich hier einfügen

möchtete:

alemães, franceses, saxões, suecos e de outras nacionalidades, assim como no rebanho de pastoreio, grandes e pequenos.

Eu não fiquei muito doente e tinha bastante entretenimento enquanto outros ficavam de molho. Cuidei também da minha irmã quando ela passava mal. De manhã e de noite o Ulrich dava trabalho. Eu ficava feliz quando tinha oportunidade para rir. No dia 20 de julho chegamos em Lisboa, capital de Portugal. Lá fomos de barco até a terra. Era outono, a cidade é bonita mas tudo muito caro, assim como na farmácia.

No dia 22, 4 horas da tarde, partimos para alto-mar. No dia 29 cruzamos com um veleiro que estava em dificuldades. Não tinha mais mantimentos, todos doentes, exceto três; vento fraco, tudo estava ruim para eles. Receberam mantimentos e pessoal do nosso navio.

O trecho que haviam percorrido em 29 dias, nós havíamos feito em 6. Nosso navio era grande: 150 pés de comprimento, 28 de largura e 42 de altura, com capacidade para 60 mil Quintais (3 mil toneladas). Vimos muitas ilhas, montanhas, peixes que voam, tubarões, peixes-espada e muitas outras coisas. Fiquei sentado durante horas na ponta do navio observando como são bonitos o mar e o céu. À noite cantávamos ou dançávamos, sempre tínhamos algum divertimento. Durante o dia jogávamos cartas ou líamos algum livro. A garrafa de cerveja custava 1 Marco, mas não era tão grande como na Alemanha.

A comida a bordo: na Segunda, sopa de feijão, três batatas, carne e pudim. Pela manhã tínhamos café, pão de trigo e manteiga com sal. Às quatro horas da tarde havia café, para quem queria. De noite, chá de cebolinha, pão e manteiga. Assim era todo dia, de manhã e de noite. Também quero descrever o almoço durante a semana toda: terça, sopa de ervilhas, carne e batatas; quarta, “hutzel” e pequenos inhoques do tamanho de uma cabeça de criança, um só enchia o prato, mais carne e batata; quinta, sopa de arroz, carne e batata; sexta, chucrute, carne de porco e pudim; sábado, ervilhas ou feijão; domingo, arroz, peixe e bata-

João de Rio Claro den 22ten Oktober 1879

Liebe Eltern und Geschwister indem jetzt mein Wunsch erfüllt ist den ich schon lange im Sinn geführt hab als ich noch in Deutschland war die Mutter weiß daß ich oft gesagt hab ich bleibe nicht in Deutschland. Dazu will ich Euch auch schreiben wie es uns auf der Reise ergangen und in der neuen Heimath gefällt ich hätte eher geschrieben aber wollte erst sehen wie es aussieht daß ich auch Wahrheit schreiben kann.

Die Reise

Am 11ten Juli von Euch alle Abschied genommen und sind nach Mannheim gefahren wo wir im weißen Lamm loschirten bis zum 12ten morgens 5 Uhr dann sind wir in den Dampfer Mariana eingestiegen und sind den Rhein runter gefahren da sahen wir viele schöne Städte und Dörfer. Worms in Mainz sind wir spaziere gefahren den Thurm wo die Maus den Mann geplagt haben steht mitten im Rhein die Lorelei da sieht man noch den Stuhl wo sie gesessen ist und sang. Ich weiß nicht was soll es bedeuten.

Abens acht Uhr kamen wir nach Köln da loschirten wir bis zum 13ten morgens 6 Uhr da sind wir in den Zug eingestiegen und Antwerpen zugefahren wo wir abens 5 Uhr hin kamen da wurde französich gesprochen wir waren bei einem deutschen Wirth bis zum 15ten morgens 9 Uhr dann sind wir in den Dampfer Friedrich Wilhelm Kronprinz eingestiegen. 12 Uhr abgefahren nach Brasilien da ging ganz kräftig bei allen im Anfang bis zwei Tage herum waren dann mußte schon der Ulrich herhalten. Wir waren unter 70 Passaschiere in einem Zimmer da hatte es Deutsche Franzose Sachsen Schweden von allen Nationen wie sie Hirt zum Thor hinaus treibt Groß und Klein.

Ich war nicht sehr krank ich hatte viele Unterhaltung wenn die anderen recht gerbten meine Schwester habe ich auch bedinert wenn sie sehr krank war, morgens und Abens ging es los mit dem Ulrich ich freute mich als wenn die Zeit herbei kam daß ich lachen konnte. Am 20ten Juli sind wir

in Lissabon Hauptstadt von Portugal angekommen da sind wir mit dem Kahn ans Land gefahren die Stadt war schön es war Herbst aber alles so theuer wie in der Apoteke. Am 22tem Nachmittags 4 Uhr abgefahren auf das hohe Meer. Am 29tem begegnete uns das erste Segelschiff da war große Noth. Kein Lebensmittel mehr alles krank bis auf drei Mann schlechten Wind alles war schlecht bei ihnen da haben sie von unsenn Schiff Lebensmittel und Mannschaft bekommen.

Da wo sie in 29 Tagen hergefahren sind brauchten wir 6 Tage.

tas. Essa era a comida.

Agora continuamos a viagem até Bahia. No dia 2 de agosto cruzamos a linha do equador, onde também não era diferente. O sol não era maior nem menor, nem mais quente nem mais frio do que nos outros dias. Somente a água estava parada como um lago. O Capitão pagou um barril de cerveja e foi aplaudido por nós. No dia 6 de agosto, às 11 horas da noite, chegamos na Bahia. No dia 7 partimos e no dia 11 chegamos no Rio de Janeiro, onde desembarcaram a Getel, Simon Oechsler e Philipp Fenrich. Em Antuérpia havíamos pago mais 10 marcos para continuar a viagem até Santos. No dia 14 à noite partimos para Santos, aonde chegamos no dia 15 e desembarcamos no dia 16, portanto 31 dias a bordo. Navegamos 24 e ficamos sete dias parados. Fiquei triste porque tínhamos que desembarcar. Gostei muito da viagem e poderia continuar por mais algumas semanas. Graças a Deus, tivemos uma boa viagem. Eu poderia ser marinheiro.

Dia 16, às duas horas da tarde, partimos para São Paulo, onde



Rio de Janeiro - capital do Brasil na época.

Unser Schiff war groß 150 Schuh lang 28 breit 42 hoch es kann 60 tausend Zentner laden, wir haben auch viel Inseln Berge Fische wo fliegen Heufische Schwertfische kurz allerhand gesehen ich saß manche Stund auf der Spitze des Schiffs wie schön war der Hirnmel und Wasser. Abens sangen wir oder tanzten wir hatten schöne Unterhaltung. Bei Tag spielten wir mit Karten oder lasen in einem Buch. Die Flasche Bier kostete eine Mark aber nicht so groß wie in Deutschland.

Die Kost auf dem Schiff.

Montags Bonesupe mit drei Kartoffel Fleisch und Puding morgens gab es Kaffe frisches Weisbrod wie Weck und Salzbuter stückeles wer gewolt hat mittags 4 Uhr gab es auch Kaffe Abens Schnittlauchthee Brod und Butter so war es alle Tag morgens und Abens. Ich will auch das Mittagmahl von der ganzen Woche schreiben Dienstags Erbsensup Fleisch Kartoffel Mittwochs Hutzeln und kleine Spatzen wie ein Kindskopf an einem wurde der Teller kauft Fleisch Kartoffel Donnerstag. Reissup Fl. Kartfl, Freitag Sauerkraut und Schweinefleisch Puding, Samstag Erbse oder

bone Sonntags Reis Fisch Kartoffel, das war die Kost.

Jetzt fahren wir weiter bis nach Baier (Bahia). Am 2ten August fuhren wir durch die Sonneline da war es auch nicht anders die Sonne war nicht größer und nicht kleiner nicht wärmer und nicht

kälter wie sonst nur das Wasser war still wie in einer Bach. Der Kapitän hat da ein Faß Bier bezahlt da ließen wir in hoch leben. Also am 6ten August in Baier (Bahia) angekommen am 11 Uhr abens.

Am 7ten abefahren am 11ten in Riosche Neiro (Rio de Janeiro) angekommen da stieg die Gretel und Simon Ochsler und Philipp Fenrich aus wir haben in Anwerpen 10 Mark nach bezahlt daß wir nach Santos fahren konten.

Am 14ten Abends sind wir nach Santos gefahren wo wir am 15ten hinkamen am 16ten ausgestiegen also 31 Tage auf dem Schiff 24 Tag gefahren 7 Tag gehalten, da wurde ich erst traurig weil ich aussteigen mußte mir hat es so gut gefallen mir wäre es recht gewesen wenn es noch paar Wochen gedauert hätte. Wir hatten, auch gottlob eine gute Fahrt gehabt daß die alle häth Matros sein können. Am 16ten mittags 2 Uhr abefahren nach St. Paulo da blieben wir über Nachts bis 17ten dan sind wir nach Rio Glaro (Claro) gefahren da fuhren wir mit der Eisenbahn so hochauf einen Berg 5 mal so hoch als der Kirchthurm das war ein schauder. In Rio Glaro (Claro) sind wir bei Phillip Wollet gewesen der hat dem Georg Steinle seine

pernoitamos. Dia 17 seguimos de trem para Rio Claro. Subimos uma montanha cinco vezes mais alta que uma torre de igreja. Foi fantástico. Em Rio Claro estivemos na casa de Phillip Vollet, casado com a filha de Georg Steinle. Ele tem uma grande casa comercial.

Dia 19 fomos em direção à Colônia Binial. Marchamos das 8 horas da manhã até às 8 da noite e ainda não havíamos chegado. Pernoitamos na casa de um suíço. Estávamos todos cansados, havíamos caminhado o dia todo sem ter o que comer, para beber somente água de riacho. Ainda tivemos que dormir no chão. Dia 20 continuamos e às nove horas chegamos na Colônia Binial. Lá tinha muitas pessoas de Kirrlach e era feriado para os colonos. Lá estavam Valltin; Fenrich e seus filhos: Ludwig, Franz Joseph, Rochus e Kornel. Foi onde fiquei um mês colhendo café e capinando na companhia de Johanes Steinle, Georg Steinle e Baptist Lehn.

Dia 22 de setembro regressei para Rio Claro. Trabalhei com um padeiro, onde recebia 50 Marcos/mês mais a pensão, e não era tão cansativo como no cafezal. Também visitei Thomas Brühmüller e Florian Heiler, que moram distante duas horas. Também visitei a irmã da esposa do Heinrich Vogelbacher. No Brasil já viajei mais do que na Alemanha. Queridos pais, ainda não pensei na despedida e em saudades que também ainda não senti. Não pensem que as pessoas são escravas como os negros ou com menos liberdade que um pássaro no céu, assim vive o colono.

Não há imposto ou partilha para o palhaço. Se lá tivéssemos florestas como aqui, nem o diabo nos tiraria.

As famílias vão para uma colônia, colhem café na plantação de um Senhor, recebem um bom ordenado. Podem comprar mantimentos e acumular quanto quiserem, isso não interessa a ninguém, quem não gostar pode ir para onde bem entender. Cada um é livre. Os policiais também andam descalços para poderem correr melhor quando perseguidos. Ainda nos falta dominar a língua, não pudemos falar com nin-

Tochter zur Frau er hat ein großen Kaufladen. Am 19ten da sind wir der Kolonie Binial (Pinhal) zu aber das war ein Marsch von morgens halb 8 bis Abens 8 Uhr und noch nicht dort da sind wir bei Schweizer übernacht geblieben wir waren alle sehr müde den ganzen Tag gelaufen und nichts zu essen bekommen als Bachwasser zu trinken da mußten wir auch noch auf dem bloßen Boden liegen bis zum 20ten dann sind wir weiter um 9 Uhr kamen wir nach der Kolonie Binial (Pinhal) da waren lauter Kirrlacher Leut da war den Tag Feiertag für die Kolonisten. Es waren dort Valtinn Fenrich und seine Söhne Ludwig, Franz Joseph, Rochus, Kornel bei dem war ich ein Monat da habe ich Kaffe gepflügt und gehakt. Johanes Steinle, Georg Steinle, Baptist Lehn.

Am 22ten September bin ich zurück nach Rio Glaro (Claro) auf der Hoffnung und habe mich zu einem Baker verdingt da bekam ich pro Monat 50 Mark und Kost und werde nicht so mit als in der Kaffeneri. Auch zu Thomas Brühmüller, Florian Heiler, kam ich oft sie sind zwei Stunden von mir. Bei dem Heinrich Vogelbacher seiner Frau ihr Schwester war ich. Ich bin in Brasilien schon weiter herum gekommen als in Deutsch. Liebe Eltern an den Abschied oder Heimweh habe ich noch nicht gedacht viel weniger bekamen ich möchte nicht mehr draus sein. Nicht daß ihr meint die Leut sein Sklaven wie die Schwarzen und die nicht all mehr frei wie ein Vogel in der Luft lebt der Kolonist.

Es gibt keine Steuer Umlag Waldauf Spartel Nachthaler für den Kasper. Wenn mir des Viehhannes Kornel in einem solchen Wald hätten müßten wie hier da det sie der Teufel nicht mehr heraus bringen.

Die Familien ziehen auf eine Kolonie nehmen Kaffe von einem Herr den sie für ihn pflücken da bekommen sie ein schöner Lohn Lebensmittel kann er sich bauen so viel er will das geht niemand nichts an und wenn es ihm hier nicht gefällt so kann er wo anders hingehen wo er hin will, er ist frei für sich, auch die Gendarmen laufen oft baarfuß das wenn sie gejagt werden daß sie springen können. Eines fehlte uns die Sprache wir konnten mit niemand sprechen aber jetzt geht es besser ich verstehe schon viel. Schreibt mir auch den Hopfenzustand den Preis und was der Felix für eine Strafe bekommen hat und ob der Kassierer Steinle das Geld von der Lotterie bekommen hat. Liebe Mutter die Gredel hat sich wie eine Mutter um uns angenommen auf dem Schiff sie sang manches Lied mit uns. Gebt den Brief auch meinen Kameraden Hennan Hoffner/ Ludwig Schuhmacher zu lesen und rieht meinem Bruder Valtin ein Gruß aus daß es nicht 60 Grad Hitz ist wie der Mann in Manheim sagte. Das Klima ist anders morgens und

guém, mas está melhorando, eu já entendo muita coisa. Escrevam-me sobre a situação do lúpulo, o preço e qual foi a pena dada ao Félix e se o cobrador Steinle recebeu o dinheiro da loteria. Querida mãe, a Gedel cuidou de nós como uma mãe, cantou muitas canções conosco. Passe essa carta também aos meus amigos: Hermann Hoffner, Ludwig Schuhmacher, para que a leiam. Um abraço para meu irmão e diga que não é 60 graus de calor como havia dito o homem lá em Manheim. O clima é diferente de manhã e à noite, é como no início de maio, de manhã um pouco, ao meio-dia tão quente como em junho. O sol também tem outra posição. A Teresa está distante 100 horas daqui.

Agora quero finalizar esta carta mandando um abraço para todos os amigos, vizinhos e a quem perguntar por mim; assim me despeço, vosso filho Friedrich.

Frederico Müller (Friedrich Dolle)

Em João do Rio Claro

Província de St. Paulo

Na América do Sul”.

11. Simon Oechsler com esposa Franzisca nas. Müller e filhos: Bertha, Georg Adam e Elisabetha. Viagem em companhia de Catharina Kremer nasc. Müller. O pequeno Georg (Schorsch) e Simon são citados numa carta escrita por Katharina Kremer no Rio de Janeiro, enviada ao seu filho Philipp. Eles trouxeram o maior valor em bens – 2.500 Marcos.

12. Anton Oechsler com esposa Elisabeth nasc. Würges e filhos: Joh. Joseph, Maria, Johannes e Sophie. Os motivos da emigração: “Perda de patrimônio em consequência de pouco ganho. Ele quer evitar o vexame caso sua situação pecuniária venha a público.”

13. Franz Schuhmacher, solteiro. Franz alegou: “Procurou trabalho no “Waghäusel” mas não conseguiu, também não foi admitido

abens ist es wie im Ausgang Mai früh ein wenig mittags so warm wie im Juni auch die Sonn hat eine andere Richtung zum Beispiel in der Ziegelwies geht sie auf und in der Alme unter.

Die Theres ist hundert Stund von mir. Jetzt will ich mein Schreiben schließen euch und alle Freund Nachbarsleut und wer nach mir fragt grüßen und so verbleibe ich euer Sohn Friedrich Müller.

Friederio Müller bei Fillipp Dolle
in Joaod o Rio Glaro (Claro)
Provinz St. Paulo
in Südamerika”

Nr.11 Oechsler Simon mit Ehefrau Franzisca geb. Müller und den Kindern: 1 Bertha, 2 Georg Adam, 3 Elisabetha. G.L.A. 344/2418

(Gemeinsame Reise mit Catharina Kremer geb. Müller). Der kleine Georg (Schorsch)

und Simon werden in einem Brief erwähnt, den Catharina Kremer aus Rio de Janeiro an

ihren Sohn Philipp geschrieben hat.

Sie haben das höchste Vermögen aller Auswanderer (nach deren Angaben)

mitgenommen. 2500 Mark.

Nr.12 Oechsler Anton mit Ehefrau Elisabeth geb. Würges und den Kindern: 1 Joh. Joseph, 2 Maria, 3 Johannes, 4 Sophie.

G.L.A. 344/2418

Die Beweggründe zur Auswanderung, „ rückgängige Vermögensverhältnisse wegen

Mangel an Verdienst. Er möchte sich die Schande ersparen, falls seine Liegenschaften

im Zwange veräußert werden müßten „

Nr.13 Schuhmacher Franz ledig.

G.L.A. 344/2418

Franz gibt an, „in Waghäusel habe er um Arbeit angefragt, solche aber nicht

bekommen, auch unter die Holzfäller sei er nicht aufgenommen worden“. Franz war

1884 in Kirrlach auf Besuch.

Nr.14 Steinle, Friedrich ledig.

G.L.A. 344/2418

pelos madeireiros.” Em 1884 Franz visitou Kirrlach.

14. Friedrich Steinle, solteiro.
15. Johann Steinle, solteiro.
16. Daniel Steinle, solteiro.
17. Anna Maria Steinle, solteira. Os irmãos Steinle (14 a 17) eram órfãos e emigraram juntos. Johann, Daniel e Anna Maria ainda eram menores de idade. Seu tutor Maximilian Steinle consentiu a emigração.
18. Georg Anton Steinle com esposa Agnes nasc. Schmitt e filha Anna Marie.
19. Heinrich Wilhelm com esposa Anna nasc. Heger e filha Elisabeth.
20. Andreas Wirth com esposa Friederica nasc. Oechsler e filha Karoline. Andreas já tinha um tio no Brasil (veja 15 – 1865).
21. Hieronimus Würges com esposa Magdalena nasc. Müller e seus quatro filhos: Franz, Conrad, Karl Philipp e Joseph Heinrich. Hieronimus alegou: “Gostaria de iniciar uma vida melhor”. Com ele também emigrou seu irmão Heinrich (veja 22). Em 1880 os pais também seguiram os filhos.
22. Heinrich Würges, solteiro (veja 21 e 2 – 1880).

Num relatório do Prof. Dr. Clemens Brandenburger, publicado no jornal “Der Auslanddeutsche” (O alemão do Exterior) nº 1, de janeiro de 1927, encontrei o nome de um hoteleiro Franz Würges, o filho mais velho de Hieronimus (veja 21 – 1879). Um trecho deste relatório:

“... a meio caminho dos cerca de 75 km entre Jaraguá do Sul e Blumenau fica Pomerode, uma vistosa localidade com igrejas brancas e

Nr.15 Steinle, Johann ledig.

G.L.A. 344/2418

Nr.16 Steinle, Daniel ledig.

G.L.A. 344/2418

Nr.17 Steinle, Anna Maria ledig. »

G.L.A. 344/2418

Die Steinle Geschwister Nr. 14-17 waren elternlos, sie sind zusammen ausgewandert.

Johann, Daniel und Anna Maria waren noch minderjährig, ihr Vormund Maximilian

Steinle gab jedoch sein Einverständnis.

Nr.18 Steinle, Georg Anton mit Ehefrau Agnes geb. Schmitt und ihrem Kind: Anna Marie G.L.A. 344/2418

Nr.19 Wilhelm, Heinrich mit Ehefrau Anna geb. Heger und ihrem Kind: Elisabeth

G.L.A. 344/2418

Nr.20 Wirth, Andreas mit Ehefrau Friederica geb. Oechsler und ihrem Kind: Karoline

G.L.A. 344/2418

Andreas hatte schon einen Onkel in Brasilien, siehe 1865 Nr. 15

Nr.21 Würges, Hieronimus mit Ehefrau Magdalena geb. Müller und ihren vier Kindern: 1 Franz, 2 Conrad, 3 Karl Philipp, 4 Josef Heinrich.

G.L.A. 344/2418

Hieronimus gibt an, „er möchte sich eine bessere Existenz gründen“. Mit ausgewandert

ist auch sein Bruder Heinrich Nr. 22 . Im Jahre 1880 folgten ihnen ihre Eltern nach

Nr.22 Würges, Heinrich ledig.

G.L.A. 344/2418

siehe auch Nr. 21 und 1880 Nr. 2

In einem Reisebericht von Prof. Dr. Clemens Brandenburger, veröffentlicht in der Zeitschrift „Der Auslandsdeutsche“, Jahrgang X Nr. 1 Jan. 1927, fand ich den „Gasthausbesitzer Franz Würges, (das erste Kind des Hieronimus Würges, siehe 1879 Nr. 21) hier einen Auszug aus diesem Reisebericht.

..... Auf halbem Wege der etwa 75 km langen Strecke von Jaragua nach Blumenau liegt Pommerode, ein ansehnlicher Ort mit schmucker, weißer Kirche und den unvermeidlichen Tanzsälen, deren Zahl heute in

os inevitáveis salões de baile, como em toda colonização alemã, superando em número escolas e igrejas. A freqüência nos cultos dominicais não pode ser comparada à dos salões de baile, apesar da pressão do clero. No estabelecimento comercial dos Weege, com suas estrebarias, depósitos, baias, queijaria, etc., uma visão impressionante de progresso, fomos informados de que seria impossível alcançar Blumenau.

Chuvas fortes nos últimos dias fizeram transbordar os rios. Devido à infeliz localização, uma grande parte de Blumenau fica debaixo d'água toda vez que o rio Itajaí transborda. Quando nos aproximamos da parte baixa do rio do Testo, vimos grandes extensões que margeiam o rio debaixo d'água. Ainda não havia sinais das águas baixarem. Durante a manhã a estrada ainda estava alagada em vários lugares. Sob a ponte de ferro (Ponte do Salto), que atravessa o Itajaí a partir de Altona, os pilares estremeciam com a força estrondosa das águas. Cruzamos com alguns caminhões e fomos alertados de que só seria possível chegar até Altona. Altona, hoje renomeado Itoupava Seca, era inicialmente uma extensão do centro da colônia. Agora já é um lugarejo da cidade que devido ao tráfego entre a cidade e as colônias Rio do Testo e Jaraguá, já desenvolveu vida própria. Hospedamo-nos no Hotel Dankel. Lamentavelmente nossa viagem terminara aqui. O proprietário Franz Würges, que havia mudado da necromancia para hotelaria, junto com seus familiares não mediram esforços para agradar os hóspedes. Sentimo-nos muito bem, num ambiente limpo, com comida caseira como jamais poderíamos imaginar no primeiro hotel da cidade. ...". Encontrei um neto desse Franz Würges de nome Victor Würges com 56 anos de idade vivendo na Itoupava Norte, em Blumenau, proprietário de um hotel. Através dele espero encontrar outros descendentes de emigrantes de Kirrlach.

Ao final do ano de 1879 a emigração em massa para o Brasil iria reduzir, pois no ano seguinte somente alguns pedidos de emigração de famílias são conhecidos. Estas já tinham parentes no Brasil, para onde seguiram.

allen deutschen Kolonien die der Schulen und Kirchen leider weit übertrifft. Auch der Besuch des sonntäglichen Gottesdienstes kann sich mit dem der Tanzböden nicht messen, mögen die Geistlichen beider Bekenntnisse noch so sehr dagegen eifern. Im Weegeschen Geschäftshause, das mit seinen Stallungen, Lagerhäusern, Scheunen, Molkereigebäuden usw. ein eindrucksvolles Bild erwerbtätigen Lebens gewährt, wurde uns die Kunde, daß Blumenau unerreichbar sei. Der Regen der beiden vorhergehenden Tage, der auf der Joinviller Seite stark, aber nicht außergewöhnlich gewesen, hatte südlich der Jaraguá und Itapocú Bergketten trotz der langen Trockenheit Hochwasser gebracht und Blumenau liegt leider so unglücklich, daß jedes Ausufern des Itajahy große Teile des Städtchens unter Wasser setzt. Als wir uns dem Unterlaufe des Testo näherten, sahen wir weite Strecken des Ufergeländes unter Wasser stehen, doch war das Abflauen unverkennbar: am Vormittage war stellenweise noch die Straße überflutet gewesen. Unter der großen eisernen Straßenbrücke, die von Altona den Itajahy überschreitet, brauste und strömte es noch so wild, daß die Brückenpfeiler zitterten. Entgegenkommende Kraftwagen belehrten uns nochmals, daß wir nur bis Altona kämen. Altona, amtlich heute in Itoupava secca umgetauft, ursprünglich eine der von dem Mittelpunkte Blumenau

ausgegangenen Koloniesiedelungen, ist nun schon längst ein Vorort der Stadt geworden, hat aber wegen des Verkehrs nach den Kolonien am Rio Testo und nach Jaraguá doch ein gewisses Eigenleben bewahrt. Wir nahmen im Hotel Danckert Wohnung und haben keinen Anlaß bekommen, zu bedauern, daß unsere Fahrt hier draußen ein Ende fand. Denn der Inhaber, Franz Würges, der von der schwarzen Kunst zum Gastgewerbe übergegangen ist, und die Seinen bemühten sich, den Gästen den Aufenthalt so angenehm wie möglich zu machen. Wir fühlten uns in dem sauberen Haus bei der guten Hausmannskost so wohl, wie wir es uns im ersten Hotel der Stadt nicht hätten wünschen können.....

Ein Enkel dieses Franz Wuerges, mit dem Namen Victor Wuerges habe ich gefunden, er ist 56 Jahre alt und lebt mit seiner Familie in Itoupava Norte (bei Blumenau) und betreibt dort ein Motel. Ich hoffe, daß ich durch ihn noch mehrere Nachkommen von Kirrlacher Auswanderer finden werde. Mit dem Ablauf des Jahres 1879 sollte nun aber auch die große Zahl der Auswanderungen nach Brasilien zu Ende gehen, denn in den folgenden Jahren sind nur noch einzelne Auswanderungsanträge von Familien bekannt, diese hatten alle schon Verwandte in Brasilien zu denen diese dann nachreisten.

No ano de 1880 só encontrei duas autorizações de emigração:

1. Josef Hauck com esposa Francisca Würges e filhos: Peter Josef e Philippina Josef e sua família seguiram para junto dos irmãos Lorenz e Ciprian (veja 5 e 6)

2. Valentin Würges com esposa Margaretha Simon. “Querem ficar juntos dos filhos Hieronimus e Heinrich”. (veja 21 e 22)

No ano de 1891 consta mais uma anotação no livro da igreja, mas nenhum pedido de emigração.

Ludwig Hoffner, solteiro. Seu irmão Josef já havia emigrado há 12 anos para Blumenau (veja 8 – 1879).

Aqui finalizo o relatório sobre a emigração de cidadãos de Kirrlach.

Epílogo

O relatório sobre a emigração para o Brasil talvez não expresse a totalidade. Ele baseou-se nos documentos do Arquivo Geral de Karlsruhe e apontamentos nos livros de igrejas. Foram relacionados somente nomes de emigrantes documentados.

Presumimos que alguns emigraram sem a respectiva documentação, cujo número considero pequeno, cerca 5 a 10 pessoas. Espero que num trabalho conjunto com o Arquivo de Blumenau e de Brusque possa preencher ainda uma ou outra lacuna.

L. H.

(Ludwig Hillebrand).

Aus dem Jahre 1880 sind mir nur zwei Anträge um Auswanderungsgenehmigung bekannt.

Nr.1 Hauck, Josef mit Ehefrau Franzisca Würges und den Kindern : 1 Peter Josef, 2 Philippina.

G.L.A. 344/2418

Josef ist mit seiner Familie zu seinen Brüder Lorenz und Cyprian siehe 1879 Nr.5

u. Nr.6, ausgewandert.

Nr.2 Würges, Valentin mit Ehefrau Margaretha Simon .

G.L.A. 344/2418

„Wollen sich bei ihren zwei Söhnen Hieronimus und Heinrich niederlassen“.Siehe 1879

Nr.21 u.22. Im Jahre 1891 gibt es noch ein Eintrag im Pfarrbuch, aber keinen Auswanderungsantrag im G.L.A.

Hofner, Ludwig - ledig.

Sein Bruder Josef war schon 12 Jahre früher nach Blumenau ausgewandert, 1879 Nr. 8

Damit endet der Bericht über die Auswanderung Kirrlacher Bürger nach Brasilien.

Nachwort:

Der Bericht über die Auswanderung nach Brasilien kann nicht den Anspruch der Vollständigkeit für sich erheben, er stützt sich bei den Namen der Auswanderer auf die Unterlagen des Generallandesarchives Karlsruhe, sowie Eintragungen im Kirrlacher Pfarrbuch. Es sind nur solche Auswanderer aufgeführt, wo sich beide Quellen in Ihren Angaben decken, denn es sind vermutlich auch einige ohne Angaben bzw. Antragstellung ausgewandert. Diesen Anteil schätze ich allerdings sehr gering, ca. 5 - 10 Personen maximal, doch ich hoffe durch die Zusammenarbeit mit dem Archiv in Blumenau und Brusque noch die eine oder andere Lücke in den nächsten Jahren schließen zu können.

Über die Auswanderung Kirrlacher Bürger nach Nordamerika wird der Heimatverein nach entsprechender Bearbeitung zu einem späteren Zeitpunkt berichten.

L. H.

Presença açoriana na literatura da Ilha de Santa Catarina

Lélia Pereira da Silva Nunes¹

Artigos

Ao final da grande diáspora (1748 – 1756), um contingente humano significativo, cerca de seis mil açorianos, estava assentado ao longo do Litoral catarinense. Uma história social cujo legado venceu o tempo, perpassou gerações e conferiu à população catarinense, especialmente a de Florianópolis, na Ilha de Santa Catarina, a afirmação de uma identidade cultural própria, visível sob diversos matizes e formas nas artes plásticas, na música e na literatura.

Embora seja expressiva a produção pictórica e musical inspirada em torno do universo açoriano, é a literatura que cumpre o papel de registrar a nossa memória coletiva, de manter a cultura ancestral, impedindo que se percam as nossas referências culturais e o conhecimento de nossas raízes. O seu papel, no entanto, não se limita ao registro ou à manutenção pura e simples dessa herança, repetindo o que é consagrado pela memorialística. A criação literária busca nas tradições do povo a fonte de sua inspiração, inovando, fermentando, revivificando num contínuo



¹ Mestre em Administração Pública pela UFSC. Profa. Adjunta do Depto. de Ciências Sociais da UFSC até 1995 (aposentada) e Prof. de Cultura Organizacional do Curso de Pós-graduação em Gestão Pública da UNISUL. Articulista e pesquisadora da cultura popular catarinense.

desafio e compromisso com o futuro dessa gente. Essa literatura se manifesta sob diversos gêneros e encontra na ficção de narrativa a maior expressão da matriz açoriana do século XVIII que transmitiu o modo de ser e estar ao ilhéu, nativo da Ilha de Santa Catarina, e ao homem do Litoral catarinense.

Os temas decorrentes da epopéia açoriana marcaram e marcam uma produção literária que se alimenta da história, do espaço geográfico e dos tipos humanos. Fique bem claro que não se trata de escritores da imigração e sim do legado da imigração. Na ourivesaria de sua arte literária emerge uma lição de sociologia, na dialética da interação social, e de psicologia, no registro perspicaz dos sentimentos.

Conhecê-los e a sua obra é viajar no tempo, é penetrar no imaginário, é entender o processo cultural desenvolvido em seus diferentes aspectos e que são referenciais da cultura catarinense em si.

No elenco de autores que dão vida a essa literatura regionalista, de aporte açoriano, encontramos Virgílio Várzea, Othon d'Eça, Franklin Cascaes, Almiro Caldeira de Andrada e Flávio José Cardozo. Cada um, a seu modo e no seu tempo, fala-nos da Ilha, do mar, do homem pescador e da mulher rendeira, com seu jeito sem pressa de olhar a vida passar entre os fios entrelaçados da rede e da renda.

Virgílio Várzea (1863-1941) nasceu na freguesia de Canasvieiras, na Ilha de Santa Catarina. Do pai, português minhoto, marinheiro de profissão, e da mãe açoriana de origem, herdou a paixão pelo mar. Fez do mar seu companheiro de aventuras. Navegou, singrando oceanos, percorrendo os caminhos marítimos do mundo afora e voltou à sua Ilha e à sua gente. Voltou trazendo o mar na alma, e a maresia dos oceanos impregnada na pele. Foi contista e cronista, novelista e poeta. Prolífico escritor, enriqueceria a narrativa brasileira com uma esmerada produção literária regionalista.

Desenvolveu sua vida literária na antiga Desterro (hoje, Florianópolis) e na cidade do Rio de Janeiro, onde trabalhou e conviveu com a elite literária brasileira (Rui Barbosa, Olavo Bilac, entre outros). Chefiou, entre os anos de 1882-1887, a chamada *Guerrilha Literária*, grupo formado pela intelectualidade ilhoa que se opunha ao Romantismo e defendia as novas idéias do Parnasianismo e Simbolismo recém-chegadas da Europa. Desse grupo fez parte o poeta Cruz e Sousa, expoente do Simbo-

lismo no Brasil, amigo e companheiro de letras (em *Tropos e fantasias*).

Reputado como o nosso primeiro marinheiro, o nosso Herman Melville tropical, Virgílio Várzea consolidou, num estilo incomparável, a ficção descritiva paisagística. Sua literatura é a mais espacial, a mais visual prosa escrita. Integram a sua bibliografia os livros *Traços azuis* (poesia); *Tropos e fantasias* (em parceria com Cruz e Sousa); *George Marcial, O brigue flibusteiro* (romance); *Rose-Castle* (novela); *Contos de amor, Histórias rústicas, Nas ondas, Mares e campos* (contos) e o ensaio descritivo *Santa Catarina – a Ilha*, obra laureada pela Comissão Comemorativa do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil.

Virgílio Várzea soube como poucos retratar os tipos humanos, a paisagem, o folclore, os usos e costumes derivados de uma cultura açoriana do século XVIII. Na vasta obra ficcional, a reprodução fiel do modo de viver ilhéu, em seu próprio ritmo, nuances e rusticidade, realça a dimensão relevante do registro documental, como depositário de um tempo passado e da memória salvaguarda para as futuras gerações. Soube trabalhar com muita propriedade e talento, deixando fluir a história, a geografia e a vida “... Os habitantes são tão bons lavradores, como marinheiros: têm um físico robusto, um caráter decidido e valente. Arrostar o mar em todo tempo, superpondo-se ao perigo, é coisa que lhes anda no sangue e nos nervos. Cantam sobre as ondas revoltas com um meio às culturas tranqüilas onde não há nada a temer.” (“Canasvieiras” in *Santa Catarina – a Ilha*).

A seu respeito escreveu com entusiasmo Olavo Bilac em artigo do jornal “A Gazeta de Notícias” (Rio de Janeiro, 1895): “Virgílio Várzea é um dos mais fecundos dos nossos escritores moços... As suas marinhas – telas vastíssimas... – têm uma vida intensa sentida, apanhada em flagrante por quem sabe observar... Vê-se bem que o autor dos *Mares e campos* não é um contador de casos sonhados, mas um historiador da sua terra, dos usos e costumes do seu povo”.

Othon d’Eça (1892-1956) nasceu na antiga Desterro (hoje, Florianópolis), Ilha de Santa Catarina. Ao contrário de Virgílio Várzea, que conviveu com o mar, Othon d’Eça viu o mar através dos pescadores, sua vida amarga, seus cansaços estéreis e aquele modo conformado de encarar o destino.

Marinheiro, falou do mar retratado nos saberes, no olhar e na alma

do homem do Litoral. Nas vivências e nas convivências ouviu-lhes histórias e lamentos, festejou a pesca farta, chorou a perda do ente querido, testemunhou a pobreza resignada. “De alguns ouvi-lhes contar os perigos do mar alto, quando o vento sul, cheio de uivos e ameaças, levanta muros de água negra, e os filhos que morrem pequeninos, queimados pela seção ou esvaídos em sangue, e as fomes que suportaram, numa cova de praia, no rancho sem esperança e sem lumes”, escreveu em *Homens e algas*.

Diante da paisagem ilhoa e praieira, não escondia seu êxtase, fazendo da pena o pincel, e das palavras a pintura desse cenário mítico.

Assim como debruçou-se na descrição artística da paisagem, no minucioso registro do “modus vivendi” do pescador, assim, também, foi um manejador exímio da palavra escrita, aproximando a linguagem popular da literária, em que tanto os personagens como o narrador se exprimem no mesmo linguajar.

Seu primeiro livro, *Cinza e bruma*, editado em 1918, no Rio de Janeiro, lembrava o poeta simbolista Cruz e Sousa do *Missal*. Essa influência de duração efêmera não deixou marcas em sua carreira literária. Em 1920 criou a Sociedade Literária Catarinense de Letras, que, em 1924, passaria a denominar-se Academia Catarinense de Letras, instituição da maior relevância no desenvolvimento da literatura catarinense.

Seguem-se a novela *Vindita braba* (publicada em 1923 no jornal “A República”, de Florianópolis, e no ano de 1924 na “Revista do Brasil”, de São Paulo, por iniciativa do escritor Monteiro Lobato), *Aos espanhóis confinantes* (1929), *Nuestra Señora de L’Asunción* (inédito até 1922) e *Homens e algas* (1ª edição, 1957), sem dúvida o livro mais importante.

Em *Homens e algas*, seu último livro, a ficção e a realidade se encontram numa coletânea de histórias curtas, vincadas pelo vivo contraste entre o cotidiano sofrido, miserável, desesperançado e os tons coloridos da paisagem exuberante. Para Othon d’Eça, *Homens e algas*, como ele afirma em seu ‘Como um prefácio’, é quase um livro de memórias, “escrito com o intuito de gravar verdades vivas e amargas – que valem muito mais que os relevos dos frisos e as galas da imaginação”.

Vemos, todavia, que ao fixar tipos humanos, linguagem, folclore e vida praieira, Othon d’Eça, além de produzir uma vigorosa literatura regional etnográfica, em todo o seu texto carregado de *açorianismos*, traz à tona a

memória coletiva de uma população desvalida. Logo, sua obra é mais que um livro de memórias, é uma peça documental preciosa, pelo registro que faz da nossa história social e cultural.

Nos contos narrados com simplicidade e originalidade, Othon d'Eça dá voz a criaturas cuja vida se desenrola junto aos avanços e recuos do mar, sobre a praia, numa relação simbiótica, “homens e algas cuspidos todos numa praia, sob o sol dourado e vivo: as algas pelo mar e os homens pela miséria”.

Franklin Cascaes (1908-1983) nasceu na praia de Itaguaçu, no município de São José “da Terra Firme”. Hoje Itaguaçu pertence a Florianópolis, cidade que Cascaes sempre chamou de Desterro, em protesto à homenagem prestada a Floriano Peixoto em 1894 e até hoje não aceita por grande parcela dos nativos da Ilha-Capital.

Como artista, Franklin Cascaes foi autodidata. Utilizou todo o seu talento e criatividade em registrar e transmitir, através da escrita, do desenho, da escultura e do artesanato, o legado açoriano. Enquanto a cidade crescia e se desenvolvia num vertiginoso processo de modernização, que punha em perigo o futuro da Ilha, Cascaes buscava o passado, em pesquisa quase arqueológica, juntava cacos de um patrimônio cultural que se fragmentava e punha a salvo muito da memória da cultura popular da nossa Ilha.

Quase solitário em sua caminhada, por mais de 30 anos recolheu histórias e estórias, num persistente trabalho de rabiscar a mitologia, desenhar a bico-de-pena cenas do cotidiano, crenças e o imaginário ilhéu, moldar na argila os personagens desse cenário insular. Deixou um valioso documentário sobre usos e costumes, histórias de bruxarias e magias, além de um acervo riquíssimo de cerâmica figurativa que retrata festas religiosas tradicionais, folguedos populares, crenças e lendas, as alfaias e as tecnologias patrimoniais dos engenhos, da pesca e da agricultura, a labuta diária na criação artesanal de subsistência.

Etnógrafo, escultor, folclorista, escritor, foi ele próprio um bruxo artífice da cultura ilhoa e de seus mistérios anímicos. Traduziu melhor do que ninguém o universo artístico, fantástico, mágico, que permeava (e permeia) a teia de relações sociais do povo açoriano da Ilha de Santa Catarina. Na sua única obra publicada, *O fantástico na Ilha de Santa Catarina* (1979 – I

volume), estão reunidas 12 estórias de um conjunto de 24. No enredo, temos a narrativa linear do fantástico contada com extrema singeleza por vozes da Lagoa, do Ribeirão da Ilha, do Pântano do Sul e de outras freguesias. O leitor mergulha num torvelinho e de cada página saltam bruxas, feiticeiras, lobisomens, boitatás, benzedeadas com suas rezas e remédios.

O segundo volume de *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, que só sairia nove anos após sua morte, ou seja, em 1992, traz 12 outras estórias, fruto do trabalho de pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina, todos movidos pelo mesmo entusiasmo e fascinados pelas revelações colhidas no mergulho profundo nesse mar de estórias contadas ao longo das gerações. Os enredos dos 24 textos selecionados refletem as vivências de Franklin de Cascaes, no lusco-fusco do entardecer, na ardentia das marés, nas noites de lua cheia, fiadas em torno do lume das lamparinas, estórias de tempos idos e rememorados continuamente através da tradição oral.

Na busca do entendimento da rica cultura popular da Ilha de Santa Catarina, a obra de Franklin Cascaes oferece um farto material para pesquisadores que se aventuram a penetrar nesse fabuloso mundo, desvendando arquétipos delineados em tantas imagens e formas míticas. Com sua exuberante imaginação, ele ousa e surpreende: assim é quando introduz na narrativa das lendas da Ilha elementos atuais, como uma nave espacial, ou quando procura na mitologia grega a compreensão de atitudes estranhas do nosso homem simples e aturdido com o inexplicável.

A linguagem, em dialeto *manezês*, flui descontraída na cosmovisão de suas estórias e gentes, de vidas em ritmo sossegado, matizada de humor, num misto de realidades e quimeras.

Almiro Caldeira de Andrada nasceu na cidade de Florianópolis, em 1921. Com a novela *Mão de pilão* recebeu, em 1958, o Prêmio Virgílio Várzea da Academia Catarinense de Letras. Caracteriza-se por uma produção literária ficcional cuja tônica é o romance histórico construído a partir de momentos e fatos acontecidos em diferentes épocas e distantes geografias.

Do conjunto de sua obra sobressaem três romances históricos de forte aporte açoriano: *Rocamaranba* (1961), *Ao encontro da manhã* (1967) e *Arca açoriana* (1984).

Rocamarianha tem como pano de fundo a saga de duas famílias terceirenses que em 1748 atravessaram o Atlântico na grande epopéia açoriana. Descreve as vicissitudes da longa viagem e sua adaptação na Ilha de Santa Catarina. Busca as raízes culturais elucidando as interações entre o passado deixado para trás nos Açores e os caminhos percorridos na terra de acolhimento.

Com um enredo simples e terno, a narrativa de pouco mais de cem páginas fala do romance dos jovens Nanda e Duda e os conflitos decorrentes da decisão de seus pais de emigrarem para o Brasil. A ruptura das raízes, de vidas partidas, a saudade dos tempos idos, findos e irreversíveis estão presentes ao longo da trama. Uma narrativa forjada em dois pontos imbricados. De um, está sobreposto o romance, no seu conteúdo novelesco, marcado pelo processo migratório. Em outro, o futuro, o renascer aqui, na Vila do Desterro, cenário da sociedade ilhoa do século XVIII. Chama atenção a seriedade com que pesquisa e recria usos e costumes da época, desvenda valores morais, registra tradições culturais oriundas dos Açores. A narrativa encerra, justamente, quando Duda e seu pai, cumprindo determinação régia na defesa do território português no extremo Sul do Brasil, partem para o continente de São Pedro. Quinze anos depois, a saga e o resultado da migração açoriana também seriam fonte inspiradora para *Um quarto de légua em quadro*, do escritor Luiz Antônio de Assis Brasil.

Rocamarianha é uma palavra resultante da fusão dos termos roca, instrumento de fiar, e emaranhar, simbolizando o fiar e o desfilar. O emaranhar do confuso fio do destino no palmilhar entrelaçado das trajetórias de vidas, desde Açores até o Sul do Brasil. A urdidura de personagens que reconstruíram suas vidas, desembaraçando os fios, na nova terra prometida – a Ilha de Santa Catarina.

Ao encontro da manhã tem como cenário a Revolução Federalista (1893-1894) e o episódio do fuzilamento dos revoltosos na fortaleza de Anhatomirim. Numa técnica de narrativa dinâmica, a trama de amor e ódio desenvolveu-se na Desterro do final do século XIX, sendo os personagens descendentes da quinta geração dos de *Rocamarianha*. Os traços da singular cultura açoriana, visíveis em toda a extensão da obra, são retratados com fidelidade. Em *Arca açoriana*, Almiro retoma os fatos históricos e os personagens de *Rocamarianha* e antecipa a participação de outros que estão em *Ao*

encontro da manhã. Novamente, uma obra de ficção, tendo como moldura acontecimentos históricos conhecidos – a disputa deste território pelas Coroas de Espanha e Portugal. A ação se desenrola na Ilha de Santa Catarina, quando da tomada da Ilha pelos espanhóis em 1777. Nas páginas de *Arca açoriana* desfila a segunda geração daqueles açorianos chegados em 1748, distantes das suas raízes rompidas no tempo e no espaço, suturadas, reconstruídas e reproduzidas por novas gerações. A obra de Almiro Caldeira dá vida à ficção, recuperando a memória da tradição açoriana em terras catarinenses sob a perspectiva dos vencedores.

Flávio José Cardozo nasceu em Lauro Müller, na região carbonífera de Santa Catarina, em 1938, ao pé da Serra do Rio do Rastro.

Conheceu o mar quando já tinha 11 anos, fato que viria a ter grande repercussão em sua atividade de ficcionista. Boa parte do que escreveu tem por temática as coisas e as gentes à beira-mar, o cotidiano da Ilha de Santa Catarina, os traços remanescentes da presença açoriana, em textos plenos de lirismo, humor e imaginação.

Escreveu os livros de contos *Singradura* (1ª edição, 1970), *Zélica e outros* (1ª edição, 1978) e *Longínquas baleias* (1986) e os volumes de crônicas e ficção curta *Água do pote* (1982), *Sobre sete viventes* (1985), *Beco da lamparina* (1987), *Sofá na rua* (1998), *Tiroteio depois do filme* (1989), *Senhora do meu desterro* (1991), *Trololó para flauta e cavaquinho* (em parceria com o escritor Silveira de Souza, 1999) e *Uns papéis que voam* (2003).

Em 2002, estreou na literatura infantil com *O tesouro da Serra do Bem-bem*. Seus textos foram adaptados para o teatro, a televisão e o cinema. O escritor desenvolve também intenso trabalho nas escolas dos diversos níveis, num permanente esforço pela formação de leitores.

Os livros *Singradura* e *Zélica e outros* destacam-se na sua bibliografia. Referindo-se ao primeiro, de feição mais lírica, Victor Giudice comentou que nele “a palavra subverte os valores tradicionais para adquirir um valor inteiramente novo e contextual”. Em *Zélica e outros* o tom é de farsa. Temos aí, como escreveu Assis Brasil, “um exemplo notável de como é possível fazer humor, ser satírico e pícaro ao mesmo tempo, sem resvalar de um nível literário dos mais incisivos”. Na narrativa desses contos é revelada com perspicácia a transformação do universo dos pescadores e praieiros, os conflitos e a resistência às mudanças que acompanham o inexplorável

processo de urbanização. Rica em elaboração e conteúdo, é uma obra sensível à memória social de nossa gente.

Flávio faz crônica com imensa graça. Nesse gênero, transcende o espaço local para explorar todos os temas. Debruçado sobre os fatos humanos, capta imagens, pincela com humor e colore o cotidiano por vezes amargo, extraindo dele o seu universalismo. O estilo é muito pessoal. A comunicação flui leve e solta, numa linguagem cheia de sutileza e malícia, tão própria do espírito “manezês” (termo derivado de “manezinho”, nativo da Ilha de Santa Catarina). Observador atento, não perde a ocasião de registrar a memória do lugar em que vive, o repertório afetivo do praieiro e o imaginário insular. Vai tecendo, mexendo os bilros, entrelaçando os fios da criação, ora docemente, ora com vigor, conduzindo com arte a narrativa de seus contos e crônicas. Por isto, seus personagens passeiam com naturalidade e espontaneidade em suas histórias, ganham força e nos impressionam tanto.

Foi com essa capacidade de domínio verbal, de tecer filigranas e perceber as sutilezas do tempo e espaço, que ele manteve durante anos, diariamente, sua coluna de crônicas (e de muitos pequenos contos) no “Diário Catarinense”, de Florianópolis. Se posiciona como viva voz na defesa das questões culturais e das tradições ilhoas. Participa ativamente na vida da comunidade onde mora, no caminho dos Açores (nome por ele sugerido ao poder público), na freguesia de Santo Antônio de Lisboa, interior da Ilha de Santa Catarina.

A proposta de escrever um artigo sobre escritores da Ilha de Santa Catarina cuja produção literária esteja fortemente marcada pela presença açoriana é resultado da necessidade sentida de aproximar os açorianos do arquipélago e das comunidades da diáspora de outras vozes, nascidas na margem de cá do Atlântico Sul, na altura da latitude 27 °, que tem nas tradições de seu povo e sua ancestralidade a fonte de sua inspiração.

Estes cinco – Virgílio Várzea, Othon d’Eça, Franklin Cascaes, Almiro Caldeira e Flávio José Cardozo – não são vozes isoladas. Outros, em diferentes gêneros literários, bem como ensaístas, historiadores e cientistas sociais, muito se dedicam à temática.

Este talvez seja o momento de fazermos uma avaliação consuetudinária das expressões culturais dos açorianos de lá com os do lado de cá,

separados há 255 anos e unidos por partilharem de uma mesma matriz civilizatória, herança que nos dignifica e identifica. A gestão cultural do município de Florianópolis tem procurado cumprir o seu papel neste processo, salvaguardando e preservando a nossa identidade cultural, socializando conhecimentos, executando uma política pública de cultura voltada, também, para uma política de inclusão social. Uma política que não apenas disponibiliza o acesso democrático aos bens culturais, mas, principalmente, abre portas, garantindo com qualidade meios para a produção cultural, fomentando a criação e difundindo o conjunto de manifestações artísticas, literárias, históricas e culturais da nossa Ilha Capital.

No caso específico dos Açores e sua gente, se há necessidade de uma maior interrelação entre o que se produz aqui e lá, no que depender de atitudes e iniciativas públicas, cabe a nós tomá-las.

Está na hora de regressar por este mesmo mar que não nos aprisiona ou empareda, por ser portal que nos une ao continente. De atravessar esta imensa porta e deixar fluir dos dois lados uma corrente benfazeja de trocas enriquecedoras dos escritores, poetas e críticos.

Neste sentido, alguns passos fundamentais já foram palmilhados, com ações efetivas da Direção Regional das Comunidades e com a assinatura do protocolo de cooperação cultural entre a Fundação Gaspar Frutuoso (Universidade dos Açores) e a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (Prefeitura Municipal), que oportunizará novos projetos sobre as sobrevivências culturais nesta Ilha abençoada por Santa Catarina – referência da cultura portuguesa insular do século XVIII. Enfim, como bem afirmou António Machado Pires, “não são, pois, os açorianos de hoje que são raízes dos catarinenses, mas estes que transportam as *raízes açorianas que fomos*”.

Vale a pena conhecer-nos!

A Revolução Verde no Brasil

Miguel Mundstock Xavier de Carvalho¹

Artigos

Um termo problemático

Para quem não está familiarizado com as discussões sobre o meio ambiente ou com a história da agricultura no último século, o termo “Revolução Verde” pode ter um significado muito enganador. De fato, quando lemos em algum lugar o adjetivo “verde”, é porque geralmente tem alguma coisa a ver com a preservação do meio ambiente (ou quer parecer preocupado com a natureza). Assim, temos Partido Verde, “Greenpeace” (paz verde), “maquiagem verde” – denominação que tem sido dada à postura das empresas que buscam associar a sua imagem à preservação ambiental, sem, de fato, necessariamente serem responsáveis em relação ao meio ambiente.

Acompanhando esse significado senso comum de “verde”, Revolução Verde teria alguma relação com ações ambientalistas, ações radicais em defesa do meio ambiente. Na verdade, com Revolução Verde se quis dizer, na época de sua implantação, uma revolução completa nas prá-



¹Aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. miguelmxdecarvalho@yahoo.com.br

ticas agrícolas, um controle maior sobre a produção e a produtividade, uma racionalização e uma tecnificação da agricultura. Ao que parece, então, não tem nada a ver com as questões ambientais.

Mas é preciso considerar que a agricultura, em geral, ou os vários tipos de agricultura, não se limitando à agricultura dos moldes da Revolução Verde, tem se constituído numa atividade marcante de interferência humana na natureza. Embora talvez agricultura e conservação ambiental não sejam inconciliáveis, como demonstram por exemplo, a permacultura², os sistemas agroflorestais e as experiências em agricultura ecológica, a grande devastação florestal que vem acontecendo nos últimos milênios é obra das sociedades agrícolas. E principalmente com a Revolução Verde, a agricultura se constituiu num conjunto de práticas e técnicas de impacto ambiental nunca tão elevado, com o uso de irrigação intensiva, adubos químicos, produtos tóxicos, máquinas pesadas, extensas monoculturas, antibióticos, criação intensiva de animais, hormônios, sementes híbridas e mais recentemente transgênicos.

Portanto, qualquer estudo sobre a Revolução Verde que desconsidere a questão ambiental, encarando-a somente como um processo de transformação econômica, política, social ou cultural, estará deixando de lado um aspecto fundamental que, se é influenciado pelas ações humanas, também exerce influência nas condições de sobrevivência. José Augusto Pádua, em um artigo denominado “Produção, Consumo e Sustentabilidade: o Brasil e o contexto planetário”, aponta para a necessidade da inclusão da questão ambiental nas análises sociais e econômicas:

Trata-se de um esforço para superar o enfoque abstrato e “flutuante” que domina o pensamento social e econômico contemporâneo, onde a dinâmica das sociedades tende a ser vista como flutuando acima da esfera terrestre e dos seus ecossistemas. A dinâmica das sociedades, com suas interações e desigualdades, é entendida como um universo auto-explicativo, que depende do planeta apenas na medida em que dele retira recursos naturais. [...] Ele [o enfoque “flutuante”] obscurece o fato de que as desigualdades entre os seres humanos, fruto de conflitos históricos e do estabelecimento de configurações de classe e de dominação intra e inter-sociedades, também se expressam materialmente e precisam ser enfrentadas no contexto desta mesma materialidade. As desigualdades sociais, desta forma, são sempre desigualdades ecológicas, definindo os modos e escalas de acesso aos recursos da terra.³

De qualquer maneira, os discursos que acompanharam a implantação da Revolução Verde, a partir do final da década de 1940 e começo dos anos 50, apontavam para a necessidade da racionalização e tecnificação da agricultura a fim de acabar com a fome no mundo, especialmente nos países do Terceiro Mundo. Portanto, o objetivo propalado era o do crescimento da oferta de alimentos e da renda dos agricultores em todo o mundo, já que “a humanidade estava muito atenta ao abastecimento alimentar. A guerra havia trazido a fome para o seio dos povos em conflito, que havia tempo não se defrontavam com essa calamidade. Nos países distantes do conflito, a crise econômica resultante havia semeado o raciocínio.”⁴ Enfim, promessas que não se concretizaram, embora continuem sendo anunciadas nessa nova fase da Revolução Verde em que estamos vivendo, que vem se caracterizando pelos esforços para a disseminação de um novo padrão biotecnológico. O livro de Henk Hobbelink, “Biotecnologia: muito além da Revolução Verde”⁵, editado no Brasil em 1990, foi um dos primeiros no país a atentar para essa nova fase da agricultura que estaria se inaugurando, com a criação dos OGMs (Organismos Geneticamente Modificados).

Gostaríamos de comentar também que Revolução Verde é um termo pouco conhecido nas ciências humanas, e é mais frequentemente mencionado nos estudos relacionados à Agronomia, à Economia Agrícola ou à Sociologia Rural. Talvez porque seja um modelo explicativo amplo demais, que se refira a um conjunto de modificações muito complexas e com uma abrangência espacial em nível globalizado. Mesmo assim os historiadores não podem ignorar um processo que está relacionado com o fim de um dos grandes períodos da história humana, que Hobsbawn localizou entre 1947 e 1973, e que significou o fim de um período de milênios “em que a maioria esmagadora da raça humana vivia plantando alimentos e pastoreando rebanhos”.⁶

Os projetos e discursos da Revolução Verde

A Revolução Verde foi acompanhada de uma série de promessas e idéias sobre a necessidade da transformação das práticas e dos métodos agrícolas e também da própria mentalidade dos agricultores. Havia uma

ênfase na necessidade de se criar um novo rurícola, um agricultor que adotasse não só a tecnologia moderna, como os adubos químicos, as sementes “melhoradas”, os agroquímicos, os tratores, mas também a racionalidade, o espírito progressista do investimento e da acumulação de capital. Os conhecimentos da agricultura tradicional, tais como a observância das fases da Lua, a preservação de variedades “rústicas” de plantas, os remédios caseiros para as criações doentes, deveriam ser abandonados em favor do imperativo da racionalidade técnica. Assim, por exemplo, temos em um jornal do Oeste de Santa Catarina, o *Jornal da Semana*, de propriedade de Atilio Fontana, fundador da Sadia, um artigo de 1955 intitulado: “O porco é uma máquina”.⁷ Ali podemos observar como a ideologia tecnicista e produtivista, comentada por autores como Ana Primavesi e Francisco Graziano Neto, estava sendo disseminada no Brasil já a partir da década de 1950:

Agora, quanto mais perfeita, mais racional, mais de acordo com os princípios zootécnicos for a sua criação, mais o porco dará de si, mais renderá, mais será um elemento de prosperidade e renda para aquele que souber criá-lo racionalmente.

O criador inteligente e hábil poderá fazer deste animal quase tudo o que quiser, e ele só dará prejuízo quando a sua criação não presidir o mais elementar princípio zootécnico.

O principal meio para a difusão dessa ideologia era o extensionismo rural, ou a *extensão* da racionalidade e da “eficiência” capitalista para o campo. De fato, a Revolução Verde aprofundou o capitalismo no campo. Em relação à grande propriedade, introduzindo técnicas e insumos urbano-industriais e, assim, gerando dependência em relação à cidade. Com relação às pequenas propriedades, as alterações foram muito mais profundas, uma vez que a condição de subsistência e os seus métodos agrícolas foram negados em favor da inclusão do agricultor no mercado e nas novas necessidades técnicas.

Sobre o extensionismo rural no Brasil e mais especificamente em Santa Catarina, consultamos a dissertação de mestrado defendida na UFSC, de Reinaldo Lindolfo Lohn: “Campos do Atraso, Campos Modernos: discursos da Extensão Rural em Santa Catarina (1956-1975).” O extensionismo tem origens nos Estados Unidos no começo do século XX, e no Brasil é institucionalizado em 1948, com a criação da ACAR (Associação de Crédi-

to e Assistência Rural), com forte apoio da AIA (American International Association for Social Development), do empresário norte-americano Nelson Rockefeller. A AIA só irá se retirar da direção da ACAR em 1961, quando a extensão progressivamente será exclusiva responsabilidade do Estado.

Em Santa Catarina a extensão é formalizada com a criação da ACARESC (Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina) em 1956. A atual EPAGRI (Empresa de Pesquisa e Extensão Rural de Santa Catarina) é a continuação daquela instituição, se bem que com novas propostas incorporadas.

Além de todo o interesse econômico das empresas químicas, de máquinas, de adubos, que havia por trás da modernização agrícola (que quer dizer a mesma coisa que Revolução Verde), a extensão rural permitiu ao Estado “um controle efetivo sobre regiões extremamente isoladas, fora do alcance de mecanismos institucionais formais, fixando num esquema administrativo racional e pragmático os espaços e tempos fluidos e confusos do interior de Santa Catarina”.⁸ Lohn também considera não ser uma simples coincidência dois representantes da agroindústria, como Atílio Fontana, por parte da Sadia, e Luiz Gabriel, por parte da Perdigão, terem dirigido a Secretaria da Agricultura no início dos anos 60.

Para atingir seus objetivos, a Extensão Rural contava, além dos técnicos extensionistas, com a organização de grupos de jovens filhos de agricultores, chamados clubes 4-S (Saber, Sentir, Servir e Saúde), e com uma mulher extensionista, que ensinaria noções de higiene e saúde à família do agricultor. Com origem nos clubes 4-H (Head, Heart, Hands e Health), no início do século nos Estados Unidos, existiam no Brasil desde a década de 50. Formados por jovens de 14 a 25 anos, se constituíram num meio hábil de fazer os jovens entender a *necessidade* do progresso e de superarem o “atraso” reinante no campo.

Da Revolução Industrial à Revolução Verde

Acompanhando as inovações tecnológicas da indústria, a agricultura europeia do século XIX transformou radicalmente as práticas agrícolas. A partir de 1830, introduzem-se máquinas como a segadora mecânica, o arado a vapor e a ceifeira debulhadora⁹, e em meados do século XIX aparece o trator a vapor. O químico Justus von Liebig (1803-1873) foi o pai

da indústria do adubo químico, inventado tendo em vista o aumento da produtividade, mas também atualmente responsabilizado pelo desequilíbrio nutricional do solo e das plantas.¹⁰

Em meados do século XIX também iniciou-se o uso de produtos químicos inorgânicos para o controle das ervas daninhas, já que havia escassez de mão-de-obra nas fazendas para o controle manual. Nessa época “já se usava, se bem que em pequena escala, sais de arsênico para o controle de ervas de folha larga nas culturas de cereais. Em 1886 começou a ser utilizado, na França e depois na Inglaterra, o sulfato de cobre. Já no início do presente século foram introduzidos o sulfato ferroso, ácido sulfúrico e clorato de sódio, estendendo-se o seu uso da Europa para a América do Norte.”¹¹

Quanto ao crédito agrícola, elemento essencial da cartilha da Revolução Verde, teve origem na política do *New Deal*, de Roosevelt, após a quebra da Bolsa de Nova York em 1929. A agricultura foi uma das atividades mais afetadas pela crise, e para superá-la, entendia-se que ela deveria se integrar na economia de forma que produzisse matérias-primas para a indústria, mas também consumisse os insumos produzidos pela mesma, como os adubos, minerais inorgânicos, máquinas, etc.

Sebastião Pinheiro, em *Ladrões de Natureza*, explica muito bem a engrenagem dessa política:

Pelo *New Deal* americanóide, quando se investem 4 para colher 10, ganham todos, pois estes 10 geram impostos, empregos, comércio, giro nos bancos, bolsas... Nos Estados Unidos (e Primeiro Mundo de um modo geral), o dinheiro oferecido ao agricultor é subsidiado pelo governo para que ele (o agricultor) não fique sem investir os 4.¹²

E prossegue, analisando as conseqüências:

O agricultor vai ter crédito em função do tamanho da área plantada. Logicamente, sua reação é plantar toda área que possui. Numa segunda fase, ele verá que, para crescer, precisará de mais terra para ter mais crédito, ou necessitará de mais eficiência; e, para ter eficiência, precisará de mais crédito para ter mais lucro. É uma roda sem fim. Um buraco sem medidas. Eficiência, aliás, é um conceito ideológico empregado pelos industriais, cientistas e técnicos da extensão rural. Segundo este conceito, para se obter eficiência é preciso consumir todos os produtos que constituem a moderna agricultura. Baseado nisto, ocorre uma tendência natural de desaparecimento de 999

produtores rurais ocupando 10 hectares, para que surja apenas um, o eficiente, ocupando 10 mil hectares.¹³

Esse foi o modelo de crédito disseminado para todo o Terceiro Mundo. No Brasil, um relatório de 1995 do Banco do Brasil, o fomentador do crédito agrícola no país, evidencia o caráter elitizado do crédito. Dos 76% dos recursos para empréstimo foram para pedidos de mais de R\$ 150 mil; entre estes, 55% ultrapassavam os R\$ 500 mil. E apenas 2,6% dos recursos foram destinados às solicitações de até R\$ 10 mil.¹⁴

Em relação aos agrotóxicos, eles fazem parte de uma história mais recente. Os agroquímicos vão ser introduzidos principalmente após a II Guerra Mundial e estarão ligados, desde então, às guerras em que se usarão armas químicas. É que os tóxicos empregados para matar gente nas guerras serão os mesmos usados para o controle de insetos, fungos, nematóides e ervas daninhas na agricultura. Assim, em 1942, deu-se a descoberta do 2,4 - D, que, não temos conhecimento de que tenha sido usado já na II Guerra Mundial, mas de qualquer forma foi mantido em segredo, para só em 1948 ser utilizado nas culturas de cereais na Inglaterra e nos Estados Unidos para o controle de ervas de folha larga. De qualquer maneira, o 2,4 - D foi largamente utilizado na Guerra do Vietnã no final da década de 1960.

Provavelmente também não é coincidência que as propriedades inseticidas do DDT (Dicloro Difênil Tricloroetano) tenham sido descobertas justamente em 1939, mesmo que ele já tenha sido inventado em 1874. A Paul Muller, a descoberta rendeu o Prêmio Nobel de Química. Como é comum na história dos agrotóxicos, o DDT foi recebido com grande euforia, para só mais tarde serem comprovados os seus efeitos maléficos à saúde humana e ao meio ambiente.

Os primeiros agrotóxicos a se popularizarem foram os da classe dos inseticidas, durante a década de 50 nos Estados Unidos, Europa e Japão, e só atingiram o seu auge no Brasil na década de 1970. Com o crescimento dos problemas com pragas, em razão da própria utilização desse pacote tecnológico formado de adubos químicos, máquinas pesadas e agroquímicos, surgiram os fungicidas. Na verdade, desde a invenção da agricultura há milênios – essa data, além de ser muito difícil de ter alguma precisão, é extremamente variável conforme as regiões da Terra –, os ata-

ques intensos de pragas eram extremamente raros. Os métodos de controle biológico, de rotação de culturas e de pousio (interrupção do cultivo da terra por um ou mais anos) eram suficientes para manter as pragas em níveis equilibrados e nunca catastróficos.

Somente a partir da introdução desse pacote tecnológico é que o ataque de pragas começou a atingir níveis preocupantes. Para termos uma idéia, “antes de 1946 havia nos Estados Unidos apenas 10 espécies de insetos e carrapatos resistentes a produtos inorgânicos minerais; em 1969, a resistência foi confirmada para 224 espécies de insetos e acarinos”.¹⁵

Como consequência e ao mesmo tempo causa desses problemas, a década de 1960 foi pródiga no desenvolvimento de novos herbicidas; até o final da década foram lançados 60 novos produtos no mercado, atingindo outros cultivos além do milho, trigo e outros cereais, como feijão, batata, beterraba-sacarina, cenoura e frutíferas.¹⁶

Além da sua utilização comercial, esses produtos tóxicos tinham, certamente, uma importância militar estratégica para os países hegemônicos. O caso mais famoso e evidente foi o da Guerra do Vietnã, por alguns considerada o maior desastre ecológico da história da humanidade. Algumas estimativas apontam para 500 mil o número de crianças nascidas com deformações e outros problemas de saúde decorrentes do uso de 76 milhões de litros de herbicidas nas florestas tropicais do Vietnã.¹⁷ Esses produtos eram fornecidos por empresas químicas multinacionais tradicionais na venda de agroquímicos: Dow Chemicals, Uniroyal, Hercules, Diamond Shamrock, Thompson Chemical, TH Agriculture e Monsanto (a principal fornecedora).

O 2,4 - D, inventado durante a II Guerra Mundial, como eu já havia mencionado anteriormente, e também o 2,4,5 - T (ácido Triclorofenoxiacético), já eram comuns em herbicidas comerciais nos Estados Unidos. Juntos, esses produtos formavam o famigerado Agente Laranja, o herbicida mais usado na guerra do Vietnã.

O primeiro questionamento de repercussão aos agrotóxicos data de 1962, com o lançamento do livro de Raquel Carson, *Primavera Silenciosa*. Esse livro tem servido de referência aos movimentos de agricultura orgânica, mas os seus detratores afirmam que ele é de tom apocalíptico e carece de rigor científico. As empresas químicas até hoje se esforçam para minimizar

e muitas vezes esconder os efeitos maléficos dos agrotóxicos. A Monsanto e o governo norte-americano, por exemplo, mesmo em 1984, quando os veteranos de guerra estadunidenses ganharam na justiça indenizações pela exposição ao Agente Laranja, se negaram a aceitar por muitos anos ainda os efeitos carcinogênicos do produto.

No Brasil, os questionamentos sobre a *necessidade* dos agrotóxicos e do pacote tecnológico da Revolução Verde, de um modo geral, iniciaram-se na década de 70. Nesse contexto, temos Ana Primavesi, com o lançamento do livro *Manejo Ecológico do Solo*, Adilson Paschoal, o próprio Graziano Neto mais para o final da década e o engenheiro-agrônomo e ambientalista José Lutzenberger, um dos pioneiros na crítica à Revolução Verde e na defesa da agricultura alternativa e da preocupação ecológica.

Do *Jornal Cruzeiro do Sul*, de Joaçaba, do final da década de 70 e início dos anos 80, podemos tirar uma amostra localizada do aparecimento da crítica aos agrotóxicos e à Revolução Verde, que acompanhou a ascensão e a popularização dos movimentos ecológicos em nível mundial. Assim, no dia 20/08/1980, no n.1573, na página 14, podemos ler um pequeno comunicado da BBC de Londres para o Cruzeiro do Sul, a respeito de um programa sobre agricultura orgânica que seria apresentado pelo Serviço Brasileiro da BBC de Londres, justamente numa época em que praticamente inexistia a agricultura orgânica em Santa Catarina e no resto do país.¹⁸

Mais destacado no mesmo jornal temos o artigo “Os Perigos dos Defensivos Agrícolas”, de 30/05/1980:

...os viçosos e rubicundos tomates, as roliças e brilhantes beringelas, os chamantes pimentões, e demais hortaliças, atualmente envenenados, e com que? Com o pior dos venenos: mercúrio. O mercúrio tem a violência de, por exemplo, ao ser lançado nas águas de um riacho, impregnar os minúsculos seres aquáticos que, servindo de alimento aos peixes, vão impregná-los do mesmo mercúrio em quantidade duplicada, peixes que, por sua vez, servindo de alimentos ao homem, levam-lhe ao organismo o veneno mercurial mais intensificado; o homem, então, passa a carregar no organismo – isto se conseguir sobreviver – o veneno que vai se transferir ao seu descendente, marcando-o com degenerações genéticas imprevisíveis.

Pois é esse mercúrio assassino que está contido em certos defensivos agrícolas já proibidos de uso há anos, e que – agora se constata – vêm sendo fabricados e vendidos clandestinamente para ajudar a ganância dos que mais se importam é com o “ganhar dinheiro” com produtos bonitos,

*viçosos, apetitosos, que se derrama por aí nos tabuleiros das feiras, dos mercados, do comércio que, a estas alturas nem culpa tem do crime, que mereceria ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional.*¹⁹

Nesse artigo podemos perceber como havia se dissipado a euforia em relação ao uso de agrotóxicos como o DDT na década de 50. A postura é cética e não se limita a essa questão, mas questiona a própria imagem dos “produtos bonitos, viçosos, apetitosos”, que significa na verdade a crítica a todas as técnicas modernas de produção da Revolução Verde, responsáveis pela alteração da aparência e do sabor dos alimentos.

Esse mesmo jornal, inclusive, nessa época dá destaque às palestras sobre os agrotóxicos de José Lutzenberger²⁰ na sua passagem por Joaçaba. Ele já havia trabalhado vários anos para a indústria agroquímica, mas como Sebastião Pinheiro anos mais tarde, se engajou na desaprovação dos agrotóxicos e das técnicas da Revolução Verde. Muito contribuiu o fato de ter sido Lutzenberger, provavelmente, o primeiro brasileiro a ter contato com as idéias de Francis Chaboussou, na França, sobre a Teoria da Trofobiose.

Essa teoria foi explicitada por Chaboussou no livro *Les Plantes Malades des Pesticides* (Plantas Doentes pelo uso de Agrotóxicos), publicado em 1980. No Brasil, a primeira versão em português do texto só apareceu em 1987, com a tradução de Maria José Guazzeli e de Sebastião Pinheiro a partir do exemplar trazido da França por Lutzenberger. A base dessa teoria é a idéia de que “a suscetibilidade da planta ao ataque de pragas é uma questão de nutrição ou intoxicação”.²¹

Paralelamente ao desenvolvimento e à introdução dos agrotóxicos, acentuava-se o uso dos adubos químicos e das máquinas. Em Santa Catarina, por exemplo, o número de tratores passou de 41, em 1950, para 1.049, em 1960.²² Sendo assim, não é de se estranhar que os custos de produção elevaram-se em 1.530% entre os anos de 1960 e 1980 no Estado.

Mesmo assim, ficando patente hoje que esse modelo tecnológico é prejudicial à vida do solo²³, produz desequilíbrios nutricionais em plantas e animais, além de poluir os rios, poços artesianos e prejudicar a saúde humana, percebemos o quanto o Estado e os políticos têm se afastado do debate de crítica à Revolução Verde e têm sido parceiros dos projetos modernizadores.

Recentemente ocorreu em Santa Catarina a construção, pelo Estado, do Centro de Recebimento de Embalagens Tóxicas de Lages, que juntamente com os de Campos Novos, Mafra e Tangará são os responsáveis pela reciclagem das embalagens vazias de agrotóxicos. Ainda tivemos a informação²⁴ de que outros 20 núcleos de armazenamento dessas vasilhas estão sendo construídos. É evidente que elas precisavam ter uma destinação mais adequada, mas, dentro da linha de pensamento da agricultura alternativa, essa medida é apenas um remédio que não combate a fonte do problema, pois segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), anualmente 500 mil pessoas são envenenadas por agrotóxicos e 5 mil morrem em consequência dos seus efeitos. Em Santa Catarina, são estimados em 15 mortes por ano e cerca de 500 casos relacionados às intoxicações. Nesse caso, o Estado agiu como um parceiro da indústria agroquímica, uma vez que seguiu as especificações de segurança determinadas por essa mesma indústria, que se isentou assim da responsabilidade ambiental das vasilhas.

Na verdade, essa é uma história que vem de longe. Clive Ponting, escrevendo sobre a poluição industrial no século XX, comenta sobre essa tendência dos governos em fazer pouco caso dos novos produtos químicos inventados:

Os governos geralmente deram maior importância às exigências do crescimento econômico e do lucro industrial do que às necessidades de um controle mais estrito. Na maioria dos casos, as indústrias conseguiram obter permissão para liberar produtos químicos, causando uma situação de poluição regulamentada.²⁵

No Brasil, em 1954, podemos perceber a sintonia do discurso do ministro da Agricultura com os projetos da Revolução Verde. Apolônio Salles, ministro da Agricultura no governo Kubitschek, escreve sobre a necessidade do uso de fertilizantes a fim de que se impedisse a devastação florestal, infelizmente necessária, segundo ele, à sobrevivência econômica do agricultor:

Esta consciência da eficácia dos fertilizantes será a força que há de sustentar o braço que empunha a foice e o machado. Será a aurora que apague os incêndios que deixam nas encostas a poeira do carvão de milhares de plantas destruídas na esperança de uma compensação de safras abundantes.²⁶

De tal maneira as novas tecnologias foram incorporadas à mentalidade dos agricultores que, mais tarde, no começo da década de 80, temos até um exemplo de excesso de adubação sendo usada:

Por outro lado, também verificou-se que tem sido usada adubação em quantidade superior ao dobro do necessário, sem que isso traga qualquer aumento na produtividade. Demonstrações práticas têm comprovado que agricultores que vêm seguindo corretamente a orientação do Instituto [Instituto Agrônômico de Campinas], vêm obtendo soja por hectares aplicando adubo menos rico e em menor quantidade que seus vizinhos, resultando, em cerca da metade da adubação adotada pelos demais, com custos evidentemente muito mais baixos.²⁷

Um último elemento importante da Revolução Verde que vamos destacar são as sementes. Desde o surgimento da agricultura, há milênios, as variedades das espécies de plantas domesticadas eram definidas localmente pelos agricultores. Cada comunidade desenvolvia suas próprias variedades, conferindo sustentabilidade às espécies, porque existia uma enorme diversidade genética, que, por sua vez, dificultava a disseminação das pragas. Portanto, as variedades eram desenvolvidas de acordo com as necessidades dos agricultores.

Com a Revolução Verde, as mesmas indústrias produtoras dos agrotóxicos, dos fármacos e às vezes petrolíferas também, foram as responsáveis pelo desenvolvimento das novas variedades de alta produtividade. Como resultado da implantação das variedades comerciais, milhares de variedades tradicionais desapareceram. Na Índia da metade do século XIX, por exemplo, existiam por volta de 30.000 raças nativas de arroz, enquanto hoje estimativas situam esse número em cerca de 50.²⁸ Ou então no Sudeste Asiático, onde um único tipo de arroz, chamado IR-36, cobria no final da década de 80 mais de 60% das terras arroteiras, onde eram comuns milhares de variedades tradicionais.²⁹

O problema é que as variedades comerciais de alta produtividade foram desenvolvidas para serem acompanhadas de todo o pacote tecnológico da modernização agrícola. Ou seja, elas não produzem plenamente sem irrigação, adubos químicos e agrotóxicos. Isso significou a dependência dos agricultores e uma elevação nos custos da produção. Ainda há a agravante de que elas estão fazendo desaparecer a diversidade genética mantida pelos agricultores há séculos, e isso pode ter conseqüências muito perigosas, pois

as variedades necessitam estar sempre se renovando, principalmente através de cruzamentos entre cultivares diferentes, para não sucumbirem à ação das pragas.

Um exemplo famoso de uma variedade que não era melhorada constantemente foi a batata “irlandesa”, que acabou não resistindo a uma praga. Como consequência, na década de 1840, dois milhões de irlandeses morreram com a perda da batata.³⁰

No Brasil temos uma situação semelhante, principalmente no que se refere aos cereais como o milho, a soja e o trigo. E mais uma vez, o governo apóia esse projeto modernizador. A estatal EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), por exemplo, desenvolveu até variedades de soja adaptadas ao cerrado brasileiro, uma das últimas fronteiras agrícolas do mundo.

De uma maneira geral, podemos concluir esse capítulo sucintamente dizendo que é evidente que a Revolução Verde não resolveu o problema da fome no Brasil e no mundo. Muito pelo contrário, a pobreza dos camponeses aumentou no último meio século. Os países pobres não superaram seus problemas econômicos, pois se antes importavam alimentos, passaram a importar agroquímicos e fertilizantes, que, por sua vez, se encarceraram muito com a crise do petróleo na década de 70. Os solos estão se degradando mais rapidamente e existem muitos perigos ecológicos em relação aos insumos químicos. Além do mais, a agricultura moderna apresenta um balanço energético deficitário,³¹ isto é, a energia gasta em máquinas, adubos e venenos é muito maior do que a energia obtida pelas colheitas.

E o resultado social mais evidente de todo esse processo de modernização - para ao qual também concorreram outros fatores, como a industrialização mais acentuada, além da concentração de terra -, foi a intensa migração para as cidades, o que acabou colaborando para um crescimento caótico das médias e grandes cidades, com reflexos no acesso a emprego, habitação adequada, falta de planejamento urbano, problemas de saneamento, etc. Em Santa Catarina, em 1950, 76% de um total de 1.560.000 habitantes viviam na zona rural. Em 2000, tem-se uma completa reversão, com 78,25% de um total de 5.356.000 dos habitantes vivendo nas cidades. E a população rural, em absoluto, também caiu de 1.197.000 naquela década para 1.138.000 em 2000, mesmo com o crescimento vegetativo nor-

mal do conjunto da população.

Os políticos e os técnicos da extensão rural estavam conscientes dessa realidade, mas preferiam, na maioria dos casos, assisti-la como benéfica ou, pelo menos, irreversível. Em 1982 o então presidente da EMATER-SC/ACARESC, Genésio Mazon, escreveu na Revista ACARESC, em comemoração aos 25 anos de extensão rural em Santa Catarina, que “é um fato histórico natural, e até desejável, a redução da população rural ao longo dos anos”.

NOTAS DE FIM

²Sistema desenvolvido na Austrália nas últimas décadas por Bill Mollison e seus colaboradores. Visa integrar as culturas agrícolas sem a eliminação de plantas perenes, principalmente as árvores.

³PÁDUA, José Augusto. **Produção, Consumo e Sustentabilidade: o Brasil e o contexto planetário**. Disponível em <<http://pbsd.rits.org.br/cadernos.htm>> Acesso em: 20/01/2004.

⁴KHATOUNIAN, Carlos Armênio. **A reconstrução ecológica da agricultura**. Botucatu: Agroecológica, 2001. p.50.

⁵HOBBELINK, Henk. **Biotecnologia: muito além da Revolução Verde**. Porto Alegre, 1990.

⁶HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos: o breve Século XX - 1914 a 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Apud: LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Campos do Atraso, Campos Modernos: discursos da Extensão Rural em Santa Catarina (1956-1975)**. 1997. Dissertação (Mestrado em História) - UFSC, Florianópolis. p. 46.

⁷O porco é uma máquina. **Jornal da Semana**, Concórdia, 01 fev. 1954. p.4

⁸LOHN, op. cit. p. 27.

⁹ROBERTS, Neil C. (org.) **O Mundo da Natureza**. Coleção História em Revista. São Paulo: Abril, 1993. p.167.

¹⁰KHATOUNIAN, Carlos Armênio. **A reconstrução ecológica da agricultura**. Botucatu: Agroecológica, 2001. p.36.

¹¹ALMEIDA, Fernando S.; RODRIGUES, Benedito N. **Guia de Herbicidas: contribuição para o uso adequado em plantio direto e convencional**. Londrina, IAPAR, 1985. p. X.

- ¹²PINHEIRO, Sebastião; LUZ, Dioclecio. **Ladrões de Natureza: uma reflexão sobre a biotecnologia e o futuro do planeta.** Ipê(RS): Juquira Candiru, 1998. p.19.
- ¹³Ibid. p. 19.
- ¹⁴Ibid. p.21.
- ¹⁵GRAZIANO NETO, Francisco. **Questão agrária e ecologia: crítica à moderna agricultura.** São Paulo: Brasiliense, 1985. p.103
- ¹⁶ALMEIDA, F. S.; RODRIGUES, B. N. op. cit. p. X.
- ¹⁷WARWICK, Hugh. O Agente Laranja e o envenenamento do Vietnã. **The Ecologist**, p. 19, 20, Set/Out 1998.
- ¹⁸**Jornal Cruzeiro do Sul**, Joaçaba e Herval d'Oeste, 20 ago. 1980. p.14.
- ¹⁹Os Perigos dos Defensivos Agrícolas. **Jornal Cruzeiro do Sul**, Joaçaba e Herval d'Oeste, 30 mai. 1980. p. 11.
- ²⁰SINAL de Alerta. **Jornal Cruzeiro do Sul**, Joaçaba e Herval d'Oeste, 10 dez. 1979. p.3
- ²¹LUTZENBERGER, José. **Revista Agroecologia Hoje**, Ano III, n. 16, p.6, Setembro/Outubro 2002.
- ²²LOHN, op. cit. p. 95
- ²³PRIMAVESI, Ana M. **Agroecologia: Ecosfera, Tecnosfera e Agricultura.** São Paulo, Nobel, 1997.
- ²⁴ABRE centro para as embalagens. **Diário Catarinense.** Florianópolis, 30 jan. 2003. p.29
- ²⁵PONTING, Clive. **Uma História Verde do Mundo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p.577.
- ²⁶SALLES, Apolônio. Adubar a lavoura para manter as matas. **Jornal da Semana**, Concórdia, 20 jul 1954. p.4.
- ²⁷PRODUTORES de soja prejudicados. **Jornal Cruzeiro do Sul**, Joaçaba e Herval d'Oeste, 04 abr. 1980. p.15.
- ²⁸HOBBELINK, op. cit. p. 49.
- ²⁹Ibid.p.23.
- ³⁰Ibid.p. 27
- ³¹Ibid. p.69.

Nosso sonho de voar

Brigitte Fouquet Rosenbroch ¹

Memórias

Voar, voar! Este sonho de voar, meu primo Gernat e eu tínhamos quando crianças. Ele seria o comandante dum grande avião, que voaria para bem longe, e eu, a aeromoça.

Acalentamos por muitos anos este sonho até que, num belo dia após o almoço, quando minha tia já dormia, meu primo e eu resolvemos escalar as alturas.

Para voar faltava o avião, mas como também se voa pulando de pára-quadras, resolvemos fazer uso do velho guarda-chuva com o qual minha tia, em dias de chuva, ia ao galinheiro tratar das galinhas.

Encostamos a escada no poste do varal de roupas e eu tive que subir primeiro. Pulei com o guarda-chuva aberto e que agora já era “meu pára-quadras!” Mas... ao invés de voar, levei um belo dum tombo. O guarda-chuva se virou para cima e eu fui com tudo pro chão!

Devo ter caído nos braços de meu anjo da guarda, pois não me machuquei nada. O chão era um gramado muito fofo! O guarda-chuva, ajeitado, voltou pro seu canto e nós não estávamos tristes e decepcionados com a façanha mal-sucedida.

Tivemos que nos contentar daí para frente em ver os teco-tecos voando nos finais de semana sobre nós e continuar sonhando em voar! Nem que fosse como passageiro, num grande avião com comandante e aeromoça, que não éramos nós!



¹ Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos.

“O batalhão patriótico”

José Bento Rosa Da Silva¹

História &
Historiografia

Estivadores de
Itajaí na Revolução
Constitucionalista
de 1932

O ano de 1930 agitou os ânimos dos estivadores de Itajaí, tanto que numa das assembléias “optaram” pelo envolvimento político, conforme registro na Ata: “(...) Diante de tal resolução os associados acharam conveniente irem contra a ordem de outra assembléia, e envolverem a Sociedade em política”.² A assembléia anterior à qual a Ata se refere foi, possivelmente, a que votou a aprovação dos Estatutos, e que rezava: “no recinto social são absolutamente proibidas discussões que versem sobre política, religião ou outro qualquer assunto”, como se viu anteriormente.

Uma vez “envolvidos em política” no início dos anos trinta, a Sociedade parece não ter tido como voltar atrás, sendo que os anos trinta prometiam mais. Em 1932, por exemplo, explodiu em São Paulo a “Revolução Constitucionalista”, não ficando restrita ao Estado de São Paulo, pois seus reflexos se fizeram notar no Estado de Santa Catarina: “(...) As tropas fiéis ao Governo deveriam partir de ordem do Interventor. Para isso foi organizado um corpo militar sob o comando do Coronel João Francisco, além de mais três batalhões efetivos de quatrocentos e oitenta homens, apesar



¹ Graduado em História (FEPEVI), Mestrado em História do Brasil (PUC-SP) e Doutorado em História do Brasil (UFPE). Prof. de História nos Cursos de História da FEBE e da UNIVALI.

de terem recebido comunicado do General Waldemiro Lima, de São Paulo, de que tais tropas não seriam necessárias, pelo menos no momento".³

Em Lages, Aristiliano Ramos foi incumbido de organizar dois batalhões com o auxílio do Governo; em Canoinhas e Mafra foram organizados mais dois, além de Chapecó, Itajaí e de um batalhão reserva da Força Pública, perfazendo um total de mil e quinhentos homens, segundo relatório do Interventor.⁴

Alguns historiadores, como Ricardo Maranhão e Antônio Mendes Jr., afirmaram que a Revolução Constitucionalista de 1932 foi *"um movimento das oligarquias locais (São Paulo), apoiado pela classe média, mas a classe operária estivera ausente; não era sua luta e sim a de seus patrões, os mesmos que, ainda em maio de 1932, haviam esmagado violentamente uma greve que mobilizara 200 mil trabalhadores da capital"*.⁵ Para Leôncio Basbaum, *"havia na época uma forte consciência de classe entre o operariado(...) e, para estes, lutar em defesa de São Paulo era lutar pelo PRP (Partido Republicano Paulista), para o qual a questão sempre fora e continuava sendo um caso de polícia"*.⁶ O mesmo parece não ter ocorrido com alguns segmentos do operariado que se identificaram com a causa liberal. Tratava-se de uma questão cívica e patriótica. Foi assim que na assembléia dos estivadores de Itajaí, do dia 26 de setembro de 1932, foi aprovado que ficariam dispensados das mensalidades *"os companheiros que partiram no Batalhão Patriota"* e que a *"Sociedade faça parte dos festejos da entrega da Bandeira do Batalhão Patriota"*.⁷

O jornal *"O Pharol"*, sob direção de Juventino Linhares, nos meses de julho a outubro de 1932 trazia semanalmente as notícias sobre o que denominava de *"A Rebelião em São Paulo"*, condenando-a, conclamando a população a solidarizar-se com a causa cívica que era a defesa do Governo Provisório de Vargas, caracterizando o movimento paulista como *"movimento reacionário paulista"*.

Em Itajaí, o contingente foi organizado sob a liderança de José Eugênio Müller, que contou com a participação do diretor de *"O Pharol"*. Este jornal se encarregava de veicular a organização em Itajaí: *"O Batalhão de Voluntários"* foi manchete do dia primeiro de setembro de 1932. Abaixo, a matéria dizia que *"eleva-se a mais de cem o número de voluntários inscritos neste município no batalhão que seguirá brevemente para a frente de operações para combater os contra-revolucionários paulistas. Na delegacia de polícia desta cidade continua*

aberta a inscrição dos voluntários. As pessoas que se inscreverem passarão desde aquele momento até sua incorporação a perceber a diária de RS 3 \$000".⁸ Naqueles tempos de instabilidades, aos desempregados abria-se uma possibilidade de arranjar algum dinheiro.

No dia 28, o contingente de Itajaí partiu para o "front". "O *Pharol*", como não poderia deixar de ser, na edição do dia anterior, em uma longa nota, descreveu a composição do batalhão, bem como o cerimonial de despedida que contou com missa votiva na Matriz, realizando em seguida o benzimento e entrega da bandeira, que foi oferecida ao contingente do Vale do Itajaí por uma comissão de senhoritas da sociedade local.

Nota-se, portanto, que a atitude da Sociedade Beneficente dos Estivadores de Itajaí em apoiar os que se alistaram não foi algo isolado, até porque, como se viu anteriormente, o líder político local, José Eugênio Müller, mantinha um elo de amizade e compromissos com o operariado local desde a "Revolução de 30".

Não foi possível averiguar o contingente do operariado que se alistou no "Batalhão Patriótico", mas uma coisa é certa, não foi composto apenas pelo segmento do operariado: uma fração da elite política local emergente, ou ainda, os dissidentes do Partido Republicano Catarinense (PRC), estavam presentes junto àqueles que lideraram os "revolucionários de 30". Por exemplo, as senhoritas que integraram a comissão da sociedade local que entregara a bandeira ao contingente do Vale do Itajaí na despedida do dia 27/09/1932, certamente não eram filhas do operariado. Aliás, "O *Pharol*" mencionou o nome da distinta senhorita que no ato usou da palavra em nome das demais, Senhorita Ignez Oliveira, auxiliar do próprio jornal que estava sob a direção de Juventino Linhares, um intelectual, que dentre outras atividades foi jornalista, fundador do jornal "O *Comércio*", em 1918, dono da Livraria Currlin e um dos principais membros da Aliança Liberal em 1930; "foi ardoroso revolucionário quando Getúlio Vargas depôs do poder os republicanos". Foi ainda dirigente da Ação Integralista em Itajaí. O próprio Linhares alistara-se no batalhão que seguiu para São Paulo, estava entre a 'oficialidade'(...) A oficialidade do batalhão itajaiense estava assim constituída: Estado Maior: Tenente coronel Comandante, José Eugênio Müller; Major Sub-Comandante, Antônio Quintas Maia; Primeiro-tenente Ajudante, Ernani Palumbo; Segundo-tenente A provisionador, Juventino Linhares; Capitão Médico, Dr. Ivo Stein Ferreira(...)"¹⁰

Terminada a “missão”, o retorno do “Batalhão Patriota” foi mais uma vez manchete em “O Pharol”:

“DE VOLTA À TERRA NATAL

Homenagem ao 8º Batalhão

(...) Pelo vapor ‘Itaberá’ da Companhia Costeira regressará hoje a esta cidade o 8º Batalhão da Reserva da Força Pública do Estado, que para a zona de operações havia seguido a fim de combater os amotinados paulistas, que sob o rótulo de uma falsa Constituição, queriam à viva força apossar-se das arcas do tesouro (...). Santa Catarina soube bem fazer-se representar. Quer na região litorânea, quer na serrana, foram organizados batalhões de voluntários que atingiram aproximadamente a significativa cifra de oito mil homens, contrastando por completo com a Revolução de Trinta, que apesar dos insistentes apelos e ameaças feitas pelos então cominantes (sic), nesta conseguiram, ou melhor, conseguiram nesta cidade um ‘batalhão’ composto de trinta homens, uniformizados de tamancos, calças e camisas de qualquer cor, lenço verde e chapéu de palha (tiririca), e assim era representado o expoente máximo do prestígio! (...)

Aos voluntários itajaienses incorporaram-se os de Gaspar e Blumenau, chefiados pelo Ten. Schramn, e Rio do Sul, pelo Ten. Palma.

Toda a tropa, sob o comando do Sr. Tte. Cel. José Eugênio Müller seguiu para a frente de operações, voluntariamente, com fé inabalável na vitória das forças leais, e confiança suprema nos deuses chefes (...)

Programa dos Festejos:

Hoje: Recepção a bordo das autoridades e comissão especial; discurso de saudação na Praça Vidal Ramos.

Amanhã: Missa na Capela Nossa Senhora da Paz na Vila Operária; ao meio-dia, churrasco oferecido aos oficiais e praças do 8º Batalhão, no campo do Lauro Müller.

Ao desembarcar a tropa, será dada uma salva de 21 tiros”¹¹

O porto, a “porta do Vale”, cumpriu mais uma vez o seu papel, agora recebendo os “vitoriosos da Revolução”, assim como no passado recebera os imigrantes, conforme os historiadores da imigração do Vale do Itajaí

insistem em evidenciar. Dentre os que retornavam, possivelmente alguns trabalhadores portuários que, como se viu, foram anistiados de suas mensalidades, uma vez que foram para uma “missão cívica” nos longínquos campos paulistas. É importante notar que não há nenhuma referência aos possíveis mortos no combate...

NOTAS DE FIM

²Ata da Assembléia da Sociedade União Beneficente dos Estivadores de Itajaí, 11/01/1930. Op. Cit.

³Telegrama de Ptolomeu de Assis Brasil a Getúlio Vargas, 08/08/1932. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Apud. CORRÊA, Carlos Humberto. Um Estado Entre Duas Repúblicas: A Revolução de Trinta e a Política em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. UFSC/ Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984, p. 121.

⁴Telegrama de Ptolomeu de Assis Brasil a Oswaldo Aranha. O A. 32.09.0013. Arquivo Oswaldo Aranha, CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. Apud. CORRÊA, Carlos Humberto. Idem., pág. 121.

⁵MENDES JR. Antônio e MARANHÃO, Ricardo. Brasil - Texto e Consulta, Vol. IV (Era Vargas). SP: Brasiliense, 1982, p. 100.

Sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, ver: BEZERRA, Holien Gonçalves. O Jogo do Poder: Revolução Paulista de 32. SP: Moderna, 1988.

⁶BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República. Apud. MENDES JR., Antônio e MARANHÃO, Ricardo. Op. Cit. p. 100.

⁷Ata da Assembléia da Sociedade União Beneficente dos Estivadores de Itajaí, 26/09/1932. In. Op. Cit.

⁸O Pharol, Itajaí, 01/09/1932.

⁹d'Ávila, Edison. Ao apresentar a coletânea de crônicas escritas por Linhares nos anos 60, publicada em 1997 pela Universidade do Vale do Itajaí sob o mesmo título de Linhares: O que a Memória Guardou.

¹⁰Jornal O Pharol, Itajaí, 27/09/1932.

¹¹O Pharol, Itajaí, 09/10/1932.

Mulher alemã, mulher trabalhadeira

Cristina Scheibe Wolff¹

História &
Historiografia

A cultura do
trabalho.
1850 - 1900

“... uma esposa aqui é tão necessária como o pão de cada dia.”

Hermann Blumenau

Quando se fala em trabalho de mulheres é comum pensar-se, antes de tudo, no trabalho doméstico. Isto porque, tradicionalmente, este tipo de trabalho tem sido atribuído às mulheres em nossa sociedade. Assim muitos estudiosos têm se preocupado em definir o trabalho doméstico, principalmente a partir da década de 1970, no rastro do movimento feminista, procurando dar visibilidade a um tipo de trabalho normalmente não encarado enquanto tal². Em vários países, este tipo de visibilidade tem resultado em algumas medidas governamentais, como na Itália, por exemplo, onde atualmente se está estudando uma lei que regulamentará a remuneração do tempo dos cuidados das mulheres para com seus filhos e maridos. Estas análises, porém, têm sido feitas, muitas vezes, tentando encaixar o trabalho do-

¹ Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Este artigo é uma versão quase integral do primeiro capítulo da dissertação de mestrado em História, realizada na PUC-SP sob a orientação da professora Déa Ribeiro Fenelon, intitulada “Mulheres da Colônia Blumenau: cotidiano e trabalho, 1850-1900”, defendida em 1991.



méstico ou reprodutivo, como também é chamado, dentro de um esquema teórico montado para excluí-lo³. Tentou-se defini-lo, no sistema capitalista, como “reprodução da força de trabalho”, ou seja, tanto no sentido de gerar novos operários como no de manter estes trabalhadores alimentando-os e cuidando. Procurou-se, dentro de uma perspectiva marxista, demonstrar que o trabalho doméstico é produtivo, produzindo como mercadoria a mão-de-obra⁴. Outra possibilidade apontada por pesquisadoras já na década de 1980 é a de se utilizar na análise do trabalho de mulheres, aí compreendido não só o doméstico mas também outros tipos de trabalho, uma “articulação das esferas da produção e da reprodução sociais” e das relações entre as classes e os sexos. Segundo Daniele Kergoat:

“Em se cruzando o lugar na produção (lugar atual ou passado) e a reprodução com os momentos de vida (definidos pela intersecção da história pessoal e social) uma tal abordagem permite desde já avançar hipóteses explicativas sobre as modalidades de formas de luta (individuais e/ou coletivas), contra a exploração e/ou opressão das mulheres e dos homens da classe operária”.⁵

Tem havido, portanto, uma preocupação bastante grande de colocar o trabalho das mulheres (seja doméstico ou não) no quadro de pensamento teórico, visando-se com isso uma maior visibilidade deste trabalho. E estas análises realmente me auxiliaram a ver em Blumenau, na segunda metade do século XIX, o trabalho das mulheres, coisa que para muitos historiadores não foi possível, mesmo tendo acesso à mesma documentação. No entanto é preciso esclarecer que tal fato deu-se em parte por estes historiadores não enxergarem nem mesmo os trabalhadores, voltando-se normalmente para os empresários, como se o desenvolvimento industrial da região pudesse ter se dado somente com estes últimos. Quanto ao trabalho agrícola, até se admite a importância do trabalho familiar, mas como um dado natural e não cultural social⁶.

Em Blumenau, como em boa parte do mundo, o trabalho das mulheres não se restringia à reprodução, ou seja, aos afazeres considerados “domésticos”, como o cuidado dos filhos, preparo de comida e manutenção da casa, embora estes fossem importante parcela de seu trabalho. Por outro lado, pelo menos até a última década do século XIX, com o advento das indústrias têxteis da região, seria bastante difícil estabelecer um limite

entre o espaço doméstico e o não doméstico. Esta dificuldade se dá não apenas em relação às pequenas propriedades rurais, como também em relação ao comércio, artesanato e manufatura. A produção familiar dava-se como uma espécie de extensão dos trabalhos domésticos, muitas vezes realizando-se no mesmo espaço. Dessa forma a mulher e os filhos constituíam-se, junto ao “chefe da família”, em importante força de trabalho.

A Colônia Blumenau iniciou-se a partir uma empresa particular encabeçada pelo Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. Os primeiros colonos chegaram em 1850, mas nem todos os que chegaram ali se fixaram. Até 1860 a responsabilidade do empreendimento coube ao Dr. Blumenau, que, por dificuldades financeiras, vendeu-o ao governo imperial, continuando como seu administrador até sua emancipação em 1882, quando a colônia tornou-se município⁷.

Os imigrantes chegados à colônia eram em grande parte artesãos ou lavradores. Vinham de uma Alemanha conturbada política e economicamente, cuja unificação política somente se completou em 1871. A estrutura econômica feudal foi abolida somente no século XIX, através de uma reforma que teve como conseqüências a redução das terras dos camponeses, seu retalhamento em minifúndios e a imigração destes em busca de



O trabalho da mulher no desmatamento do lote colonial.

melhores condições de vida. Por outro lado: “A industrialização, que se desenvolve a partir de 1870, ao mesmo tempo em que absorve mão-de-obra, ocasiona a ruína de artesãos e trabalhadores da indústria doméstica, que não têm condições de resistir à concorrência das grandes empresas”.⁸

Os colonos aqui chegados, em sua maioria dedicavam-se à agricultura, embora alguns, paralelamente, exercessem ofícios artesanais. Segundo o próprio Dr. Blumenau: “O sistema da colônia é aqui o da imigração espontânea; os colonos vêm ordinariamente às suas custas e somente em raros casos eu adianto a passagem. O mesmo não acontece com os víveres, os quais forneci e ainda agora devo fornecer ou adiantar à maior parte dos colonos, ficando eles obrigados à restituição das quantias adiantadas e as suas terras hipotecadas por elas até o final do reembolso”.⁹

A partir de 1852 começaram a ser demarcados os lotes de terra, variando entre 33 e 49,5 hectares – portanto bastante pequenos – que eram vendidos a prazos variados aos colonos¹⁰. O trabalho escravo era proibido pelos estatutos da colônia: era contrário às convicções de seu fundador, além de contrapor-se aos interesses das autoridades e latifúndios brasileiros. Estes últimos não queriam concorrência e o incentivo à imigração inseria-se justamente no contexto da substituição da mão-de-obra escrava do país.

Até 1897 haviam chegado a Blumenau 10.316 homens e 8.662 mulheres.¹¹

O próprio fundador da Colônia, Dr. Hermann Blumenau, em carta a um colaborador na Alemanha, via a importância de se trazer mais mulheres:

“... o imigrante que trabalha na terra necessita do auxílio de uma mulher e boa dona de casa. (...) uma esposa aqui é tão necessária como o pão de cada dia”.¹²

E aconselhava aos jovens imigrantes:

“... procurem trazer uma esposa com prendas domésticas e que não seja muito habituada a cidades grandes”.¹³

A validade deste conselho é corroborada pela correspondência de um jovem colono solteiro, Julius Baumgarten, com sua família. Nas primeiras cartas ele queixa-se do acúmulo de serviços que tem em sua propriedade, inclusive domésticos:

“Como tenho agora dois operários, os trabalhos domésticos já incomodam e atrapalham meu serviço exterior. Ao mesmo tempo, uma mulher pode administrar mais economicamente as despesas da cozinha, principalmente quando eu tiver gado”.¹⁴

E demonstra esperança no futuro:

“Mas, logo que sobrar dinheiro para adquirir uma vaca, um porco e algumas galinhas e ainda tiver uma esposa, tudo vai melhorar”.¹⁵

Ser colono significava ter uma propriedade rural, normalmente pequena, e dedicar-se à agricultura, visando a subsistência e a produção de excedentes comerciáveis. Alguns colonos, no entanto, dedicavam-se a ofícios artesanais ou ao comércio, geralmente paralelamente à agricultura.

Para o jovem Julius, o trabalho de uma mulher se tornava fundamental em sua vida de colono. Não era, no entanto, uma típica vida de



O trabalho da mulher na economia doméstica.

colono, pois Julius trouxera um certo capital e tinha mesmo empregados, coisa bastante rara no início da colônia. Assim, logo que surgiu uma oportunidade, ele contratou um casal de empregados: o homem trabalhava na roça e a mulher cuidava da casa, da horta, etc., ganhando pouco mais que a metade do que ganhava o marido:

“Contratei o casal pelo período de 9 meses (...) A esposa recebe no primeiro mês 4 e a partir do segundo 5 mil réis se continuar a cuidar bem da casa. (...) um bom operário recebe mensalmente 10 e às vezes 12 mil réis ao mês. (...) Isto nos 9 meses é um gasto de 113 mil réis e os 44 que ganha a mulher eu poderia ter economizado, mas se calculo o que gastava em roupa com os operários e eu ainda tinha que cozinhar e cuidar da casa, é uma economia. Ela também cuida da horta, plantação de batatas, o que já é um trabalho a menos para mim. Desta forma posso me dedicar totalmente aos trabalhos no campo e vigiar sempre os operários”.¹⁶

Mas uma empregada nem mesmo podia ser comparada a uma esposa que, além de realizar todas estas tarefas, e o fazia de graça, podia oferecer ao marido carinho, companhia e filhos. Portanto era mister para Julius garantir, entre as poucas moças casadouras existentes na colônia, sua futura esposa. Ao noivar, Julius escreve ao seu pai justificando-se:

“Eu realmente não quis sacrificar minha liberdade de jovem, mas não foi possível e peço aqui sua bênção. Não pude mais esperar com meu pedido, do contrário ela teria se tornado noiva de outro e já havia 3 ou 4 candidatos à espera”.¹⁷

O noivado durou seis semanas, pois também era preciso aproveitar a passagem do pastor pela colônia para o casamento. Dois meses depois a nova esposa (tinha apenas 15 anos) escrevia para sua sogra:

“Posso no entanto garantir que Julius e eu vivemos uma vida feliz e tranqüila. Ele trabalha com Starke nas roças e eu com Rieke cuido da casa, do jardim e dos animais”.¹⁸

Através deste exemplo podemos ter a dimensão da importância que tinha para o colono ter uma família e, mais especificamente, uma mulher. Nesta relação, entre homens e mulheres, maridos e esposas, havia certamente mais do que simples necessidades de força de trabalho gratuita. Havia sentimentos e “a solidão da floresta virgem”. Era com uma mulher em casa, que tivesse “prendas domésticas”, que se podia adquirir um mínimo de conforto e havia toda uma cultura que valorizava a família. O trabalho feminino assumia, portanto, nessa cultura, um papel mais do que econômico: com o resultado deste trabalho específico é que foi possível, aos alemães, a manutenção de hábitos e costumes tradicionais de seus lugares de origem. Porém o trabalho que a mulher e os filhos realizavam, articulado a todos estes matizes emocionais e culturais, era fator importante no desenvolvimento econômico da unidade doméstica. A parte reservada às mulheres no trabalho de uma propriedade rural em Blumenau não era nada insignificante:

“A dona de casa tem seu quinhão nos trabalhos das lavouras, que não é mais leve nem mais limpo: capina, faz o forrageamento dos animais,



A numerosa família representava a força de trabalho gratuito.

realiza a ordenha, corta capim nas barrancas dos ribeirões, coleta lenha para o fogão e forno doméstico, e não descuida dos afazeres domésticos – faz manteiga, faz pão, cuida dos jardins e dos filhos, sem abandonar o controle das contas do que compra e do que vende”.¹⁹

Muitas vezes, inclusive, praticamente todo o trabalho agrícola ficava a cargo da mulher e filhos pequenos, enquanto os homens adultos assalariavam-se em fábricas, em outras propriedades rurais, em serviços como medições de terra e construção de estradas. É o que se depreende, por exemplo, do relato do Sr. Augusto Sievert, chegado a Blumenau em 1875, ainda criança:

“Além dos trabalhos na roça, eu ainda trabalhava, durante seis meses cada ano, na Companhia Salinger (...) E, durante estes meses, minha mulher ficava sozinha na colônia com nossos dois filhos, Walter e Willy, auxiliada apenas por uma empregadinha de 12 anos”.²⁰

O trabalho da propriedade rural incluía ainda, muitas vezes, uma produção artesanal de preparação de alimentos para a venda, produtos que foram durante muito tempo exportados pela colônia, como manteiga, queijo e banha de porco. No caso destes produtos a responsabilidade das mulheres era grande, já que a ordenha e o trato dos animais eram tarefas consideradas femininas²¹ e o preparo destes produtos era praticamente uma extensão dos trabalhos de cozinha.

Mas havia também outros tipos de artesanato rural. Segundo Mamigonian:

“Durante a primeira etapa (da industrialização), certo número de artesanatos agrícolas foi instalado em Blumenau. Pequenos moinhos, alambiques, cervejarias, curtumes, fabricação de charutos, assim como certo número de artesanatos não agrícolas: tipografias, marcenarias, ferrarias; certos artesanatos citados ascenderam à condição de indústria, os curtumes por exemplo; alguns desapareceram, como as cervejarias; outros, enfim, continuaram no estado artesanal, tais como pequenos moinhos e várias marcenarias”.²²

Nestes artesanatos, que exigiam equipamentos especiais e certo tipo de conhecimento técnico, é difícil encontrar referências a mulheres

como força de trabalho ou como empresárias. No entanto há dois fatos que nos permitem inferir a participação das mulheres neste tipo de produção.

Um deles é a localização dos equipamentos, que normalmente era muito próxima à casa de moradia, se não mesmo anexa, exercendo as mulheres de família, certamente, uma série de tarefas ligadas a esta produção, como cortar cana, cuidar do fogo, enrolar charutos, etc... O outro é o fato de que ao morrer o titular do estabelecimento, era comum que a viúva o substituísse no comando do negócio, auxiliada por seus filhos, como a viúva Hosang, dona de uma cervejaria:

“Depois do falecimento de Heinrich Hosang, a viúva, auxiliada por seu filho Oto, continuou à frente da fábrica, com a mesma eficiência e o mesmo sucesso anterior...”²³

É a partir de 1880, porém, que se considera iniciada a “verdadeira indústria” em Blumenau, com o surgimento de uma malharia (Hering - 1880) e duas tecelagens de algodão (Karsten - 1882 e Garcia - 1885).²⁴

“Estas empresas eram muito modestas, não utilizavam a eletricidade, importavam da Alemanha máquinas usadas e o fio de algodão, e vendiam os tecidos fabricados em Blumenau e vizinhanças”.²⁵

Tais empresas formaram-se a partir da vinda de mestres tecelões da Alemanha, que com ou sem o auxílio de capitalistas locais, começaram uma pequena produção de tecidos e posteriormente tornaram-se grandes empresas do ramo, com penetração inclusive no mercado nacional e em alguns casos, hoje, internacional. No início a mão-de-obra era unicamente familiar. Como conta Minna Hering em uma carta:²⁶

“... aqui todos têm que trabalhar muito: Hermann gira a máquina circular, o que devido à terrível parada, exige muita força; Bruno corta as camisas e os casacos, molda e prensa os mesmos, faz viagens de negócios, etc.; Hannchen está sentada, desde cedo até a noite, na máquina de costura, o que é muito cansativo para ela; Nany fica em pé, de manhã até à noite, na máquina de tricotagem, onde ela é muito esforçada; Lieschen aprendeu o corte e, depois de ter cuidado da roupa, ela costura; Gretchen e Max vão duas vezes à escola, mas são obrigados a realizar pequenos serviços na fabricação”.²⁷

Porém, com a aquisição de novas máquinas foi necessária a contratação de operários. Este processo foi comum às empresas fundadas com a mão-de-obra familiar. Outras, fundadas por sociedades, já contratavam, de início, operários. Mas quem eram estes operários?

Ao visitar Blumenau em 1917, Manuel Duarte relata que a Companhia Hering:

“Emprega 250 operários, dos quais 60 homens e 190 mulheres maiores de 14 anos. (...) Aqui, tal qual em Joinville, observa-se que é muito maior o operariado feminino que o masculino, crescendo ainda que além das mulheres que trabalham no estabelecimento, há as que fazem a sua obra em casa. (...) Em Blumenau (os homens) dedicavam-se à lavoura, ao trato do gado, ao transporte de produtos”.²⁸

Este relato é posterior ao período que estou estudando e o número elevado de operários também reflete o grande desenvolvimento experimentado pelas indústrias de Blumenau durante o período da I Guerra Mundial (1914-1918).²⁹ Porém, ao que tudo indica, se mudarmos os números, a proporção entre operários e operárias na indústria têxtil era semelhante em períodos anteriores.³⁰

Uma das explicações para este fato é que a costura, a tecelagem e mesmo a fiação artesanais eram tradicionalmente, enquanto produção caseira, tarefas femininas. Outra possibilidade, que ao meu ver articula-se com a primeira, é que também “tradicionalmente” as mulheres ganhavam salários mais baixos que os homens, pois seu salário não era considerado como o principal para o sustento da família. Ainda mais em Blumenau, onde esta mão-de-obra feminina era constituída principalmente por jovens, entre 14 e 20 anos e por senhoras mais velhas, estas últimas geralmente costurando em sua própria casa, onde estas mulheres tinham quase sempre famílias com propriedades rurais, constituindo seu salário normalmente uma “ajuda” para a família e o meio de comprar o seu enxoval (coisas para sua casa, depois do casamento, como roupa de cama e mesa, p. ex.). A utilização desta mão-de-obra barata possibilitou, de certa forma, baixos custos de produção para a nascente indústria têxtil do Vale do Itajaí. Dessa forma só podemos ter idéia do que realmente constituía o trabalho feminino na colônia Blumenau se deixarmos de lado a separação entre produção e reprodu-

ção. Centrando nosso olhar na vivência das mulheres, vemos que trabalhavam em casa, na propriedade rural, nas fábricas e artesanatos, muitas vezes acumulando estes três tipos de trabalho, já que é difícil separar a propriedade rural e artesanal da casa da família. Vemos também que este trabalho, múltiplo aos nossos olhos, se estende muitas vezes por toda a vida, graças ao trabalho industrial por peças que era normalmente feito por mulheres casadas e mais idosas em suas casas, mas que era parte do trabalho industrial.

A noiva de Max Brueckheimer, Augusta, por exemplo, trabalhava já há anos na fábrica Hering quando casou-se com 20 anos, em 1915, deixando o emprego.³¹ Moças desta idade também eram empregadas em outros ramos industriais, como o de conservas alimentícias e o de fabricação de fósforos, como demonstram o anúncio e o artigo que cito a seguir.

“R. Hinsch procura várias moças para trabalho mensal ou acordo, no descasco de tangerinas. Salto, maio de 1893”.³²

“Foi um grave desastre que, na manhã do 1 deste mez, que victimou uma vida esperançosa na fabrica de phosphoros do snr. F. G. Busch. Lá, uma moça de 17 annos, occupada numa machina, foi tomada pela cunha de transmissão, que arrastando-a com rapidez, algumas vezes dava com ella numa parede de madeira, ficando a cabeça da infeliz completamente esmagada, de modo a morrer a moça instantaneamente”.³³

Através deste artigo ficamos sabendo também que nem sempre as condições de trabalho nestas fábricas eram muito boas. O próprio redator do artigo acima dirige um pedido às autoridades no sentido de fiscalizar estas condições.

Esta questão da idade e da rotatividade das operárias, fato que também é comum em se tratando de empregadas domésticas, deve ser levada em conta para que possamos tornar o trabalho das mulheres cada vez mais visível. Este tipo de emprego da mão-de-obra juvenil feminina não é uma particularidade de Blumenau, como bem levanta Mamigonian, ao compará-lo à política de mão-de-obra da indústria japonesa.³⁴ Também na França, a partir de 1880, segundo Danièle Kergoat, eram as meninas e as moças que trabalhavam como operárias, na indústria têxtil, principalmen-

te.³⁵

A mesma autora levanta a questão do tempo das operárias-mulheres, que é diferente do tempo dos operários homens. O tempo dos homens se dá numa continuidade em torno de sua identidade como trabalhadores: a infância (o não-trabalho), a formação profissional (a preparação para o trabalho), a vida de trabalho, a aposentadoria. O tempo das mulheres se dicotomisa em tempos de trabalho assalariado e tempos de trabalho doméstico, já que são normalmente identificadas e definidas como produtoras, e não como trabalhadoras.³⁶ O trabalho das mulheres torna-se muitas vezes invisível, em toda a sua dimensão, pela rotatividade deste tipo de mão-de-obra. Isso porque, em Blumenau, dificilmente uma mulher era operária por toda a sua vida. E também dificilmente ela era só operária. Dessa forma o tempo de vida de uma operária intercalava trabalho doméstico, e às vezes agrícola, na infância e depois de casada, com o trabalho assalariado na juventude e às vezes na maturidade. E no seu tempo cotidiano, intercalava estes dois outros tipos de trabalho, pois as mulheres, por serem operárias, não deixavam de fazer tarefas domésticas e agrícolas. O cotidiano feminino, em nossa sociedade, incorpora atividades diversas que nem sempre são vistas como trabalhos, sendo muitas vezes tidas como “obrigações” ou até “lazer”. Refiro-me aos retoques na arrumação na casa; aos cuidados com o filho ou o pai doente; aos trabalhos manuais (bordados, tricô, crochê, costura, etc); uma série de pequenas atividades que preenchem o dia e a noite.

Como já indiquei acima, o trabalho como empregada doméstica era também uma opção de trabalho assalariado para moças e senhoras. Isso fica claro através de uma quantidade bastante grande de anúncios, nos jornais da cidade, procurando por empregadas domésticas. Principalmente se levarmos em consideração que as pessoas só deviam recorrer a estes anúncios depois de esgotados outros tipos de possibilidade de obtenção de empregadas. Às vezes eram mesmo meninas que iam como pagens cuidar de outras crianças em casas de família, como na citação de número 14.

No comércio o trabalho das mulheres dava-se de maneira semelhante ao da agricultura e do artesanato. Dificilmente encontram-se neste setor referências a mulheres assalariadas, pelo menos no século XIX, mas era comum as mulheres darem seu quinhão de trabalho nos empreendimen-

tos familiares. No armazém do Merck, situado na principal rua da vila:

“Sra. Merck, uma mulher muito gentil, de baixa estatura, nos serve com muito prazer e oferece suas outras mercadorias: ervilhas, feijão, arroz da Índia, sal fino de Lueneburgo, etc.”.³⁷

Havia também empreendimentos comerciais e artesanais comandados e pertencentes a mulheres. É o que podemos ver nos seguintes anúncios de jornal:

“A. Muller, vende flores decorativas para chapéus, com loja na Gespenstrasse”

“Anna Frank, no Vorstadt, ao lado do Hospital, oferece artigos de enfeite, bordados e marcas para roupa”

“Anna Weise oferece estoque e confecciona chapéu para senhoras, a preços módicos, sua oficina localiza-se na Velha”.³⁸

Outro tipo de participação em empreendimentos comerciais dava-se com a morte de seu dono, quando a viúva assumia a direção do negócio.

“Declaração

(...)

Faço público a toda gente dessa cidade e circunvizinhança que não há cousa de acabar os meus negócios, porque fico com materiais bastantes para exercê-los.

A cocheira A. Nuecker ainda existe e recomenda-se depois como d’antes.

Blumenau, 24 de outubro de 1911.

Viúva A. Nuecker”.³⁹

Nem todas as mulheres podem, portanto, ser vistas como submissas e dependentes dos homens. Embora sejam exploradas e oprimidas, como força de trabalho muitas vezes não remunerado, sem direito a várias decisões, muitas vezes escapam dos seus papéis tradicionais gerindo empresas, virando-se sozinhas. Além disso, sua relação com os homens não é somente de submissão e conflito. Muitas vezes é de companheirismo, solidariedade,

afeto. Por tudo isso penso ser muito limitante descrever esta sociedade através do conceito de “patriarcado”, sob pena de perdermos de vista este jogo complexo que são as relações de homens e mulheres.

Assim, vimos que as mulheres estavam presentes em todos os setores da economia de Blumenau como força de trabalho e, às vezes, como empresárias. Porém, esta inserção no mundo do trabalho não se dava de maneira homogênea para todas as mulheres. Além da diferença entre trabalho agrícola, industrial, comercial, etc., há também as diferenças entre o trabalho das mulheres da classe mais abastada, que geralmente morava na vila, e o trabalho de operárias e agricultoras. Mas as mulheres “ricas” realmente trabalhavam?

Embora seu trabalho normalmente se restringisse ao âmbito doméstico, as mulheres da elite realizavam diversas atividades, como costurar e cozinhar, além da educação dos filhos. Therese Stutzer, pessoa bastante abastada, esposa de um dono de terras para colonização em cuja casa na vila havia, por exemplo, um piano e uma professora particular, escreve a uma amiga, na Alemanha:

“Na parte da manhã Emilie leciona às crianças em idade escolar e desde algum tempo três moças tomam parte das aulas. (...) As minhas crianças maiores praticam na cozinha e como lavamos roupas semanalmente, pois não precisamos de pouca roupa, todas as manhãs estão ocupadas. Ainda encontro tempo para praticar a costura. (...) Assim eu mesma costuro e ajudo a economizar”.⁴⁰

E não me parece que esta fosse uma consequência unicamente da vida em uma colônia. Trata-se de uma questão cultural, já que um viajante inglês que visitou a Alemanha em 1842, descreve, um tanto perplexo, o trabalho das mulheres da burguesia alemã:

“Amontoar os pares de meia e as peças de roupa branca é uma verdadeira paixão na casa das damas alemãs. Pode-se ver rodas de fiar por toda parte, mesmo nas casas mais aristocráticas e mais luxuosas, e com mais razão nas casas burguesas, e, bem entendido, em todos os lares modestos. Existem ainda muitas damas ricas e distintas que passam suas manhãs na cozinha, com os braços enfarinhados até os cotovelos”.⁴¹

É claro que alguma coisa mudava. A senhora Stutzer, em suas cartas, queixa-se de que aqui era preciso lavar muita roupa toda a semana e que a farinha de trigo era quase impossível de se conseguir, tendo ela que aprender a fazer pão de milho, por exemplo. No entanto, a mesma senhora possuía uma empregada doméstica e várias filhas, não recaindo sobre ela todo o trabalho da casa. É interessante observar que a Sra. Stutzer se preocupava em formar suas filhas para o trabalho, incluindo-as na lavagem de roupas e fazendo-as praticar na cozinha a confecção de bolos, pães e doces. Não fala, porém, da educação dos meninos, que por certo não iam para a cozinha e nem lavar roupa.

Estas mulheres, porém, também eram capazes de gerir os negócios da família ou delas próprias, em casos de viuvez ou de permanecerem solteiras. No caso de serem casadas, nunca aparecem nos documentos como gerentes dos negócios. Assim, temos que ler nas entrelinhas, como no exemplo da Indústria Garcia, fundada em 1883, que após grande desenvolvimento, vai à falência, sendo comprada por um grupo de empresários. Tal fato é explicado da seguinte forma:

“Em 1896 faleceu-lhe a esposa, alma do negócio, e a fábrica entrou em declínio, até que em 1900 Roeder a liquidou”.⁴²

Já os exemplos de mulheres que ao enviuvarem passavam a gerir os negócios, passando-os posteriormente a seus filhos, são numerosos, como o de D. Rose Gaertner, que além de ser proeminente promotora de eventos culturais e fundadora da Sociedade Teatral “Frohsinn”, hoje Teatro Carlos Gomes, quando enviuvou, em 1888, passou a gerenciar uma companhia de transporte fluvial, além de um estabelecimento comercial.⁴³

Ainda havia dois outros tipos de profissão em que encontrei mulheres trabalhando: professoras e parteiras. Professoras, normalmente de primeiras letras, davam aulas em casas particulares e nas escolas públicas femininas e privadas, não eram muito numerosas frente aos professores homens, e sua remuneração era bastante baixa. Já entre as parteiras, só existiam mulheres. Vinham formadas da Alemanha ou aprendiam o ofício com suas mães ou avós. Seu trabalho era bastante respeitado e normalmente recebiam remuneração por cada parto realizado. Na Colônia, onde as casas eram afastadas vários quilômetros umas das outras, era uma vida de

longas caminhadas ou calvagadas, de dia ou à noite.⁴⁴

A pretensa “capacidade superior de trabalho” dos teuto-brasileiros era um fator muito forte de identificação deste grupo e de diferenciação frente a outros grupos étnicos na região do Vale do Itajaí.⁴⁵ Esta valorização do trabalho como elemento de identidade étnica não surge do nada: desde o século XVIII vinham sendo feitos esforços educacionais, na própria Alemanha, no sentido de se impor à população do campo e da cidade um sistema de “virtudes burguesas”. Tal investimento foi fundamental, mais tarde, para o crescimento industrial daquele país. Esta educação para a laboriosidade e aplicação foi assim descrita:

“... la educación destinada al hombre aplicado, útil, laborioso, que con su aplicación y su modestia, con su trabajo y su economía, con el amor al orden y la formalidad, es un instrumento útil de la autoridad para superar la miseria material de su situación vital. Por eso el hombre debe aprender a trabajar desde la más tierna edad y el trabajo debe convertirse para él en la ‘segunda naturaleza’.”⁴⁶

A educação e a socialização das crianças em Blumenau orientavam-se por estes valores de laboriosidade e de aplicação. O próprio aprendizado do trabalho já era mesmo trabalho. Podemos falar, assim, de uma “cultura do trabalho”, no sentido de que o trabalho, enquanto valor moral ou enquanto atividade, perpassa toda a vida material e simbólica dos teuto-brasileiros de Blumenau.

A formação das mulheres se dava, em Blumenau, em torno de uma imagem de “boa dona de casa”, embora fosse diferenciada segundo a classe e o local de moradia das famílias. Este tipo de formação habilitava as moças de classes mais abastadas a serem “boas” mães-esposas-donas de casa, caprichosas e econômicas, além de educadoras, como professoras ou mães. Para as moças das classes populares a formação significava trabalho não só doméstico no sentido estrito, mas também agrícola e/ou artesanal, desde a infância. No entanto, esta formação era também útil no trabalho industrial. Como coloca Danièle Kergoat, para um outro contexto:

“As operárias não são operárias não qualificadas ou trabalhadoras manuais porque são mal formadas pela escola, mas porque são bem formadas pela totalidade do trabalho reprodutivo”.⁴⁷

A destreza, a atenção aos detalhes, a ordem e a obediência são coisas que se aprende no trabalho doméstico, necessárias no perfil de uma “boa operária”.

Entretanto, na formação cultural das mulheres de Blumenau não só as habilidades são importantes para o seu trabalho, tanto na unidade doméstica (agrícola ou artesanal e comercial), como na indústria que recém se formava. Há toda uma série de mecanismos culturais e sociais que fazem com que ser uma “boa trabalhadora” seja uma necessidade para as mulheres. O primeiro destes mecanismos é a própria sobrevivência. Como dizia Minna Hering em sua esclarecedora carta, cada uma deve fazer a sua parte na produção familiar, e desde cedo eram levadas a isso.⁴⁸ O segundo mecanismo é um outro tipo de sobrevivência, sobrevivência enquanto uma identidade cultural. Afinal, qual era a diferença entre uma mulher brasileira e uma alemã? Pelo menos na representação dos próprios alemães é que esta última era caprichosa, trabalhadeira e boa dona de casa.

Ao estudar as categorias de identificação étnica entre os teuto-brasileiros do Vale do Itajaí, Giralda Seyferth encontrou o “trabalho”, ao lado da língua e da origem, como elemento de comparação com outros grupos étnicos. Neste contexto surge a valorização do trabalho da mulher teuto-brasileira, sempre comparada à luso-brasileira que, no imaginário dos teutos, passava por desleixada e ociosa. Nesta diferenciação também apareciam os estereótipos sobre a moradia:

“A casa do alemão, segundo opinião dos próprios luso-brasileiros (e isto é comum em toda a área de colonização do Vale do Itajaí), ‘sempre tem jardim e horta, por mais pobres que sejam os moradores’. A aparência da casa como elemento distintivo também está ligada à idealização do trabalho feminino. Neste caso, a moradia do teuto-brasileiro ‘tem cortinas nas janelas, é limpa, mesmo sendo de madeira e pobre ela é bem arrumada, tem quintal e a horta é bem cuidada’.⁴⁹

Isto tudo tornava os casamentos na colônia diferentes dos da Alemanha, como nos conta o colono Franz Meyer:

“... aqui não se encontra nenhuma mulher rica, pois os colonos que vêm para cá são na sua maioria pobres e se conseguem 100 ou 1000 dgt. o precisam para seu próprio desenvolvimento e apenas observam na

mulher o seu capricho e o seu senso de ordem”.⁵⁰

A Igreja, tanto católica como luterana, também incentivava valores como o trabalho, a frugalidade e a diligência. Assim, vemos que há toda uma articulação cultural e sócio-econômica que fazia das mulheres de origem alemã de Blumenau trabalhadoras bem formadas e produtivas, em sentido amplo. Por que será então que seu trabalho não é visível enquanto trabalhadoras, mas somente como trabalhadeiras?

É isto: todos, até hoje, inclusive, reputam as mulheres de origem alemã como trabalhadeiras. Isto significa que elas têm disposição para o trabalho, estão sempre realizando tarefas, cozinhando, limpando, etc.⁵¹ Já os homens são trabalhadores, o que implica também em disposição, mas para um trabalho específico, não para as múltiplas tarefas “femininas”.

Neste sentido, creio que é possível depreender deste artigo que as mulheres blumenauenses não eram importantes para a economia local apenas como trabalhadoras reprodutivas, ou seja, que realizavam as tarefas da esfera de reprodução, mas também trabalhadoras num sentido mais amplo, participando de praticamente todas as atividades desenvolvidas na colônia, e depois município, de Blumenau. O trabalho destas mulheres, ao mesmo tempo que era tido como afirmação da identidade étnica do grupo teuto-brasileiro, contribuía significativamente para o desenvolvimento industrial e o crescimento econômico de Blumenau.

NOTAS DE FIM

² Sobre esta questão é muito esclarecedor o artigo de Fatiha Hakiki-Talahite: In: KARTCHEVSKY-BULPORT, A. et alii. **O Sexo do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 95-112, principalmente pelo panorama que a autora esboça sobre a questão nas diversas teorias econômicas.

³ “As feministas socialistas, que têm um ressentimento sincero contra os ‘silêncios’ do marxismo, procuram através de árduos exercícios de teoria, inserir uma nova engrenagem (reprodução da força de trabalho) no planetário, (...). Mas o que está errado não é o fato de terem proposto o problema, mas de o terem reduzido a um pseudoproblema, procurando inseri-lo numa máquina planejada para a sua exclusão. E, ao mesmo tempo, foram induzidas a dismantelar todo o caráter de desafio e a identidade de seu problema, sujeitando-o à mesma praga geral.”

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 84.

⁴ TALAHITE, F. Hakiki-, op. cit.

⁵ KERGOAT, Daniele. Em defesa de uma Sociologia das Relações Sociais. In: **O Sexo do Trabalho**, op. cit., p. 79-92, p. 91-92.

⁶ “Neste universo (da economia política), a mulher não existe enquanto indivíduo; a sociedade é considerada como uma coleção de indivíduos-homens que têm necessidades, recursos, um lugar na divisão do trabalho, uma renda e... uma família, isto é, obviamente, mulher e filhos...” TALAHITE, F. Hakiki-, op. cit. p.98.

⁷ SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. 2 ed. Blumenau, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1988, p. 55-57 e 108-110. A Lei 860, de 4 de fevereiro de 1880, criou o município de Blumenau. Devido à enchente de 1880, a emancipação foi efetivada somente em 13 de janeiro de 1883.

⁸ LANDO, Aldair Marli, BARROS, Eliane Cruxen. Capitalismo e Colonização – os alemães no Rio Grande do Sul. In: BARROS, E.C. et alii. **RS: Imigração e Colonização**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980, p. 09-46, p. 14.

⁹ Quarto relatório da Colônia Blumenau, 1853. **Blumenau em Cadernos**. Tomo I, n. 6, abril de 1958, p. 103.

¹⁰ PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina: Sua História**. Florianópolis, Lunardeli/UFSC, P. 336.

¹¹ SILVA, J. F., op. cit., “Quadro da Imigração” p. 108/109.

¹² Carta do Dr. Blumenau ao Superintendente de Lichtenburg-Braunschweig – Tradução Edith Sophia Eimer, Arquivo Histórico de Blumenau. (AHFCB).

¹³ Idem.

¹⁴ Carta de Julius Baumgarten à sua mãe, 23/09/1853. AHFCB, trad. Edith Sophia Eimer.

¹⁵ Carta às irmãs, 10/09/1853, AHFCB, trad. Edith Sophia Eimer.

¹⁶ Carta ao pai, 26/10/1853, idem.

¹⁷ Carta ao pai, Nota Bene do dia 10/02/1855, idem.

¹⁸ Carta de Gretschen (Margareth) Baumgarten à sua sogra, 29/04/1855, idem.

¹⁹ JAMUNDÁ, Teobaldo Costa. Agricultura e Pecuária em Terras do Itajaí. In: **Centenário de Blumenau**, Edição da Comissão dos Festejos, 1950, p.155.

²⁰ “Um Veterano Depõe” – entrevista com Sr. Augusto Sievert. **Blumenau em Cadernos**, Tomo III, nº 4, abril de 1960, p. 61-68, p.68. Ver ainda “Memórias de Max Brueckheimer”, **Blumenau em Cadernos**, Tomo X, nº 9/10, setembro/outubro de 1969, p. 157-203, especialmente p. 162. “Frau Schelle Conta...”, **Blumenau em Cadernos**, Tomo III, nº 7, julho de 1960, p. 136 e VIEBRANTZ, Clara Zuge. “Uma Crônica Familiar” **Blumenau em Cadernos**, Tomo XIV, nº 11, novembro de 1973, p. 212-213.

²¹ Max Brueckheimer, em suas memórias, conta um episódio em que uma moça pergunta a um pretendente se este sabia ordenhar, ao que ele responde: “Isso é coisa que todo colono tem que saber, pois que será do colono se a mulher um dia ficar doente e ele não souber nem mesmo como se tira leite de uma vaca?” Op. cit. P. 186.

²² MAMIGONIAN, Armen. Estudo Geográfico das Indústrias de Blumenau. Separata da Revista Brasileira de Geografia, nº 3, Ano XXVII, Julho-Setembro de 1965, p. 394.

²³ SILVA, J. Ferreira da, Cervejarias de Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Tomo III, nº 9, setembro de 1960, p. 162-168, p. 163. Ver também “Quatro Gerações Schroeder” in: **Centenário de Blumenau**, op. cit., p. 413-415.

²⁴ MAMIGONIAN, op. cit., p. 394.

²⁵ *ibidem*, p. 394.

²⁶ Minna era esposa de Hermann Hering, fundador da malharia. Este, logo que começou a produção com um tear circular manual, mandou vir da Alemanha seus dois filhos mais velhos, Paul e Elise, para ajudá-lo, e posteriormente seu irmão Bruno com Minna e as crianças.

²⁷ Cartas de Minna Hering, apud Hering, Maria Luísa Renaux. **A industrialização no Vale do Itajaí, 1880-1945**, Tese de Doutorado, USP, 1985, v. 2, p. 612-614.

²⁸ DUARTE, Manuel. **Os Alemães em Santa Catharina**. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Comércio, 1917, p. 30.

²⁹ Sobre isto pode-se ver CEAG. **A Evolução Histórico-Econômica de Santa**

Catarina. Florianópolis, CEAG, 1980.

³⁰ Isto foi comum a todo o ramo têxtil brasileiro, especialmente no seu período de implantação, como demonstra Maria Valéria Junho Pena:

“Tudo parece indicar que o industrialismo se desenvolveu no Brasil utilizando a divisão sexual no interior da classe operária, cuja família patriarcalmente constituída permitia que o trabalho feminino fosse tratado como complementar.” **Mulheres e Trabalhadoras**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p. 123.

³¹ “Memórias de Max Brueckheimer, op. cit. p. 199. Também é interessante o dado bem mais atual que cita Mamigonian em 1965:

“... estabelecimentos têxteis engajam moças de 14 e 15 anos, por um prazo de 4 a 6 anos, após o qual são substituídas por novas moças de 14 e 15 anos. (...) A ‘baixa’ é dada antes do casamento das moças (...) boa parte destas moças vem provisoriamente das pequenas cidades e zonas rurais vizinhas (...) ela moram em quartos alugados de famílias blumenauenses.” Op. cit. p. 437.

³² Blumenauer Zeitung, Blumenau, 13/05/1893. AHFCB, trad. Edith S. Eimer.

³³ Blumenauer Zeitung, Blumenau, 13/05/1893, trad. Edith S. Eimer.

³⁴ MAMIGONIAN, op. cit. p. 437. Sobre a relação família/empresa no Japão, no que toca à mão-de-obra feminina na indústria algodoeira, é interessante o artigo de Helena Hirata. Vida Reprodutiva e Produção: Família e Empresa no Japão. in: **O Sexo do Trabalho**. Op. cit. P. 63-78.

³⁵ KERGOAT, Danièle. **Les Ouvrières**. Paris, Le Sycomore, 1982, p. 12.

³⁶ « Le temps, qu’ il s’ agisse du temps quotidien ou de celui qui s’ ecoule entre la vie et la mort, est rythmé très différemment selon que l’ on est homme ou femme. C’ est que les hommes sont définis d’ abord, et quasi exclusivement, comme travailleurs, alors que les femme le sont d’ abord comme reproductrices (maternité et travail domestique.) Des continuum: l’ enfance (le non travail), la formation professionnelle (la preparation au travail), la vie de travail, la retraite..., celui des femmes se dichotomise en temps de travail salarié et temps de travail domestique. » Iden, p. 111.

³⁷ STANE, Otto. A Vida de Blumenau há 60 anos. **Blumenau em Cadernos**, Tomo IV, n. 11, novembro de 1961, p. 214.

³⁸ Blumenauer Zeitung, respectivamente 30/01/1892, 22/04/1891 e 04/12/1897, AHFCB, Trad. Edith S. Eimer.

³⁹ Der Urwaldsbote, Blumenau, 29/10/1911.

⁴⁰ Cartas de Therese Stutzer, extraídas do livro: STUTZER, Gustav. **O Vale do Itajaí e o Município de Blumenau**, tradução de Curt W. Hennings, dat., Arquivo Histórico de Blumenau.

⁴¹ A tradução é minha. « Amonceler les paires de bas et les pieces de lingerie, c'est une veritable passion chez les dames allemandes. On voit des rouets partout, même dans les maisons les plus aristocratiques et les plus luxueses, à plus forte raison dans les maisons bourgeoises, et, bien entendu, dans tous les foyers modestes. Il y a encore beacoup de dames riches et distinguées qui passent leurs matinées à la cuisine, les bras enfarinés jusqu'aux coundes. » HOWITT, William, *The rural and domestic life of Germany*, 1842, apud BIANQUIS, Genevieve. **La vie quotidienne en Allemagne à l'époque romantique (1795-1830)**, Paris, Hachette, p. 51.

⁴² HERING, Ingo. **Indústrias: O Desenvolvimento da Indústria Blumenauense. Centenário de Blumenau**, op cit., p. 185.

Vejam que a mulher, segundo o autor, não era a cabeça nem as mãos, e sim a “alma” do negócio.

⁴³ HERING, Gertrud Gross-. **Dona Rose Gaertner. Blumenau em Cadernos**, Tomo IV, n. 7, julho de 1961, p. 127-129.

⁴⁴ Sobre isso ver “Memórias de Max Brueckheimer”, op. cit., que era neto e filho de parteiras.

⁴⁵ Sobre isso ver a discussão de SEYFERTH, G. 1981, op, cit., especialmente p. 155-174

⁴⁶ HERMANN, Ulrich. **Educación y formación durante la Ilustración en Alemania**. *Revista de Educación*, Madrid (in. Extraordinario): 119-32, 1988, p. 124.

⁴⁷ KERGOAT, Danièle, **Em Defesa de uma Sociologia das Relações Sociais**. Op. Cit., p. 84.

⁴⁸ Carta de Minna Hering, op. cit.

⁴⁹ SEYFERTH, G. 1982, op. cit., p. 163.

⁵⁰ Cartas de Franz Meyer para sua irmã e cunhado na Alemanha. Blumenau, 22/01/1861 AHFCB, trad. Edith Sophia Eimer.

⁵¹ É interessante sobre este ponto o filme “Bagdá Café”, cuja personagem principal é uma mulher germânica que, nos dias atuais, chega a um bar de beira de estrada nos EUA. Com sua diligência e disposição ela o torna um ambiente agradável, famoso e freqüentado.

Comunicados do Distrito de Ginástica do Vale do Itajaí

Esporte & Lazer

Estado de Santa Catarina
(Sul do Brasil)

Introdução

“Gut Heil”. A todos as saudações companheiras e amigas regionais de nossa ginástica. A ginástica alemã também de verá servir ao nosso modesto “Mitteilungen”. Através desta publicação queremos criar uma união espiritual que abranja todas as sociedades de ginástica da região.

Mas “tudo requer seu tempo”, e pedimos desculpas se este primeiro número ainda não saiu a contento. Também comunicamos que todo o material de ginástica a ser usado no próximo encontro regional, publicaremos no próximo número. A rubrica “Para a quadra de ginástica”, a partir de agora, será sempre mais enriquecida. A questão do treinador e do ginasta demonstrador será deles escolher o material para os exercícios. Para a complementação e escolha de bons exercícios, ainda dependemos de bons livros e revistas explicativas alemãs. Mas também esperamos que entre nós surjam pensadores e iniciantes bons para a arte da ginástica.

Nossos “Comunicados” terão que ser um



espelho daquilo que acontece nos diversos distritos. Para todas as informações, o abaixo-assinado agradece.

“Gut Heil”

Blumenau, março de 1916.

Ass: G. Arthur Köhler – presidente regional.

Comunicados Regionais

A folha apresenta um questionário sobre o material necessário que será enviado no mês de abril do ano 1916. Pedimos aos presidentes das respectivas sociedades preencherem o quanto antes o questionário e enviá-lo de volta à redação.

A todos os instrutores solicito que façam um fiel registro sobre a freqüência das aulas. Isto se faz necessário para a boa função da ginástica. Já recebemos no dia 9 de abril o plano para o Primeiro Encontro Regional de Ginástica. Espero que este encontro seja bem freqüentado.

A minha iniciativa para formar uma caixa de assistência aos ginastas masculinos foi bem recebida e já podemos contar agora em caixa com 45\$640 Rs. Qualquer contribuição pode ser enviada à minha pessoa. O recibo será fornecido de meio em meio ano.

Blumenau, 29 de março 1916.

Ass. G. Arthur Köhler

O 1º Encontro Regional de Ginástica

Domingo, 9 de abril 1916, em Blumenau.

Plano de exercícios

Pela manhã:

7 - 7:30: Marcha de apresentação, exercícios em geral.

Conteúdos:

a) Exercício corporal.

b) Exercício do equilíbrio.

c) Exercícios de destreza.

7:30 - 8:00: Exercícios na barra.

8:00 - 8:30: Palestra sobre a ginástica em geral, o desenvolvimento de diversos grupos, assistência, etc.

8:30 - 9:00: Exercícios nos aros (argolas).

9:00 - 9:30: Exercícios de ordem, perfilamento e fechamento das filas, seguido por exercícios de clavas.

9:30 - 10:00: Saltos de altura.

10:00 - 10:30: Pausa para merenda.

10:30 - 11:00: Nova marcha de apresentação. Exercícios com bastão.

11:00 - 11:30: Corrida de obstáculos.

11:30 - 12:00: Lançamento de pesos.

De tarde: Jogos

3:00 - 3:15 : Pega ladrão.

3:15 - 3:30: Corrida de pegar.

3:30 - 4:00: Corrida de barras.

4:00 - 4:15: Pausa.

4:15 - 4:30: (Türkenhofp) Salto sobre o outro.

4:30 - 4:50: Pega ladrão.

4:50 - 5:10: Pausa.

5:10 - 5:25: Jogo de bola em círculo.

5:25 - 5:40: Corrida de estafeta.

5:40 - 6:15: Mata soldado.

Os exercícios de ginástica e jogos terão lugar no pátio de ginástica da "Neue Schule" de Blumenau. Em caso de mau tempo será escolhido outro local.

Diretor do 1º Encontro Regional.

Os instrutores - Curt Böttner e Bruno Hindelmayer.

Como a maioria dos participantes chegará no sábado, dia 8 de abril, acontecerá na mesma noite, às 8 horas, no salão do Restaurante Katz, uma

palestra sobre os primeiros socorros em caso de acidentes, com demonstrações práticas. A palestra será feita pelo professor Haack.

No domingo à noite acontecerá no salão do "Theater Frohsinn" um baile público de confraternização, para o qual todos estão convidados.

As leis fundamentais da região de Ginástica do Vale do Itajaí. (Aprovadas no 19º. Encontro de Ginastas no dia 9 de outubro 1915 em Blumenau):

1. A região de ginastas abrange todos os associados e sociedades de ginástica de toda a região de Itajaí (os municípios de Blumenau, Brusque e Itajaí), em Santa Catarina - Sul do Brasil.

2. O propósito da liga é o cumprimento dos deveres dos ginastas alemães, portanto, o desenvolvimento da ginástica alemã como um meio de fortalecimento do corpo e do comportamento, bem como a preservação da consciência do povo alemão (e consciência da pátria), com exclusão de toda ambição política. Os meios para a obtenção destes propósitos estão baseados nas leis das associações de ginástica alemãs.

a) A concentração das associações para um encontro regional e o desenvolvimento útil da última.

b) O dia dos encontros regionais.

c) As reuniões dos treinadores e dos seus representantes.

d) As festas regionais, as demonstrações e as excursões.

e) O preparo de treinadores.

f) As obrigações dos representantes, treinadores e do conselho regional.

g) A caixa regional.

h) As comunicações regionais.

3. A inclusão das sociedades terá que ser solicitada por escrito ao presidente regional e incluir a mesma na associação dos ginastas alemães. A abertura de novas sociedades da ginástica no mesmo lugar só será possível se ocorrer a desintegração do trabalho ginástico.

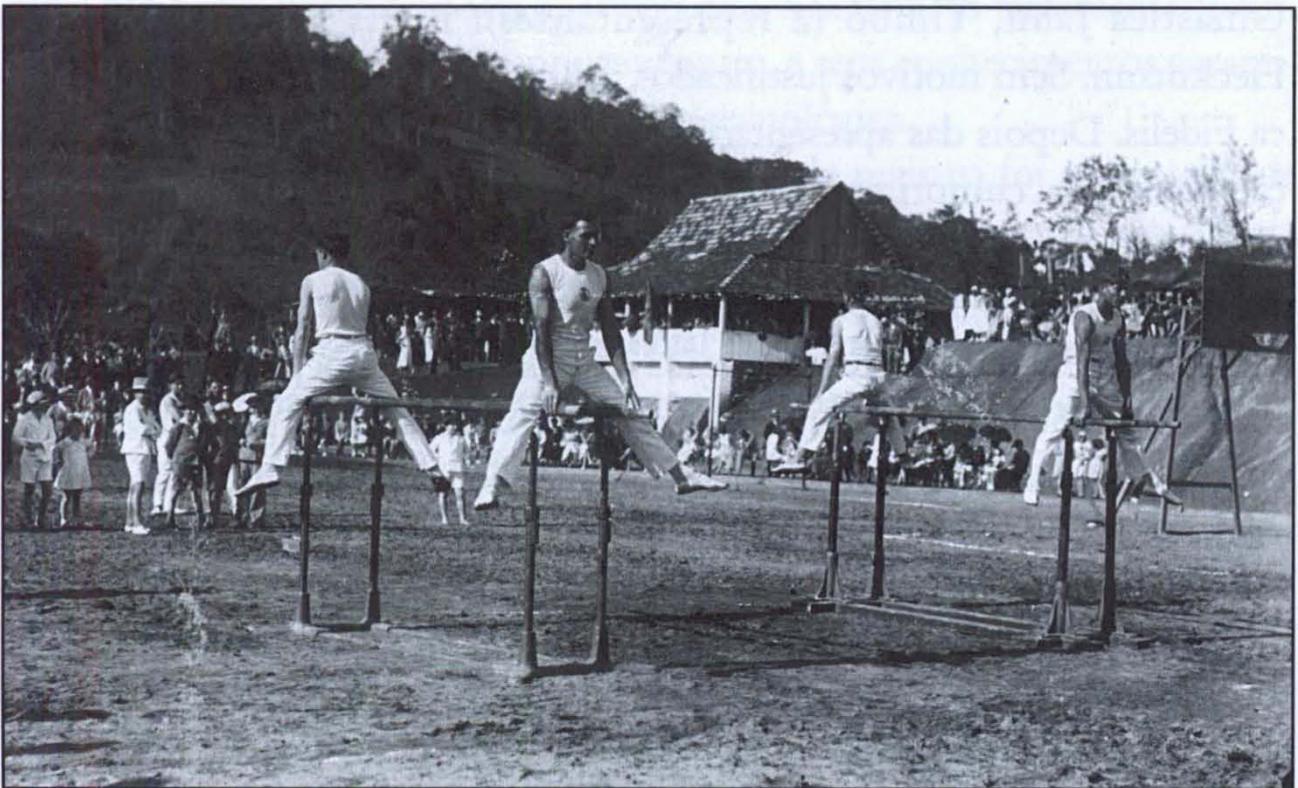
4. Dar lugar à formação de uma nova sociedade, só se não houver oportunidade de impedir a desintegração.

5. A retirada da Sociedade Regional terá que ser comunicada por escrito ao presidente regional.

6. A exclusão de uma sociedade só pode acontecer com 2/3 da maioria e pela decisão do presidente; isto acontece se a mesma sociedade estiver com dois anos em atraso com as contribuições regionais ou se a mesma agiu contra as leis que regem a associação de ginástica alemã.

7. Os dias de encontro regionais acontecerão de dois em dois anos.

8. As ordens do dia terão que ser comunicadas no mínimo três semanas antes, ou então através das “Comunicações”.



Encontro de Ginastas em 1932.

Relatório sobre o 1º Encontro Regional. *(Extraído dos protocolos de Assembléias)*

Sábado, no dia 9 de outubro do ano passado, nos salões do senhor Katz, em Blumenau, aconteceu o primeiro dia de Ginástica Regional. Os convites para este acontecimento partiram da Sociedade de Ginástica de

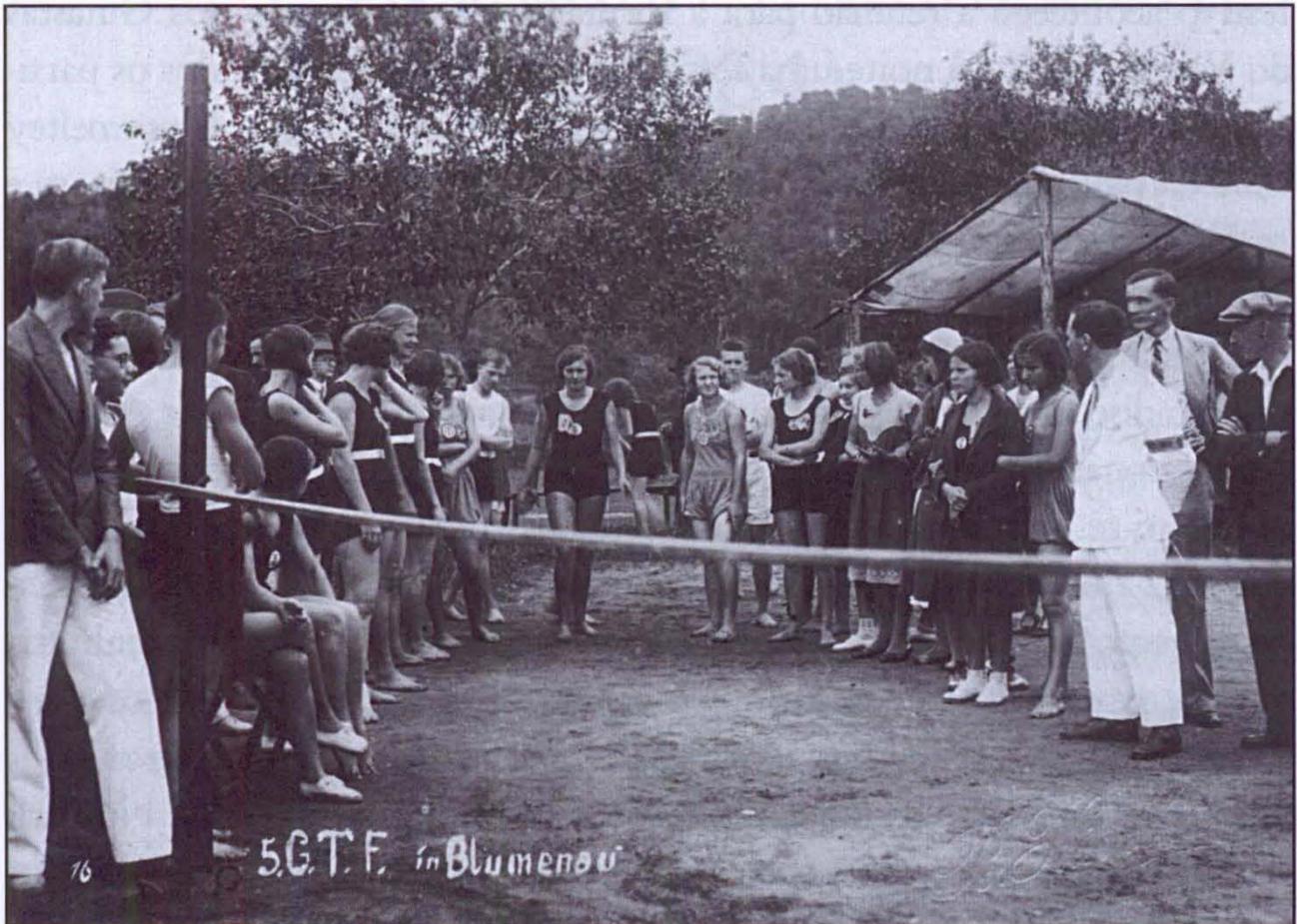
Blumenau. Foi pedido que para cada 50 sócios pagantes fosse enviado um representante. Atenderam ao convite as seguintes sociedades: Sociedade de Ginástica Blumenau (5 representantes): P. Mummeltey - G.A.Koehler - Georg Hindlmeyer - Curt Böttner - Kurt Hering; Sociedade Ginástica Brusque (2 representantes): Wilhelm Frensch - Alois Maritz; Sociedade Ginástica Itajaí (2 representantes): Oskar Kirsten - Ernst Schneider; Sociedade Ginástica 18 de Outubro - Indaial (2 representantes): Heinrich Koch - Bertram Ehert; Sociedade Ginástica Jahn, Indaial (2 representantes): Otto Hindlmeyer - Max Eckardt; Sociedade Ginástica Neu Berlin - Hansa (3 representantes): Julius Hermann - Carl Schmidt - Otto Wille; Sociedade Ginástica Jahn, Timbó (2 representantes): Frans Brandt - Nicolau Heckmann. Sem motivos justificados, faltou somente a sociedade Ginástica Fidelis. Depois das apresentações o pastor Mummeltey assumiu a direção da mesma, cumprimentou os presentes e explicou em seguida as metas da nova associação regional da região do Itajaí. Explicou igualmente que as "Gan_Mitteilungen" (Comunicações regionais) serão editadas de três em três meses. A contribuição para cada associado na associação regional foi fixada em 0\$500 por um período de dois anos. Em seguida passou-se para a eleição do conselho regional e do presidente. Foi eleito por unanimidade G. Artur Koehler. Como treinadores foram eleitos Curt Böttner e Bruno Hindlmeyer. Serão conselheiros Curt Hering - Blumenau, Otto Hindlmeyer - Indaial e Henrich Koch. O orador final foi G. Arthur Koehler, de Blumenau, o qual agradeceu pelo comparecimento de todos para uma união fiel, cujos resultados se fariam sentir para o futuro. A reunião foi encerrada com um aplaudido e entusiástico "Gut Heil".

Relatório sobre a 1ª Festa Regional Ginástica em Blumenau

Nosso 1º Encontro Regional de Ginástica aconteceu de 9 a 11 de outubro do ano passado. A matrícula para este encontro foi numerosa. No sábado, o trem normal, bem como o Vapor Itajaí, trouxeram muitos participantes e amigos. Com o trem especial de domingo chegaram muitos visitantes de fora. Ao meio-dia uma delegação da Sociedade Ginástica de

Blumenau foi ao cemitério evangélico local para depositar coroas de flores e fazer uma homenagem aos seguintes ginastas falecidos: Heinrich Brandes, Paul Schwarzer e Hermann Hering Sen. A participação por sua parte dos ginastas foi grande e aprovaram a iniciativa. À tarde do primeiro dia festivo aconteceu a reunião para a formação da Associação dos Ginastas do Vale do Itajaí e à noite uma festa de reconhecimento de todos os participantes no "Theater Frohsinn". Como recepcionista, o Pastor Mummeltey usou da palavra, dando boas vindas a todos. Outras pessoas discursaram e muitas vezes foram interrompidas por canções patrióticas e contos ginásticos. Também com palavras de muito carinho foi recebido o cônsul da Alemanha, senhor Dr. Grienko, que veio especialmente da capital do Estado. O mesmo discursou e congratulou-se pela iniciativa da formação da Associação Regional do Vale do Itajaí. Na manhã seguinte, com o tempo excelente, iniciaram-se as festividades. No decorrer das demonstrações verificamos, que além dos exercícios elementares e obrigatórios, muito poucos exercícios de estilo livre foram feitos nas barras. Mas não se verificou nenhuma falha nos exercícios que foram apresentados. No entanto, verificamos que é preciso melhorar. O mesmo podemos dizer da corrida dos 100 metros e dos saltos em altura. Nestas modalidades Blumenau tinha a liderança. No período da tarde houve a apresentação de exercícios livres, bem como a marcha e obediência à sinalização. Em seguida apresentaram-se separadamente as Sociedades de Ginástica de Joinville, Hansa, Indaial e Blumenau. Entre as muitas médias apresentações, também verificamos algumas muito boas da Neue Schule, nas clavas, sob direção do instrutor Böttner. Por último vieram os jogos. Em tudo a festa transcorreu dentro de um clima festivo e alegre com a publicação dos vencedores do dia. Merece menção honrosa o instrutor Bruno Hindlmeyer, da sociedade de Blumenau e sua equipe, que também brilharam na festa de encerramento no "Theater Frohsinn" e alvo merecedor de muitos aplausos. Também podemos mencionar que o resultado financeiro foi satisfatório: 1:341\$700 entrada, gastos 698\$600, podendo registrar um lucro de 643\$100. A quantia foi empregada para:

Cruz Vermelha alemã através do consulado	500\$000
Compra de 2000 charutos para a Cruz Vermelha	59\$600
Caixa da associação regional	<u>83\$500</u>
	643\$100



Encontro de Ginastas em 1932.

Nossa festa decorreu sob a marca da grande guerra.

As ordens da Sociedade Ginástica de Blumenau que são trabalhadas pelo instrutor Bruno Hindlmeyer:

1) A divisão de ginastas se dá em três escalas, conforme o seu grau de capacidade demonstrada.

2) Para a aceitação nestas escalas é preciso obedecer e cumprir as exigências do treinador. Nas provas, demonstrar suas capacidades que permitem seu ingresso nas diversas escalas.

- 3) Todos devem cumprir as exigências do treinador, mesmo que seja aceitando uma repreensão.
- 4) É preciso observar rigorosamente os sinais do gongo nas diversas modalidades.
- 5) Os ginastas são obrigados a comparecer nos dias marcados para os exercícios.
- 6) Nos exercícios de ginástica livre todos deverão participar.
- 7) A ginástica de cargo a cargo precisa ser praticada com cuidado e se possível sempre com assistência do instrutor.
- 8) Os aparelhos estão a cargo de cada equipe que os usa para as diversas modalidades.
- 9) Cada ginasta, ao ouvir a ordem dada pelo instrutor, deve imediatamente deixar o campo livre.
- 10) Os exercícios devem ser feitos com o respectivo calçado, que é o tênis.
- 11) É proibido fumar no recinto da prática dos exercícios, do princípio até o final das aulas.
- 12) É permitido fazer uso da quadra de ginastas somente em determinadas horas.
- 13) Pessoas estranhas que querem assistir aos exercícios terão que ser apresentadas.
- 14) Os ginastas que faltarem três vezes seguidas sem justificção terão que pagar uma multa de 100 Rs. Aqueles que não comparecerem por mais de dois meses serão considerados apenas sócios passivos.
- 15) Todo dinheiro pago como castigo entra no caixa geral e o instrutor determinará seu uso.

Hermann Blumenau (1819- 1899) e Hermann Trommsdorff (1811-1884)

*Irene R. Lauterbach¹
Curt Heise²*

Correspondência -
Tradução

Sua troca de
correspondências
entre 1841
até 1883.

Biografias de personalidades importantes fazem parte da valiosa estrutura da historiografia, na medida em que mantêm acesa a lembrança da vida e de atos de pessoas e evitando que relevantes acontecimentos caiam no esquecimento.

Como historicamente importantes da biografia valem anotações pessoais e cartas, pois do contrário pouco se saberia sobre o que pensavam seus missivistas e sobre o seu mundo de aventuras.

Um golpe de sorte para a pesquisa em torno de Hermann Blumenau foi que uma troca de correspondência entre o colonizador e fundador de uma cidade sul-brasileira, Hermann Blumenau (1819-1899), tida como desaparecida, reapareceu.

São em número de 38 os escritos trocados nos anos de 1841 a 1883 entre Hermann Blumenau e o farmacêutico e fabricante de produtos químicos e seu antigo Principal Hermann Trommsdorff, de Erfurt. Eles não apenas complementam um grande número de fatos já co-



¹ Transcrição dos originais manuscritos e comentários publicados em Braunschweigisches Jahrbuch für Landesgeschichte Band 84, 2003.

² Tradutor do texto alemão para o Português.

nhecidos, mas lançam uma visão sobre a vida de Hermann Blumenau e seus atos até então ignorados.

Hermann Trommsdorff foi o único filho remanescente de Johann Bartolomeus Trommsdorff, um reconhecido e conceituado farmacêutico e professor de química de Erfurt. No laboratório e farmácia Cisne, este jovem farmacêutico, “primeira classe” em setembro a outubro do ano de 1836, colocou a base para a fabricação de alcalóides que se destinavam ao seu importante estabelecimento fabril.

Ao pai ele devia a base científica, altamente qualificado em química, e ao fundador da fábrica química “E. MERCK, Darmstadt”, seu Principal Heinrich Emanuel Merck, amigo de longa data, as ferramentas práticas como modelo para seu empreendimento, e seus conhecimentos garantiam uma excepcional perfeição química-tecnológica.

Uma tirada de Trommsdorff digna de registro foi a mentalidade responsável de seus colaboradores, somada a um excepcional espírito de camaradagem. Sua solicitude, bem como sua capacidade para uma real amizade, aparecem como base essencial na formação de troca de correspondências, e não complementam apenas fatos já conhecidos. Permitem excepcionalmente que se conheça fatos antes ignorados, sobre a vida e atos de Hermann Blumenau.

Em todos os estudos até aqui mencionados, Blumenau aparece como uma pessoa dedicada e estrategista. Assim ele é mencionado como egresso famoso da área de farmácia, como assistente de química, que pretende registrar uma patente no exterior e como auxiliar de farmácia, não obstante ter sido promovido pela Universidade de Erlanger como doutor em Filosofia. Um autor enaltece a competente contribuição de Blumenau como fomentador da emigração de alemães para o Brasil, e um outro menciona o seu enorme esforço em prol da povoação do Estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil.

Não obstante as obras da vida de Blumenau se tornem objeto de grandes sinopses, e Ferreira da Silva, ao citar o conteúdo da carta de Blumenau datada de 11.01.1854, dirigida a um amigo residente na Alema-

nha, nos possibilita conhecer maiores detalhes da situação e modo de pensar de Blumenau, nota-se, porém, a ausência de conhecimentos biográficos sobre o caráter, a forma de viver e pensar do mesmo.

As correspondências trocadas disponíveis permitem, durante 40 anos, acompanhar mediante um contato quase que pessoal a vida de Hermann Blumenau, sua luta e sua incrível energia, sua debilitada saúde quase crônica, alternando fases de desânimo com a vontade de enfrentar a luta e seu dever, onde outras pessoas certamente teriam desistido. Respeitosamente temos que reconhecer que Blumenau atendeu a uma excepcional e conseqüente vontade pessoal de dar o melhor para a Colônia Blumenau.

As cartas, que vêm acompanhadas de mapas impressos a cores, da colônia alemã localizada no Estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil, foram encontradas em relativo bom estado de conservação. No entanto, a legibilidade das cartas de Blumenau está bastante prejudicada, em face do papel azul utilizado ser muito fino e a escrita ocupar os dois lados. Duas das cartas de Blumenau estão disponíveis, tanto no original como em cópia fac-símile. A cópia fac-símile da carta de Trommsdorff datada de 1º de janeiro do ano de 1882, teve a sua transcrição já publicada e comentada.

Cinco, escritas na troca de correspondência, são de autoria de Hermann Trommsdorff, uma de sua esposa senhora Auguste, nata Rothstein, e as outras 32 de Hermann Blumenau. Cartas-resposta não foram localizadas, mas como as cartas fazem referência a escritas anteriores, refletem os temas abordados com real fidelidade.

Digno de nota é o largo espectro temático contido nas cartas de Blumenau, nas quais se espelha o alcance de seu objetivo colonizador, principalmente a diferença entre suas idéias, a realização e suas conseqüências.

O Brasil estava à procura de colonos, a localização fora bem escolhida e imigrantes havia em grande número. No entanto, Blumenau encontrava muitas dificuldades, tanto de caráter oficial como de pessoas. Estas sempre se lhe impunham uma grande carga, levando-o inúmeras vezes à beira da desistência.

No Brasil, era de tramóias produzidas pelas autoridades; na Prússia,

de ordem demagógica, as quais rotineiramente resultavam na proibição - embora temporária - da migração para o Brasil. Na própria Colônia Blumenau havia inúmeros colonos que o responsabilizavam pelo seu descontentamento.

E por último convém notar que a situação financeira de Hermann Blumenau não lhe reservava maior segurança para o futuro. Esta situação motivou Blumenau a se empenhar intensamente na procura de procedimentos dignos de serem patenteados e fabricar artigos de consumo de europeus para o lar, bem como de produtos farmacêuticos, dentro das disponibilidades na nova pátria.

A única pessoa capacitada com a qual Blumenau poderia discutir sem receios era Hermann Trommsdorff, seu antigo principal. E somente com ele, com o qual Blumenau era intimamente ligado, se aventurou a expor seus mais íntimos pensamentos e sentimentos.

Afinal, ele devia muito a Trommsdorff, que durante todos estes anos sempre fora o endereço importante das suas encomendas de ordem química e botânica, bem como o incumbia de compras e pesquisas de toda a sorte.

O relacionamento destes dois homens iniciou-se na primavera de 1841. Trommsdorff, já naquela época, estava à procura de um competente técnico na área química, visando o aumento da produção de sua “Fábrica Química H. Trommsdorff, Erfurt”, embora o início das obras de seu empreendimento somente se deu em 1842. A pessoa consultada, o farmacêutico de Salzsüfler de nome Rudolf Brandes, chamou atenção do auxiliar de farmacêutico Hermann Blumenau para se candidatar a esta vaga. Com a referida carta-resposta de Trommsdorff datada a 20 de julho do ano de 1841, se inicia a troca de correspondência, a estes ainda somados o primeiro ciclo, mais duas cartas de Trommsdorff, bem como o aviso de Blumenau de 2 de janeiro do ano de 1842, dão conta de que ele pretendia estar em Erfurt nos dias 16 e 17 de janeiro. As primeiras cartas inicialmente foram publicadas na íntegra, enquanto as demais, devido à exigüidade de espaço e também por sua importância, tiveram reduzido o seu espaço. Nos casos em

que a diminuição foi acentuada, ou mesmo cartas inteiras suprimidas, o seu conteúdo foi transcrito de forma itálica (*kursiv*) e colocado em parêntesis. No seio de uma correção branda, os manuscritos disponíveis foram corrigidos somente na sua forma, observando-se se anexados ou separados, não em sua forma gráfica ou pontuação. Sinais antigos sobre pesos usados nas farmácias, números e monetários foram corretamente descritos; os sinais anorgânicos relacionados a Berzelius¹⁸²⁶ (13) foram diminuídos e transcritos em fórmula prematura.

Erfurt, 20 julho de 1841

De H. Trommsdorff, Erfurt.

Excelentíssimo amigo!

Eu tenho que me desculpar por ainda não ter respondido sua carta. O motivo não é eventual esquecimento ou falta de interesse de minha parte, mas em virtude de indecisões próprias concernentes a certos pontos, dos quais depende a resposta à sua agradável pergunta. Com referência à vaga que está em aberto, permito-me citar o que se segue. Para manter em funcionamento a minha farmácia, os meus três colaboradores são realmente suficientes, e, não havendo perspectivas de uma eventual mudança, uma vacância neste setor do negócio inexistente, bem como não há perspectivas futuras dela ocorrer.

Devido a meus trabalhos químicos e ao preparo em escala industrial dos alcalóides e similares, senti a necessidade de contratar um praticante especial de laboratório; esta vaga continua em aberto, e eu ficaria sumariamente satisfeito se pudesse vê-lo ocupar a mesma e teria confirmado de forma positiva e imediata, não tivessem surgido contratemplos que impunham alterações que redundam na imposição de novas exigências, fatos até então não ocorridos, que por sua vez recomendavam preencher esta vaga somente após o Ano Novo ou a Páscoa. Considerando que V.S. é para mim de estimado valor e estando disposto a tê-lo em minha companhia, quero me posicionar abertamente a respeito de fatos mencionados, mas lhe

asseguro que não farei uso dos mesmos contra terceiros.

Tenciono efetuar um sensível aumento nas instalações do meu laboratório, e que fora alcalóides e sucedâneos, pretendo fabricar outros preparados, os quais até o momento estavam fora da gama de meus produtos. Dada a enorme diversidade de meus produtos, razão pela qual o meu estabelecimento difere em muito dos congêneres concorrentes, não me é possível trabalhar com funcionários não qualificados, daí a importância da necessidade de colocar nas mãos de laborantes ou quase dirigentes; nas mãos de uma só pessoa que fora das qualidades exigidas pelo cargo, se propôs, mesmo que não para sempre, ao menos me garanta sua permanência por um bom lapso de anos. Entenda-se que o salário e as prerrogativas atinentes são compatíveis ao cargo. Estou ciente de que as condições que cercam o cargo deverão estimular muitos a pleiteá-lo, mas para mim as condições são importantes demais, para que eu abra mão destas exigências. Se por acaso o caro amigo, face à comunicação acima, bem como da minha disposição de somente preencher o cargo a partir do Ano Novo ou Páscoa, esteja indeciso sobre a ocupação do cargo em questão, eu peço-lhe encarecidamente me comunicar o fato, e vamos discutir abertamente e de maneira cordial sobre o assunto. Finalmente, considero de minha obrigação lhe comunicar que eu já mantive contatos com químicos capacitados, mas sem firmar um compromisso, e conseqüentemente a vaga continua em aberto.

Com a solicitação de me recomendar na ocasião própria ao Sr. Conselheiro H. Brandes, cumprimento a V.S. respeitosamente como amigo e firmo.

Seu H. Trommsdorff.

O Maligno

Alfredo Scottini¹

Crônicas do
Cotidiano

São Pedro Velho, antigamente, em legítimo dialeto trentino, se dizia San Pierolin, ou seja, São Pedrinho. Era bem mais sugestivo, até que algum dos muitos entendidos achou que era melhor mudar o nome. Perdeu toda a graça e deixou um ar de um São Pedro que não existe, pois velho não cabe nem aqui, nem em outros locais, ou mesmo nos santos. Ainda irei incentivar um movimento para voltar ao San Pierolin, um Pedrinho santo e simpático. A moda agora é retomar as tradições. Esta é uma a ser defendida, já que se quer tanto revisar o passado. Essa localidade se estende bem em frente à Igreja de São Francisco de Assis, de Rodeio.

Lá dos morros de San Pierolin vê-se a igreja, a freguesia e ouvem-se os sinos chamando para a missa, para as orações, ou mesmo, convidando para o sepultamento de alguém. Fora do centro, longe da rua principal, mas muito perto de tudo, para ouvir o sino e saber o que ocorre na cidade.



¹ Professor da Rede Estadual de Ensino. Colaborador da Revista.

Os habitantes da cidade olhavam sempre para nós com o ar superior, com o desprezo natural dos cidadãos, contra os pobres colonos, os caipiras do interior. Contudo, fazendo uma análise mais séria e profunda, éramos todos iguais e bem iguais.

Hoje, quando chego à cidade e vejo os velhotes, lembro-me de quando eram tão poderosos, ante nossa ignorância. Ficam felizes em selhes estendendo um cumprimento, pois a vida muda e o tempo a tudo transforma. Lembro com saudades os bons tempos da missa solene na Igreja Matriz, os picolés do João Picolé, as cucas do Celso e tantas coisas boas da infância.

Muitas vezes, correndo na estradinha de San Pierolin, recordo as longas caminhadas até na lama, pois devia-se ir à missa e a todas as funções religiosas. Contam-se muitas histórias ocorridas naquelas paragens.

Uma me chamou a atenção. Aparecia na ponte dos Morastoni, ou na ponte do rio do Paes, uma porquinha branca, seguida por outro animal esbranquiçado, a todos os transeuntes, em torno da meia-noite.

Era comum as pessoas verem a dupla, caminhando devagar, como que surgindo do nada e desaparecendo. Muitos evitavam caminhar por ali durante a noite e outros acabavam por dormir com parentes, evitando cruzar a ponte mal-assombrada. Era um falatório só, todos falavam dela e todos a temiam.

Depois de muito confabular, dois irmãos, Ângelo e Joaquim, resolveram ir à ponte, para enfrentar o fantasma. Alguns diziam que era um lobisomem, outros que era o próprio diabo e certos falavam em almas penadas. Não havia unanimidade quanto ao ser fantasmagórico.

Os dois se armaram com uma pistola e, perto da meia-noite, foram pela estrada, como quem está apenas caminhando. Quando chegaram perto da ponte, tremiam mais que vara verde e mal conseguiam respirar. À medida que se aproximavam, mais diminuía os passos, pois o medo os tolhia.

Foram aproximando-se, lentamente, como se o tempo estivesse parado, como se estivessem na eternidade. Parecia que a ponte estava a

quilômetros, sempre mais longe. Devagar, devagarzinho chegaram ao local. Logo surgiu algo estranho. Como todos diziam, vinha uma porquinha branca trotando e atrás outro animal branco, brilhante, sem deixar ver que bicho podia ser, pois tinha formas indefinidas, escondidas pela luz. Todos pararam, os dois valentes e os dois fantasmas.

Um disse para o outro:

- Pega a pistola e dá um tiro nos animais.

O armado apertou a pistola e respondeu que não tinha coragem. Convidou ao irmão para atirar, mas a resposta foi que o medo era demais. Contudo, ele apertava a arma no bolso.

Naquele momento, o bicho brilhante cresceu e se tornou enorme, ocupava a ponte toda. Parecia um gigante. Os dois ficaram duros de medo. O que apertava a arma, largou-a no bolso. Mortos de medo, viraram-se para vir embora. Naquilo a aparição sumiu. Eles, com as pernas tremendo, com o coração na boca, desandaram em correr.

Pararam somente na casa de um deles, mais mortos que vivos. Tiveram que tomar água, café, a fim de refazer as forças. Juraram ali mesmo, no nome de sua falecida mãe, que nunca mais afrontariam aparições. Dias depois foram visitar o padre e lhe contaram o fato. O sacerdote os abençoou e lhes referiu que isso eram artimanhas do demônio.

Rezaram muito e nunca mais se viu o fantasma. Contudo, as pessoas nunca esqueceram o fato, o qual ainda persiste na memória de muitos. Por via das dúvidas, nunca passei durante a noite por aquela ponte. Nunca se sabe do que é capaz o maligno, o qual pode tomar as mais diferentes figuras, para a prática de maldades.

40 anos

Enéas Athanázio*

Autores Catarinenes

O último dia 1º. de abril marcou os quarenta anos do golpe militar de 1964, data que ficará indelével na história brasileira contemporânea. Muito tem sido dito e escrito a respeito, embora nem de longe dê uma idéia do que foram os chamados “anos de chumbo”. A tomada do poder pela força interrompeu uma vivência democrática de 18 anos, sob a vigência da Constituição Federal de 1946, a mais democrática que tivemos e para cuja derrocada contribuíram manifestações levianas de políticos que se julgavam democratas. Ela se preocupava tanto em garantir a liberdade individual, depois dos tempos negros do Estado Novo, que não dava ao presidente da República instrumentos legais para defender o regime, tanto que o golpe foi tramado às claras, ante os olhos do Governo, com os golpistas se movimentando e tramando com total liberdade. Seríamos hoje uma democracia madura, com um povo politizado e hábil no exercício do voto, com quase 60 anos de dura-



* Escritor e advogado. Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

ção. Com a interrupção, eis-nos recomeçando tudo, dando passos vacilantes, com grande parte da população desinteressada da coisa pública e sem lideranças novas, uma vez que aquelas que estavam em formação foram dizimadas. Mas é imperioso seguir em frente, consolidando a democracia em definitivo, para que coisas assim nunca mais voltem a acontecer.

No curso das duas décadas autoritárias, inúmeros fatos ocorreram que não foram explicados ou esclarecidos. Lutando com dificuldades, autoridades de várias áreas conseguiram trazer a público a verdade a respeito de muitos, embora outros continuem envoltos em espesso mistério. Como se costuma dizer, muitos esqueletos ainda estão no armário. Entre estes, três acontecimentos importantes esperam por investigações que levem a conclusões sérias e definitivas, capazes de afastar para sempre as dúvidas que pairam sobre eles. Refiro-me às mortes dos ex-presidentes Juscelino Kubitschek (JK) e João Goulart (Jango) e do ex-governador da Guanabara, Carlos Lacerda. Eles compunham o mais influente trio de políticos anteriores ao golpe e detinham a grande maioria do eleitorado, além de dispor de grande capacidade de mobilização popular. Todos morreram num período de apenas nove meses, em circunstâncias estranhas e que deixaram inúmeras dúvidas. Intrigados com os indícios de que poderiam ter sido vítimas de crime, os jornalistas Carlos Heitor Cony e Anna Lee, depois de muitas buscas e pesquisas, decidiram publicar o livro “O Beijo da Morte” (Editora Objetiva – Rio – 2003), espécie de romance-reportagem em que analisam todos os detalhes que envolvem os casos e as suspeitas existentes.

Esses fatos ocorreram no contexto da Guerra Fria, uma espécie de equilíbrio do terror, calcado na permanente ameaça nuclear, entre os blocos capitalista e socialista que dividiam o planeta. Cada um deles enxergava ameaças em tudo e todos, o que levou os Estados Unidos a apoiarem sangrentas ditaduras. Foi nesse clima pesado, de temores e desconfianças, que ocorreram o golpe de 1964 e os fatos posteriores, inclusive as mortes dos três líderes. Por outro lado, no âmbito regional do Cone Sul se desenvolvia a facinorosa Operação Condor (*), até hoje mal esclarecida, reunin-

do diversos países, inclusive o Brasil, com o objetivo de neutralizar os que se opunham às ditaduras que tomaram o poder nesses países. Suspeita-se que resultaram de operações desse tipo as mortes de Orlando Letellier, nos Estados Unidos, Juan José Torres, no Uruguai, Alexos Panagulis, em Atenas, Zuzu Angel, no Rio, Sérgio Fleury, no litoral paulista, e vários outros, inclusive do trio brasileiro. Além disso, corriam em surdina comentários de que elas representavam uma “limpeza da área”, sem a qual a abertura do regime brasileiro não aconteceria. Admitindo-se essa versão, JK, Jango e Lacerda teriam sido vítimas duas vezes: da ditadura e da abertura. É curioso recordar que os políticos civis que mais batalharam pelo golpe acabaram engolidos por ele. Foi o que aconteceu com Jânio Quadros, Adhemar de Barros e Carlos Lacerda. Sobrou Magalhães Pinto porque, parece, estava muito doente. Eles esqueceram o velho ensinamento da Ciência Política de que os processos políticos podem ser deflagrados, mas nunca controlados. Para completar o quadro, JK, Jango e Lacerda, antes ferrenhos adversários e até inimigos, organizavam o movimento denominado “Frente Ampla”, cujo manifesto os dois últimos já haviam assinado (**). Todos reconheciam que seria a única forma de abreviar a ditadura e, ainda que retorcendo os narizes, trataram de se entender. Com esse objetivo, Lacerda visitou Jango em Montevidéu.

JK e Jango tiveram os mandatos cassados e os direitos políticos suspensos por dez anos, mas o prazo já havia decorrido. Lacerda tivera os direitos suspensos, mais tarde, e os recuperaria no ano seguinte. Todos poderiam, em tese, participar do processo eleitoral que se avizinhava, o que causava temor e preocupação ao governo, em especial Lacerda, cuja capacidade de mobilização era reconhecida. Num de seus arroubos, ele havia declarado que lutaria contra o sistema dominante mesmo com risco da própria vida. Aliados, os três seriam invencíveis. Cansado do exílio, Jango se preparava para retornar ao Brasil, possibilidade que andara sondando e que, a rigor, não tinha obstáculos. Estava a situação nesse pé quando todos foram colhidos pela indesejada das gentes – como dizia o poeta – de forma

inesperada e estranha. Todas essas mortes foram, de certa forma, anunciadas, ocorreram dentro de um período curto, na esteira de mortes semelhantes no cenário internacional e deixaram indícios intrigantes.

JK foi o primeiro a perecer, em 22 de agosto de 1976, num esquisito acidente de trânsito ocorrido na Via Dutra, nas proximidades da cidade de Resende. Na semana anterior havia corrido a notícia de que havia falecido em um desastre no Distrito Federal. Ele vinha mantendo segredo sobre essa viagem ao Rio e até exibira a passagem de avião que o levaria de retorno a Brasília. Surgiram inúmeras dúvidas, inclusive a respeito de uma parada no Hotel-Fazenda Vilaforte, cuja ocorrência, ou não, influiria de forma decisiva nas conclusões do laudo técnico. Além disso, aventou-se a hipótese de uma bomba colocada no Opala do ex-presidente, tiros desferidos nos pneus e até um atirador de elite atingindo o motorista na cabeça. Os negativos das únicas fotos de JK morto, ainda dentro do veículo, desapareceram sem deixar vestígios. Seguiram-se os costumeiros “inquéritos rigorosos”, comissões e diligências, afastando sempre – como seria de esperar – a hipótese de atentado.

Em 6 de dezembro de 1976 - portanto, três meses e quinze dias depois - falecia João Goulart, em sua estância de Mercedes, na Argentina. Não houve testemunhas do óbito, presenciado apenas pela viúva, e atestado por um médico pediatra, de uma longínqua cidade, como provocado “por una enfermedad.” As circunstâncias do velório e sepultamento foram estranhas, revestidas de múltiplos incidentes, e nunca se fez uma exumação. Suspeitou-se até mesmo de que o corpo não estivesse no jazigo para evitar a exumação. Ele estava bem de saúde, embora tomasse medicamentos para controle da pressão, importados da França, além de alguns adquiridos em farmácias normais. Surgiram suspeitas de que foi envenenado com esses medicamentos estrangeiros e existem pesquisadores sustentando a hipótese de atentado, baseada em inúmeros pequenos detalhes.

Cinco meses e quinze dias após, em 21 de maio de 1977, chegava a vez de Lacerda. Com sintomas gripais, foi internado na Clínica São Vicente,

no Rio de Janeiro, falecendo no dia seguinte, vitimado por uma septicemia generalizada, ou seja, infecção geral, de origem externa, para a qual não havia explicação razoável. Muitas suspeitas cercaram a morte do ex-governador, mas nenhum procedimento legal foi instaurado para esclarecê-la. Não se descobriu a “porta de entrada” dessa septicemia. Segundo os autores, “Lacerda morreu devido a um estado altamente infeccioso que não foi devidamente combatido, pois havia dúvida sobre a verdadeira causa dos sintomas que apresentava” (pág. 228). É curioso que não tenham sido realizados todos os exames e investigações de praxe, ainda mais em se tratando de quem era. Ficou em aberto a hipótese, levantada na época, de envenenamento por antraz, através de correspondência, livro, alimento, pomada, peça de vestuário ou mobiliário contaminada, assento de carro etc.

Em torno dos casos pulularam versões e comentários, surgiram depoimentos taxativos e espertalhões tentando “vender” informações. Mas as questões essenciais continuam sem respostas convincentes. Atentado ou coincidência, a verdade é que ocorrera a “limpeza do terreno” para a permanência do grupo dominante, sem perigo de retorno dos políticos derubados, mesmo havendo a abertura estimulada pelo Governo Carter, dos Estados Unidos. Todos os três eram severamente vigiados em todos os seus passos e havia ordem superior para que Jango fosse preso caso ingressasse no território nacional. Diante de tantos indícios e circunstâncias, muitas perguntas esperam por respostas adequadas, razão pela qual o livro dos jornalistas não se fecha em torno de conclusões, deixando ao leitor o julgamento, até que um dia, quem sabe, esses esqueletos venham a ser tirados do armário.

(*) Sobre a Operação Condor, bastidores da política brasileira e do Cone Sul, personalidades da vida pública e outros fatos, vide os livros “Dossiê Brasil”, de Geneton Moraes Neto (Editora Objetiva – Rio – 1997) e “Nitroglicerina Pura”, de Geneton Moraes Neto e Joel Silveira (Editora Record – Rio – 1992).

(**) O manifesto da Frente Ampla foi publicado no livro “Uma rosa é uma rosa é uma rosa”, de Carlos Lacerda (Editora Nova Fronteira – Rio – 1977).

Homenagem a Humberto de Campos (1886/1934)

(70 anos de seu falecimento)

1. O Conselheiro XX

Como tantos escritores nacionais, Humberto de Campos (1886/1934) está esquecido. Suas obras estão esgotadas e não se vendem nas livrarias; não têm merecido teses acadêmicas ou manifestações da crítica, aliás, cada vez mais raras. No entanto, foi o cronista mais famoso de seu tempo, além de primoroso contista, crítico, ensaísta e poeta. Sua obra encantou gerações de leitores e sua crítica, às vezes impiedosa, mas sempre justa, consolidava reputações e desmontava imerecidos renomes. É conhecido o episódio envolvendo-o com João do Rio, no qual forçou este último a encerrar uma coluna de jornal, tal a situação de ridículo em que metia os personagens de seus escritos.

Nascido no interior do Maranhão, em lugarejo perdido no sertão nordestino (hoje denominado Humberto de Campos), amargou a mais negra pobreza, beirando a miséria, ainda mais após a prematura morte do pai. Foi empregado no comércio e aprendiz de tipógrafo. Residiu na cidade de Parnaíba, no Piauí, em São Luís e Belém e, por fim, no Rio de Janeiro, onde faleceu aos 48 anos de idade, vítima de moléstia incurável, em meio a grande sofrimento. Graças a um esforço permanente, às vezes desesperado, tornou-se um erudito e um escritor de grandes recursos, dominando com a mesma competência todos os gêneros a que se dedicava. Segundo Graça Aranha, “foi o mais aristocrático de nossos escritores”, conquistando uma

vaga da Academia Brasileira de Letras aos 34 anos de idade, em 1920. Foi também deputado federal pelo seu Estado, mas alcançou maior renome como cronista jornalístico, sob o pseudônimo de Conselheiro XX, na maior parte de sua militância na crônica. Colocando nelas a erudição e as reflexões, envoltas em esmerada linguagem, esgrimia a ironia e o humor com perfeição, acentuando o que havia de ridículo, absurdo ou engraçado nas situações. Usou a anedota, a piada, o “non-sense” com grande versatilidade, tornando-se, ao mesmo tempo, extremamente popular e temido. Como o Conselheiro XX discutia questões, fazia sugestões e dava conselhos em casos enviados pelos leitores. Seus escritos, observou um crítico, “eram devorados pela turba, que via no estilo fácil, no tom suave, na queixa branda, derivativo para todas as agruras cotidianas”.

Suas memórias, no entanto, foram as obras que mais falaram à alma do povo. Escritas quando já estava doente, retratam de forma pungente os padecimentos do menino pobre e desvalido, sensível e sonhador, abandonado na aspereza da selva humana. Nesses volumes, escritos com tocante sinceridade, está a luta desigual para sair do triste anonimato a que estava destinado e alcançar o reconhecimento através do trabalho e do talento. São páginas “de melancolia, resignação e pessimismo, expondo o exemplo de um homem atingido pela desgraça depois de alcançar a glória por esforço próprio e honesto”, para repetir Afrânio Coutinho.

Nessas memórias existem momentos que ficam para sempre. É impossível esquecer, por exemplo, a passagem para o novo século. Enquanto a cidade, o país e o mundo festejavam nas ruas e nos salões, entre fogos, músicas e brindes, o garoto miserável permanecia no porão da mercearia onde era empregado, na repetitiva faina de lavar garrafas. Pela fresta existente ele mais adivinhava do que via as comemorações a que o mundo se entregava. No relato, no entanto, não há queixume ou revolta, apenas a constatação de que foi assim e não adianta chorar o leite derramado. Em outro local, talvez um de seus mais conhecidos escritos, narra a tragédia dos “vareiros”, aqueles seres embrutecidos pela repetição dos mesmos atos,

impelindo as pesadas chatas pelo rio Parnaíba, caminhando com lentidão os mesmos passos, agarrados ao varão fincado no fundo da água, fazendo a embarcação vencer a corrente ao longo de 400 quilômetros. “Assim vive - conclui ele -, preso à sua vara, empurrando a sua barca rio acima, ou defendendo-a, rio abaixo, o “vareiro” do Parnaíba. E assim morre. Assim vivo eu, preso à minha pena. E assim morrerei.”

2. Ainda o Conselheiro XX

Cronista mais célebre de sua época, Humberto de Campos (1886/1934) foi um primoroso escritor. Dominou todos os gêneros a que se dedicou, desde o conto, a crítica e o ensaio, até a poesia. Sob o pseudônimo de Conselheiro XX se tornou, ao mesmo tempo, o mais popular e o mais temido cronista da imprensa brasileira. Mesclando a beleza da linguagem com uma espantosa erudição para quem viveu tão pouco, usava o humor, a ironia e o chiste como formas de atrair e prender seus numerosos leitores. É figura relevante na história da crônica literária nacional, gênero que encontrou grandes expoentes em nosso país.

Como contista também produziu obras de qualidade. Nos tempos vividos em Belém, buscando fugir da miséria no Piauí e no Maranhão, escreveu trabalhos admiráveis, tanto no jornalismo como na ficção, tendo sempre como pano de fundo a vida miserável dos seringueiros e a exploração a que eram submetidos. Essas obras alcançaram destaque na chamada “literatura amazônica” ou “nortista.” Entre as ficções desse período, merece lembrança o conto “Vingança”, recolhido por Edgard Cavalheiro e Raimundo de Menezes à conhecida antologia “Histórias de Crimes e Criminosos”, publicada pela Editora Civilização Brasileira, integrante do amplo painel dos melhores contos nacionais.

Como cronista, Humberto de Campos foi implacável com os vaidosos, fúteis, bajuladores, exibicionistas, ostentadores e toda a fauna que os cerca. Muitas foram suas vítimas, entre elas o famoso jornalista João do Rio, um de seus alvos preferidos. Colunista social (na época dizia-se colunista

mundano) de grande jornal carioca, sob o título de “Pall-Mall Rio” e com o pseudônimo de José Antônio José, comprazia-se João do Rio em elogiar ricos e poderosos cariocas e paulistas, como os Guinle e os Freitas Valle, políticos e ministros de plantão, entre os quais Lauro Müller, sempre em estilo bombástico e superlativo. Irritado com aquilo, Humberto de Campos inventou a coluna “Pele-Mole”, publicada em outro grande jornal, e através dela passou a satirizar tudo que dizia José Antônio José. Assinando-se João Francisco João, acompanhava dia a dia o que o outro escrevia e sobre aquilo construía suas sátiras repletas de humor e ironia, ressaltando o interesse por trás de cada palavra. “Tais paródias eram sátiras cruéis, que procuravam lançar ao ridículo tanto o cronista mundano como as personalidades por ele citadas” – escreveu R. Magalhães Jr., biógrafo de João do Rio. O caricatural “Pele-Mole” tornou-se muitíssimo lido, conquistou inumeráveis apreciadores, transformou-se em verdadeira mania. As paródias vinham em prosa e verso, quase sempre felizes, atingindo o centro do alvo, e isso divertia os ávidos leitores, sequiosos por conhecer a “vítima do dia”. Magalhães Jr. cita muitos exemplos. “Há pessoas que nunca pensaram em tomar sorvete e que, entretanto, tomam sorvete em Veneza no outono. Tudo é uma questão de ambiente” - dizia “Pall-Mall Rio.” E o “Pele-Mole”, no dia seguinte: “Há pessoas que nunca pensaram em tomar sorvete. Outras há que tomam sem pensar. O sorvete refresca!” Assim, a cada dia, João do Rio e seus personagens caíam na boca do povo.

Criou-se, em conseqüência, um clima de pânico. Pessoas que bajulavam o colunista em busca de espaço para “aparecer”, agora fugiam dele como o diabo da cruz. Ninguém queria, por nada, ser colunável de João do Rio e ele, desesperado, não sabia o que fazer. Gilberto Amado, seu amigo, relata o drama por ele vivido. A coluna constituía sua vitrine, seu pedestal para expor a desmedida vaidade, além de propiciar vantagens de toda ordem. A própria mãe de João do Rio, idosa e doente, temendo pelo filho, bateu à porta de Humberto de Campos e pediu, humildemente, uma trégua. O inventor de “Pele-Mole” não cedeu: ou João do Rio acaba com

aquilo ou tudo vai continuar! E João do Rio não teve alternativa: com dor de coração fechou as portas de sua coluna. Para sempre. Ela ficou como um episódio bizarro na sua vertiginosa vida.

3. O Conselheiro XX, ainda

Entre minhas mais antigas leituras está Humberto de Campos (1886/1934), cujas obras completas conservo em minha casa de praia. Na verdade, nunca o abandonei, repassando de forma esporádica seus escritos. Mas, de uns tempos para cá, comecei a olhar trechos e acabei relendo, em seqüência, quatro de seus livros. Os dois últimos foram “Fragmentos de um Diário” e “Um Sonho de Pobre”, indicando que dei preferência, sem muito escolher, à sua obra autobiográfica. Quanto mais lia, mais me convenciam de que gritante injustiça é o esquecimento a que está entregue esse extraordinário escritor.

Teve uma infância pobre, quase miserável, trabalhando nos mais humildes serviços, em situações até humilhantes. Mas, à custa de talento e esforço, tudo conquistou, ingressando na Academia Brasileira de Letras com cerca de 40 anos e exercendo por duas vezes o mandato de deputado federal, cargo que lhe cassou a Revolução de 1930. Contista, crítico, ensaísta, poeta e, acima de tudo, cronista, tornou-se um dos mais poderosos homens de imprensa do país, cuja palavra fazia reputações ou destruía falsos mitos. Com o pseudônimo de Conselheiro XX, alcançou grande notoriedade; era festejado, respeitado e temido. Talvez em decorrência da dureza da vida vivida, tomou-se de um pessimismo negro que se foi agravando no correr dos anos, ainda mais quando a cegueira se abateu sobre ele, tirando-lhe a visão aos poucos, de forma implacável e incurável.

“É que, na infância, o que se ouve, ou o que se vê, não sobe para o cérebro: desce para o coração, e aí fica escondido” – escreveu ele, talvez numa tentativa de se justificar. Considerando a brutalidade dos grandes centros (já naquela época!), pensou: “E eu fico a pensar, intimamente, o que será mais doloroso: se permanecer, até à morte, na pequena terra em

que se nasceu, sem jamais vir olhar aqui fora o oceano tumultuoso da civilização larga, ou regressar à vida simples e sossegada de uma obscura cidade sertaneja depois de haver provado os entontecedores venenos do mundo. . .” Analisando as injustiças cotidianas, filosofou: “Vêm-me à idéia, então, certas vidas, certas existências longas e obscuras, - fios de seda, trabalhados na sombra, e que só merecem o apreço dos homens depois de cortado pela tesoura da Morte o fio precioso de que elas se constituíram.”

Escritos sob o impacto de terríveis dores que o matariam antes dos 50, quando seus horizontes, dia a dia, se reduziam, tomados pelas sombras da cegueira, neles não há queixas ou lamentações, apenas uma espécie de contida autocomiseração. “A vida está se tornando um fardo, dia a dia, mais pesado e terrível. Eu queria a vida principalmente para consagrá-la às minhas letras, à realização de uma obra de profundo alcance humano que trazia no pensamento. Isso se tornou impossível.” E mais adiante: “Essas reflexões temperadas por Schopenhauer prepararam-me para morrer com sabedoria. Deitar-me-ei na mesa como quem se deita num leito macio, para um sono largo e feliz. Se o sono for bom, para que despertar?”

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
R\$ 15,00 (anos 60)
R\$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2004 (Tomo 45). Anexo a este cupom, a quantia de R\$00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

- () Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos
- () Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: Número do Cheque:

Dados do Assinante:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cx. Postal: _____
CEP: _____ - _____ Fone para contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

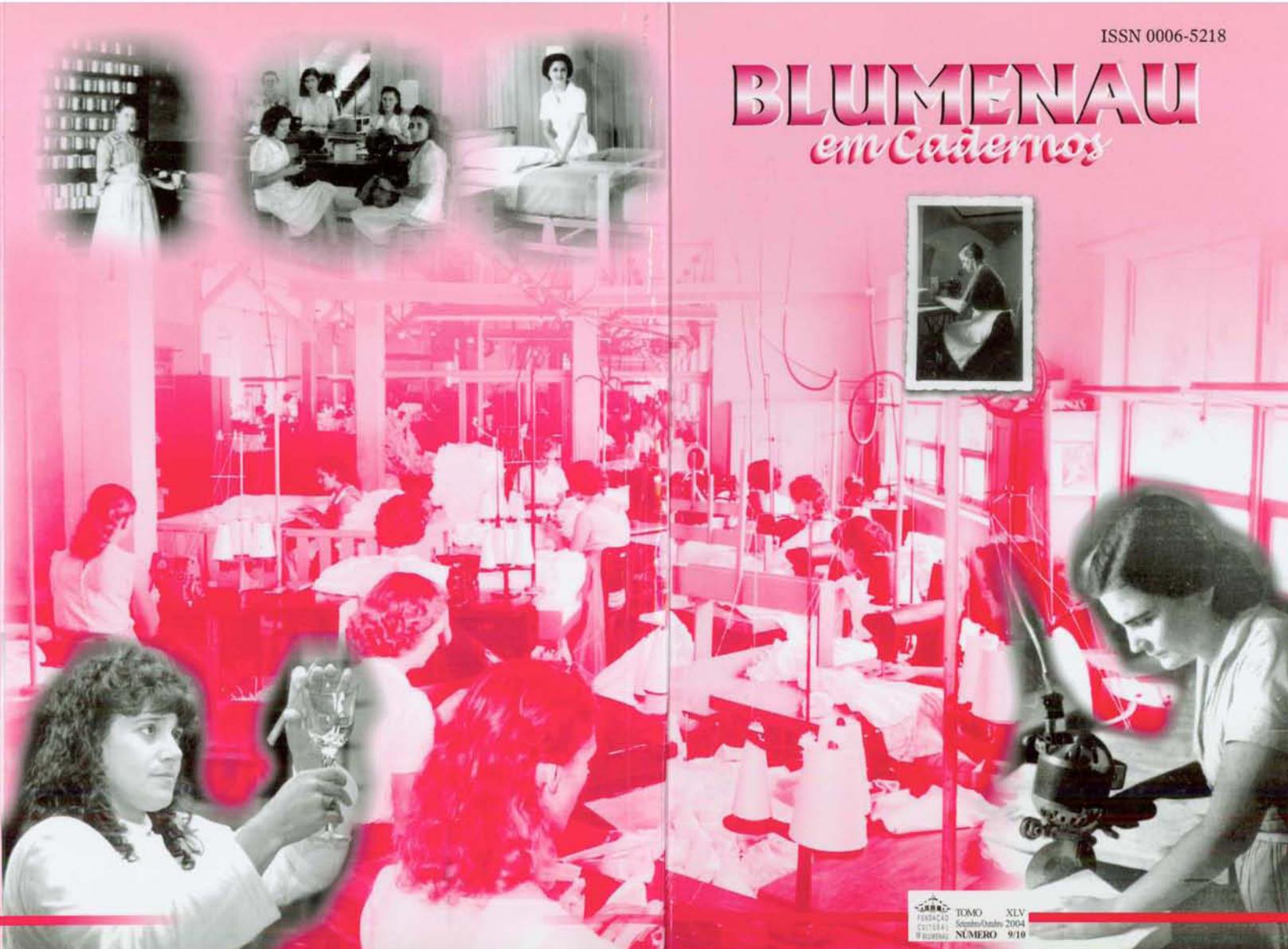
Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - - Fone: (47) 326-6990 – Fax (47) 222-2259
Blumenau (SC) – E-mail: funculbl@terra.com.br

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos



Unidades
Culturais

Arquivo Histórico
Prof. José Ferreira da Silva
funcubli@terra.com.br

Mausoléu
Dr. Blumenau

Museu
da Família Colonial

Centro Cultural
da Vila Itoupava

Escola n° 1

Vapor Blumenau

Biblioteca Pública
Dr. Fritz Müller

Museu
de Arte de Blumenau

Galeria
Municipal de Arte

Centro de Publicação,
Documentação e
Referência em Leitura

Editora
Cultura em Movimento
ecmfcbli@terra.com.br

www.fundacaoculturaldeblumenau.com.br

BLUMENAU

em Cadernos

TOMO XLV
Setembro/Octubre de 2004
N° 9/10

Apoio Cultural:

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

43 S/A Gráfica e Editora

FUNDAÇÃO
CULTURAL
DE BLUMENAU
TOMO XLV
Setembro-October 2004
NÚMERO 9/10

